

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PATRÍCIA CÁCIA VIEIRA

**ANÁLISE DE TEXTO HUMORÍSTICO À LUZ DO INTERACIONISMO
SOCIODISCURSIVO: O HUMOR A PARTIR DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO E
DAS VOZES**

DISSERTAÇÃO

PATO BRANCO

2022

PATRÍCIA CÁCIA VIEIRA

**ANÁLISE DE TEXTO HUMORÍSTICO À LUZ DO INTERACIONISMO
SOCIODISCURSIVO: O HUMOR A PARTIR DO CONTEXTO DE PRODUÇÃO E
DAS VOZES**

**Humorous text analysis in the light of sociodiscursive interactionism:
humor from the context of production and the voices**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *Campus* Pato Branco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagem, Educação e Trabalho.

Orientadora: Prof^a Dr^a Siderlene Muniz-Oliveira

PATO BRANCO

2022



Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É a licença mais flexível de todas as licenças disponíveis. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.



PATRICIA CÁCIA VIEIRA

**ANÁLISE DE TEXTO HUMORÍSTICO À LUZ DO INTERACIONISMO
SOCIODISCURSIVO: O HUMOR A PARTIR DO CONTEXTO DE
PRODUÇÃO E DAS VOZES**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).
Área de concentração: Linguagem, Cultura E Sociedade.

Data de aprovação: 30 de Março de 2022

Prof.a Siderlene Muniz Oliveira, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Adriana Cintra De Carvalho Pinto, Doutorado - Universidade de Taubaté (Unitau)

Prof.a Didiê Ana Ceni Denardi, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Leticia Lemos Gritti, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dedico este trabalho

*Às pessoas mais importantes da minha
vida Isabella, Mariana e Everaldo.*

Grata por tanto amor e compreensão!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, presença constante em minha vida que, nos momentos de angústia e fraqueza, por meio do mistério da sua existência, não deixou que eu desistisse dos meus sonhos.

À minha família, minha mãe e minhas irmãs, pelo apoio e incentivo durante toda a minha caminhada. Ao meu pai, *in memoriam*, minha fortaleza e fonte de inspiração, sempre!

Às minhas filhas, Isabella e Mariana, que apesar da pouca idade, compreenderam a minha ausência em muitos momentos que se fizeram necessários para o cumprimento desta jornada.

Ao meu esposo, Everaldo, pelo apoio incondicional às minhas escolhas, às minhas ausências e pelo suporte generoso e amor repleto de compreensão.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Siderlene Muniz Oliveira, pelos muitos ensinamentos e pela generosidade, pela paciência e compreensão, pelos gestos e palavras de incentivo em relação aos percalços que surgiram no decorrer desta caminhada, pelas reflexões que redirecionaram meus pensamentos e ações enquanto professora.

Às professoras doutoras que participaram da minha banca Adriana Cintra de Carvalho e Letícia Lemos Gritti pelas importantes contribuições ao meu trabalho. À Prof^a Dr^a Didiê Ana Denardi pelas contribuições valorosas e também essenciais para o andamento da pesquisa.

Aos professores do PPGL, que tanto me ensinaram, não apenas academicamente, como também me fizeram enxergar o mundo por outras perspectivas. Insinamentos que levarei para a vida!

Aos colegas de Mestrado, pelos momentos de partilha e companheirismo durante o curso das disciplinas pelas valiosas trocas e conselhos, em especial à Eydie, amiga querida, que esse precioso caminhar me concedeu.

Aos amigos, que me apoiaram de muitas maneiras desde o início desta caminhada, com palavras de incentivo e de carinho, por ouvirem minhas lamentações e, em alguns momentos até frustrações, não me deixando jamais desistir desse sonho tão almejado.

Enfim, a todos e à vida, o meu muito obrigada!

Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente.

(Bakhtin, 2011, p. 330)

VIEIRA, Patrícia Cácia. *Análise de texto humorístico à luz do interacionismo sociodiscursivo: o humor a partir do contexto de produção e das vozes*. 2022. 112 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2022.

RESUMO

Em um mundo cada vez mais tecnológico no qual a comunicação dá-se por meio de um clique, percebe-se a importância de abordarem-se gêneros que circulam na esfera midiática, seguindo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC–BRASIL, 2018). Este documento orienta que o estudo do gênero de texto siga uma perspectiva enunciativo-discursiva, tratando o ensino de maneira contextualizada e utilizando-se das diversas mídias como ferramentas educacionais. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral realizar um estudo sobre alguns fenômenos linguístico-discursivos em um texto humorístico retirado de um *blog* da esfera midiática digital. Partimos da problemática de que, muitas vezes, os alunos têm dificuldades para compreender o humor em textos como o que analisamos. Inclusive, por esse motivo, podem ser compartilhados, por meio das mídias sociais, com outros propósitos, sem a identificação do efeito de humor. Para o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos embasamento teórico-metodológico no interacionismo sociodiscursivo, principalmente em Bronckart (1999), Schneuwly e Dolz (2011), entre outros, como, por exemplo, para conceituar a ironia, buscamos concepções em Brait (2008); em relação ao humor, apoiamos-nos em Possenti (2010); para tratar da ideologia, buscamos conceitos principalmente em Chauí (2008) e Volochínov (2017); sobre vozes, apoiamos-nos em Maingueneau (1997, 2004), dentre outros. Como procedimentos metodológicos, primeiramente, fizemos uma pré-seleção de textos do *blog The Piauí Herald*, que compreende o período de março de 2020 a junho de 2021, sendo selecionado um texto produzido em um contexto de uma pandemia chamada Covid-19, tendo esta temática. Delimitamos como objetivos específicos caracterizar o contexto de produção do texto, descrever o seu plano geral, discorrendo sobre como o conteúdo é organizado e, principalmente, buscando identificar e interpretar as vozes encontradas no texto humorístico. Os resultados mostram que, para compreender-se os efeitos de humor do texto analisado, é essencial entender o contexto sócio-histórico em que ele foi produzido, sendo necessário um estudo minucioso. Verificamos que o texto humorístico traz à tona questões polêmicas referentes às práticas sociais de maneira irônica e bem-humorada por meio de sua organização textual e dos elementos verbais e não verbais que o compõe. Constatamos que, mediante a identificação e a interpretação das vozes, são reveladas ideologias e críticas acerca de temas que fazem parte das relações sociais, que podem levar o sujeito/leitor a refletir sobre as diversas situações do cotidiano. Espera-se que esta pesquisa contribua com outros estudos semelhantes e com o trabalho do professor de Língua Portuguesa, que poderá utilizá-la como ferramenta para o ensino de leitura e para a elaboração de material didático, seja a partir do texto aqui analisado ou de outros gêneros textuais que circulam nas mídias digitais.

Palavras-chave: Texto humorístico; vozes; humor; ironia; mídias digitais.

VIEIRA, Patrícia Cácia. *Humorous text analysis in the light of sociodiscursive interactionism: humor from the context of production and the voices*. 2022. 112 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2022.

ABSTRACT

In an increasingly technological world in which communication takes place through a click, it is perceived the importance of approaching genres that circulate in the media sphere, following the guidelines of the National Common Curriculum Base (BNCC, BRAZIL, 2018). This document guides the study of the textual genre to follow an enunciative-discursive perspective, treating teaching work in a contextualized way and using the various media as educational tools. In this sense, this research has as its general objective to conduct a study on some linguistic-discursive phenomena in a humorous text taken from a blog of the digital media sphere. We started from the problem that students often have difficulties in understanding humor in texts such as the one we analyzed. Including, for this reason, they can be shared, through social media, for other purposes, without identifying the effect of humor. For the development of this research, we sought theoretical and methodological basis in sociodiscursive interactionism, especially in Bronckart (1999), Schneuwly and Dolz (2011), among others, such as to conceptualize irony, from which we sought conceptions in Brait (2008), among others; in relation to humor, we relied on Possenti (2010), among others; to deal with ideology, we sought concepts mainly in Chauí (2008) and Volochínov (2017); on voices, we relied, among other authors, on Maingueneau (1997, 2004). As methodological procedures, we first made a pre-selection of texts from the blog The Piauí Herald, which comprises the period from March 2020 to June 2021, being selected a text produced in a context of a pandemic called Covid-19, having this theme. We delimited as specific objectives to characterize the context of text production, describe its general plan, discussing how the content is organized and, mainly, seeking to identify and interpret the voices found in the humorous text. The results show that, in order to understand the effects of humor in the analyzed text, it is essential to understand the socio-historical context in which it was produced, requiring a detailed study. We verified that the humorous text brings up controversial issues related to social practices in an ironic and humorous way through its textual organization and the verbal and non-verbal elements that compose it. We found that, through the identification and interpretation of voices, ideologies and criticisms are revealed about themes that are part of social relations, which can lead the subject/reader to reflect on the different situations of everyday life. It is expected that this research will contribute to other similar studies and to the work of the Portuguese language teacher, who will be able to use it as a tool for teaching reading and for the elaboration of didactic material, either from the text analyzed here or from other textual genres that circulate in digital media.

Keywords: Humorous text; voices; humor; irony; digital media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Texto humorístico analisado	67
Figura 2: Imagem não verbal do texto	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Demonstrativo de algumas vozes identificadas no texto	85
Quadro 2: Objetos de conhecimento e habilidades conforme a BNCC (2018)	89

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEO – Chef Executive Officer / Diretor Executivo

DEPECON – Departamento de Economia

ISD – Interacionismo Sociodiscursivo

OMS – Organização Mundial da Saúde

PPGL – Programa de Pós Graduação em Letras

SABESP – Companhia de Abastecimento de São Paulo

STF – Superior Tribunal Federal

TDICs – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. CAPÍTULO 1	25
1.1. O Interacionismo Sociodiscursivo	25
1.1.1. Ironia como vozes	32
1.1.2. O Humor e a Ironia	33
1.1.3. Significação e Sentido	38
1.2. Esferas da atividade humana e gêneros discursivos	43
1.2.1. A atividade humana jornalística	47
1.2.1.1. Gênero opinativo no universo jornalístico	50
2. CAPÍTULO 2: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
2.1. O texto analisado	53
2.2. Objetivos da pesquisa	53
2.3. Procedimentos de análise dos dados	54
3. CAPÍTULO 3: ANÁLISE DE DADOS	59
3.1. Contexto sócio-histórico	59
3.1.2. O que é Covid? Onde surgiu?	61
3.1.3. Governo federal, estados e municípios	62
3.2. Contexto de produção	64
3.3. O plano geral do texto	66
3.4. Identificação e análise das vozes	69
3.5. Síntese das análises	82
4. CAPÍTULO 4: SUGESTÃO DE ATIVIDADES DIDÁTICAS	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	105
ANEXO	111

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da área de concentração “Linguagem, Cultura e Sociedade”, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), *Campus* Pato Branco, e insere-se na linha de pesquisa “Linguagem, Educação e Trabalho”, uma vez que serão analisados fenômenos linguístico-discursivos em textos que circulam na sociedade, em especial, nas mídias digitais e que, portanto, podem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem de línguas. Ele está vinculado ao projeto de pesquisa “Integração e interação entre as diferentes esferas sociais: universidade, escola, família” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2014), coordenado pela professora doutora Siderlene Muniz Oliveira, orientadora deste trabalho.

O objetivo maior desse projeto é investigar problemas da sala de aula da rede pública de ensino. Nesse sentido, nossa pesquisa vai ao encontro desse objetivo, pois trata de problemas relacionados à compreensão de fenômenos linguístico-discursivos presentes em textos humorísticos. Dentre as pesquisas que integram este projeto, podemos destacar o trabalho de Testa (2019), o qual será retomado mais adiante, que faz um estudo sobre as representações do discurso do professor no gênero meme e destaca as dificuldades de leitura dos alunos para compreender esse gênero, uma vez que nele predomina o humor e a ironia.

O objetivo geral desta pesquisa é realizar um estudo sobre alguns fenômenos linguístico-discursivos, que serão especificados mais adiante, em um texto humorístico retirado de um *blog* da internet. Nossa pesquisa poderá contribuir com professores de língua portuguesa, servindo como ferramenta didática para que estes possam abordar os diversos gêneros textuais, em especial, aqueles que circulam nas mídias digitais, e auxiliá-los no que concerne à questão da leitura.

A leitura, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC-BRASIL, 2018), compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão da língua, tendo como objetivo principal, a partir de uma concepção interacionista, desenvolver, por meio da leitura de diversos gêneros (escritos, orais, midiáticos, imagens, vídeos etc.), a interpretação, a reflexão e a reconstrução de sentidos. Ler vai além da decodificação. As práticas de leitura devem ser realizadas de maneira contextualizada e diversificada para que o aluno consiga desenvolver habilidades de maneira autônoma que o levem a desenvolver procedimentos de leitura e

reconhecimento de gêneros que circulam nas diversas esferas da atividade humana (BRASIL, 2018).

A BNCC (BRASIL,2018) é o documento oficial que atualmente normatiza o ensino no Brasil. Sendo assim, esse documento traz várias competências específicas de linguagens para o ensino fundamental. Dentre elas, destacamos a competência 2, a qual enfatiza as diversas práticas de linguagem em diferentes campos da atividade humana, sendo de fundamental importância que o aluno consiga:

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 65).

No caso da Língua Portuguesa, a BNCC (BRASIL, 2018) busca atualizar o currículo com base em pesquisas recentes da área e também levando em conta as transformações ocorridas ao longo dos últimos anos, principalmente no tocante às tecnologias digitais da informação e da comunicação. Essa proposta, concebe o ensino do texto numa perspectiva dialógica da linguagem, uma vez que sua abordagem enunciativo-discursiva deve estar relacionada com o contexto de produção e com o desenvolvimento de habilidades que sejam significativas em relação à leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BRASIL, 2018, p. 67).

Levando em conta que, segundo a BNCC (BRASIL, 2018), o componente curricular Língua Portuguesa deva proporcionar ao estudante a ampliação dos seus conhecimentos/letramento nas diversas práticas sociais, tem de ser proporcionado ao estudante o contato com novos gêneros e textos multissemióticos e multimidiáticos. À escola cabe o direcionamento ético dessas práticas de linguagem contemporâneas para que o aluno conheça e faça uso das ferramentas que estão à sua disposição de maneira que o auxilie no desenvolvimento humano e acadêmico e o prepare para as relações sociais de maneira crítica e atuante. Nesse sentido, é de fundamental importância para o processo de modernização da educação, bem como para a inserção do estudante neste “novo mundo” das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), que essas novas práticas de linguagem sejam abordadas. Para a BNCC (BRASIL, 2018), não se trata de abandonar os gêneros

ditos tradicionais, mas, sim, aliar sua abordagem aos novos gêneros, que surgem a partir das tecnologias midiáticas e que estão democraticamente à disposição de todos, configurando, assim, um aprendizado significativo a partir de práticas digitais contemporâneas.

Nesse entendimento, a leitura deve ser desenvolvida, a partir de práticas de uso e reflexão, sendo compreendida em um sentido amplo, ou seja, indo além do texto escrito e contemplando as diversas semioses relacionadas a imagens estáticas ou em movimento e ao som, que estão diretamente ligadas aos diversos gêneros digitais (BRASIL, 2018, p. 72).

À vista disso, ressalta-se a importância de trabalhar-se com os diversos gêneros, as práticas de linguagem e com a mídia digital, que estão conectados aos vários campos da atividade humana, levando em conta, segundo o documento, as condições de produção do texto, o contexto sócio-histórico de circulação, assim como os elementos que compõem a relação leitor/leitura: objetivos, pontos de vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, etc; também, analisar a circulação do gênero em questão e suas funções relacionadas ao campo de atividade, seus diferentes agentes e as relações de determinação desses elementos sobre a construção composicional, as marcas linguísticas ligadas ao estilo e o conteúdo temático dos gêneros (BRASIL, 2018, p. 72).

A BNCC (BRASIL, 2018) traz vários campos de atividade humana, objetos de conhecimento e habilidades. Dentre essa gama, podemos destacar os gêneros que circulam na esfera digital que surgem em decorrência da evolução tecnológica e pelas necessidades impostas por essa evolução, como praticidade, rapidez e interação (imediate ou não). Alguns exemplos de suportes desses gêneros digitais são *blogs/microblog*, *sites*, redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* etc. Dentre os inúmeros gêneros que circulam nesse meio, estão os vlogs, memes, *posts* em redes sociais, charges, paródias de diferentes tipos, textos humorísticos que tomam diversas formas etc. Diante disso, o documento deixa claro que é necessário se trabalhar com os diversos gêneros da esfera digital, de forma a fazer com que o aluno esteja apto a compreendê-los, a refletir sobre eles e suas funções e relacioná-los com as práticas sociais.

Importante destacar que o professor deve levar em conta as diversas realidades dos seus alunos. Sabemos que muitos têm contato direto com a *internet* e, conseqüentemente, com os incontáveis gêneros que ali circulam; porém,

sabemos, também, que existem realidades diferentes onde há aqueles que têm contato com os meios digitais apenas na escola. Nesse sentido, cabe ao professor proporcionar, no ambiente escolar, a mediação dos conhecimentos distintos de seus alunos para a inclusão digital de todos, tendo em vista a inegável importância dessa prática na contemporaneidade.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018), o trabalho com uma diversidade de gêneros permite que se desenvolva no aluno habilidades que são necessárias para uma leitura compreensiva e autônoma de maneira que, progressivamente, se possa despertar nele maiores interesses em relação à leitura de outros gêneros ou mais complexos, levando-o a desbravar o mundo tecnológico. Sendo a escola o lugar de desenvolvimento do conhecimento (prévio e adquirido) e considerando que as leituras praticadas por estudantes se dão, em grande proporção, por meio das mídias digitais, é de suma importância que seja desenvolvida a cultura digital na escola.

A leitura significativa de um texto passa pela compreensão de mundo do sujeito-leitor. Essa compreensão efetiva-se a partir do momento em que esse sujeito-leitor se compreende como parte do contexto sócio-histórico em que está inserido. Para a BNCC (BRASIL, 2018), é de fundamental importância que, ao abordar os gêneros textuais em sala de aula, estes devem ser contextualizados levando em conta a vivência do aluno e o contexto de produção desses textos.

A BNCC (2018) traz em seu documento um conjunto de inúmeras habilidades a serem desenvolvidas no aluno durante o ensino fundamental. Dentre essas, destacam-se as habilidades relativas à cultura digital que visa familiarizar o estudante com as diversas possibilidades que esse meio pode proporcionar de forma ética, consciente e crítica, devendo ser oportunizado ao aluno condições de produção e recepção de textos que circulem nos diversos campos de atividade humana.

Analisar os contextos de produção de diferentes gêneros textuais é de fundamental importância, incluindo, necessariamente, os contextos dos gêneros digitais, pois possibilitam ao sujeito-leitor o desenvolvimento de habilidades que proporcionem a reflexão necessária para que consiga se posicionar criticamente frente às questões polêmicas que se apresentem no cotidiano. Além disso, possibilita que o sujeito amplie seus conhecimentos de maneira contextualizada, relacionando o texto ao papel social que este desempenha, entendendo ideologias

decorrentes de posicionamentos político-sócio-culturais dos autores e do meio ao qual se relaciona.

Considerar, por exemplo, a relação dialógica entre textos viabiliza que se identifique as vozes presentes nos discursos que compõem o texto, sendo de fundamental importância. Uma análise aliada ao (re)conhecimento do contexto de produção e às relações que o texto analisado propõe com outros textos, verbais e não verbais, oferece subsídios para a identificação dos efeitos de sentido que as diversas vozes suscitam, como, por exemplo, o uso do discurso direto e indireto que pode ser constatado por intermédio de marcas linguísticas. Outra maneira de compreender-se os efeitos de sentido, como se refere a BNCC (BRASIL, 2018, p. 73), pode ser por meio da verificação de elementos implícitos, como palavras ou expressões que revelam ironia e humor. Esses elementos, por sua vez, dependem, em grande parte, do entendimento do contexto em que foi produzido.

Em relação ao desenvolvimento de procedimentos de leitura, orientadas pela BNCC (BRASIL, 2018), entre as várias habilidades a serem desenvolvidas, a leitura de um texto deve ser direcionada de maneira a proporcionar uma compreensão autônoma, estabelecendo relações entre os conhecimentos prévios (relacionados ao gênero proposto e aos elementos que o circundam e também ao suporte) e o contexto sócio-histórico em que foi produzido; estabelecendo expectativas, levando em conta os conhecimentos prévios, o gênero textual e as diversas linguagens que o compõe; inferindo ou deduzindo informações implícitas; inferindo ou deduzindo, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas; articulando a linguagem verbal com os elementos não verbais presentes no texto; por fim, buscando selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos (BRASIL, 2018, p. 74).

A BNCC (BRASIL, 2018) orienta, ainda, que o aluno deve aderir às práticas de leitura de modo que consiga se envolver com os diversos gêneros que lhe são apresentados, inclusive em relação aos textos que circulam nas mídias digitais, como já mencionado, assim refletindo e ressignificando sua compreensão de mundo e seu papel social.

Em relação a algumas habilidades mencionadas pela BNCC (BRASIL, 2018), podemos destacar o trabalho de Testa (2019), que tem como objetivo analisar como o trabalho do professor é representado em um gênero digital que circula no *Facebook*: o gênero meme. O meme é um gênero que circula na esfera digital e

pode acarretar em dificuldades de compreensão leitora por parte dos alunos, uma vez que esse gênero traz consigo os recursos do humor e da ironia em sua composição e os alunos nem sempre identificam suas representações.

Em um estudo feito a partir da análise dialógica do discurso, a pesquisadora identifica as vozes presentes nos textos analisados a fim de revelar como o trabalho do professor é concebido e visto pela sociedade, com o intuito de levar os indivíduos a refletirem criticamente sobre esse tema. A partir das análises realizadas, Testa (2019) identificou, em sua pesquisa, elementos como o humor e a ironia nos discursos e as vozes presentes nos memes analisados. Assim, buscou analisar como a interação e as relações dialógicas acontecem nos memes e, a partir da identificação das vozes presentes nos textos, buscou identificar as valorações refletidas e refratadas no trabalho do professor. Testa (2019) verificou, em sua pesquisa, que as vozes que compõem os enunciados dos memes trazem consigo valores e ideologias que podem ser retratados por meio do humor e da ironia presentes, implicitamente, nesses discursos e identificados a partir do contexto sócio-histórico.

A pesquisa de Testa (2019) está em consonância com o que preconiza a BNCC (BRASIL, 2018), que prescreve que se deve identificar e refletir sobre as diferentes vozes presentes nos textos e sobre os efeitos de sentido provocados pelo uso dos discursos (direto, indireto, pré-construídos etc.). Abordar a questão da identificação das vozes, em sala de aula, é de suma importância, uma vez que revela ideologias e valores inerentes aos contextos sociais vigentes e contribui para despertar a reflexão e a criticidade em relação às temáticas abordadas nos textos analisados. Ao identificar e interpretar as vozes a partir do contexto de produção, o sujeito (leitor) consegue desenvolver uma percepção crítica frente aos assuntos que são retratados nos textos analisados.

Tendo em vista que sou professora de Língua Portuguesa da rede estadual de educação do Paraná e atuo nos ensinos fundamental e médio há vários anos, percebo as dificuldades que muitos estudantes possuem na questão da leitura crítica e até mesmo na identificação de determinados gêneros textuais. Diante disso, no desenvolvimento desta pesquisa, minha visão sobre os aspectos aqui expostos teve um direcionamento voltado para a questão da identificação das vozes, dos discursos direto, indireto, estrangeirismo, ironia, humor, além do contexto de produção, haja vista a sua importância para o ensino de leitura tanto no ensino fundamental quanto

no ensino médio. Levar o aluno a refletir sobre o contexto de produção dos textos pode fazer com que ele consiga identificar as vozes e os sentidos expressos pelos mesmos, assim como compreender de maneira mais significativa que essas vozes são carregadas de ideologias, valores e significados decorrentes das diversas circunstâncias em que estão inseridas. É esse tipo de leitura que, a meu ver, deve ser conduzida em sala de aula, para que nossos alunos se tornem cidadãos reflexivos e críticos frente às diversas situações que nos são apresentadas cotidianamente.

Assim como há dificuldades de compreensão em memes (TESTA, 2020), em especial, por conta da presença do humor e da ironia, também pode haver dificuldades na compreensão de outros textos humorísticos. Portanto, fazem-se necessárias pesquisas que investiguem as características linguístico-discursivas em textos humorísticos variados como forma de subsidiar o trabalho do professor, para que este consiga buscar métodos que visem desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos para essa compreensão. A BNCC (BRASIL, 2018), desse modo, orienta que uma das habilidades necessárias para a compreensão de textos de variados gêneros, inclusive os textos humorísticos que circulam nas mídias digitais, é identificar os efeitos de sentido expressos pela ironia e pelo humor que, muitas vezes, se apresentam de maneira implícita nesses textos (BRASIL, 2018, p. 73).

Ao abordarmos a temática de textos digitais de humor, fizemos uma pesquisa em relação a estudos anteriores sobre o assunto. Nesse sentido, podemos destacar a relevância de alguns trabalhos, como, por exemplo, o de Oliveira (2019), no qual a autora destaca, a partir da análise de um texto retirado do site humorístico *Sensacionalista*, a identificação do humor nesse texto, analisando-o a partir do contexto de produção e das vozes inseridas em seu discurso. A autora destaca o papel social desses discursos, representados por intermédio do humor e da ironia, que podem proporcionar uma leitura crítica diante de fatos parodiados. A pesquisadora apresenta estudos teóricos embasados no interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 1999) e salienta que o desenvolvimento das capacidades e operações de linguagem possui fundamental importância no desenvolvimento dos diversos gêneros discursivos (OLIVEIRA, 2019). A autora concebe o texto humorístico desse site como sendo um gênero moderno,

amplamente difundido na *internet* e nas diversas redes sociais que aí estão, à disposição de todos que possuem acesso.

Outra importante pesquisa é a de Rocha (2017), que traz, em sua dissertação, um estudo realizado referente à paródia satírica no site *Sensacionalista*. O autor busca trazer uma compreensão de como o site de humor apropria-se de notícias veiculadas por meios de comunicação considerados idôneos, que têm o papel de transmitir informações verídicas, satirizando-as e, ao mesmo tempo, criticando as mídias que as produzem. Ele faz uma contextualização de elementos fundamentais na composição do gênero, também abordando o humor e a ironia, e explica como esses elementos são fundamentais na compreensão da crítica por meio da sátira. O pesquisador faz um apanhado histórico, em relação ao humor, ao riso e à comicidade, perpassando desde a Grécia Antiga até os nossos dias, definindo como esses elementos se desenvolvem nas mídias em geral. Assim, um aspecto relevante encontrado no estudo de Rocha (2017) é o relacionado ao humor enquanto recurso crítico que, espera-se, seja reconhecido pelo leitor que, mediante sua vivência e relações em sociedade, vai construindo suas compreensões e conceitos.

Assim como esses autores, Oliveira (2019) e Rocha (2017), interessam-se por textos de humor, esta pesquisa também se interessa por texto humorístico, pois, como afirma Possenti (2010), apesar de parecer que tudo já foi dito sobre o humor, podemos entender que há muito ainda para se dizer, no sentido de que as relações em sociedade não são estáticas e os avanços tecnológicos contribuem para que as mudanças ocorram.

Oliveira (2019) destaca a importância de compreender-se o contexto de produção em vista da identificação do humor e de todos os elementos que fazem parte desse contexto (autor, receptor, tempo, espaço, assunto, objetivos etc.). A autora destaca ainda, em seu trabalho, o papel das vozes reais e fictícias, implícitas e explícitas que caracterizam o texto de humor.

Rocha (2017), por sua vez, aborda o texto de humor com o intuito de contar a história do humor e discorre, em seu trabalho, sobre a importância da crítica à mídia como um todo, salientando o papel de sites especializados nesse tipo de texto (no caso, o *Sensacionalista*) em relação ao desenvolvimento crítico da sociedade, principalmente, em tempos de expansão midiática. O autor faz uma análise do site de humor revelando aspectos voltados à crítica da mídia e a seus conteúdos.

Embora os estudos supracitados contribuam imensamente com abordagens referentes ao objeto da nossa pesquisa, o texto humorístico, entendemos que muito ainda pode ser explorado. Buscamos, por meio desta pesquisa, dar continuidade às temáticas salientando a importância das pesquisas sobre vozes representadas nos diversos discursos dos textos humorísticos. Considerando que a BNCC (BRASIL, 2018) propõe que o texto seja trabalhado, em sala de aula, em uma perspectiva enunciativo-discursiva, relacionando-o com o contexto em que foi produzido, deve-se utilizar as diversas ferramentas midiáticas que nos são oferecidas com o intuito de proporcionar ao estudante uma ampliação do letramento midiático de forma ética e significativa, visando despertar nele o senso crítico nas diversas práticas sociais em que estiver inserido (BRASIL, 2018, p. 68).

Nesse sentido, reafirmamos a importância de analisar-se o texto partindo do contexto de produção como forma de identificar as vozes presentes nos discursos que o compõe (discurso direto e indireto, ironia, estrangeirismos, pré-construídos etc.), em gêneros da mídia digital, que podem servir como ferramenta para contribuir com o trabalho do professor em sala de aula, assim como para que o professor ou pesquisador possa desenvolver material didático que colabore com o processo de ensino-aprendizagem com foco no ensino de leitura.

Assim, pretendemos analisar um texto humorístico, extraído do *blog The Piauí Herald*, que é um site especializado em textos de humor. Seleccionamos o texto humorístico a partir da delimitação temática “pandemia da Covid-19”, que será explicada no capítulo 3, pois julgamos ser um contexto real, inusitado e significativo vivido não apenas pela população brasileira como também pela população mundial a partir do ano 2020 até o momento atual. Analisaremos, no texto selecionado, o contexto de produção, o plano geral e as vozes identificadas. Pretendemos, a partir dessa análise, compreender, principalmente, as vozes que nos levam a entender questões relacionadas à atividade humana conexas a situações de comunicação em face das relações sócio-históricas do agir humano.

Sendo assim, elencamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Caracterizar o contexto de produção do texto humorístico selecionado;
- 2) Descrever o plano geral do texto, ou seja, discorrer como o conteúdo é organizado;
- 3) Identificar e interpretar as vozes encontradas no texto humorístico.
- 4) Elaborar atividades didáticas, após análises realizadas.

Para embasar teoricamente nossos estudos, definimos o interacionismo sociodiscursivo, que concebe a linguagem numa perspectiva social; para isso, elegemos, em especial, Bronckart (1999) e Schneuwly e Dolz (2011) para este estudo, entre outros.

Segundo essa abordagem, Schneuwly e Dolz (2011) apresentam a ideia de que “o gênero é utilizado como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, principalmente no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p. 61).

Segundo os autores, as práticas de linguagem, que estão relacionadas com os contextos sociais e as experiências humanas, servem como mediadoras, por meio da linguagem, entre os contextos particulares e os contextos sociais gerais. Em relação às atividades de linguagem, estas se desenvolvem em situações de interação comunicativa entre o sujeito e o meio em que ele estabelece suas relações. As situações de comunicação apresentam-se como o eixo central do desenvolvimento dessas atividades na medida em que configuram ações de linguagem, gerando, segundo os autores, “diversas capacidades por parte do sujeito” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p.63): capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas (DOLZ; PASQUIER; BRONCKART, 1993). O desenvolvimento dessas capacidades, segundo os autores, encontra-se no meio social em que estão inseridos, cabendo ao meio escolar desenvolver procedimentos de ensino para aprimorar tais capacidades, tanto para o ensino da produção de texto quanto de leitura.

Segundo Muniz-Oliveira (2013, p. 81), “para o ISD as operações de linguagem compreendem os processos particulares para a produção de um texto ou ação de linguagem”, constituindo o sujeito historicamente. Nesse sentido, as capacidades de linguagem buscam apresentar possíveis propostas que sirvam de reflexão para o desenvolvimento de atividades para que possam subsidiar o trabalho do professor em sala de aula no que diz respeito ao ensino de leitura e da produção textual, oral ou escrita. Assim, esta pesquisa pode contribuir como ferramenta didática para o trabalho do professor, oferecer subsídios para atividades didáticas ou elaboração de material didático para o ensino de leitura de textos, desenvolvendo as capacidades de linguagem dos alunos.

Para atingir nossos objetivos, o trabalho está dividido em três capítulos. No capítulo 1, apresentaremos os pressupostos teóricos e alguns conceitos abordados

ao longo da pesquisa. Primeiramente, abordamos aspectos relacionados ao interacionismo sociodiscursivo pautado nos estudos de Bronckart (1999), Schneuwly e Dolz (2011), Muniz-Oliveira (2014), entre outros autores que seguem a mesma linha teórica, os quais concebem o homem como ser social que, a partir da interação com o meio, molda sua história. Em seguida, traremos autores como Maingueneau (1997, 2004) para embasar nossa pesquisa em relação às vozes; para falar sobre humor e ironia, utilizaremos os pressupostos de Possenti (2010), Rocha (2017) e Brait (2008), entre outros autores de relevância. Outros autores que fundamentam nossa pesquisa são Volochínov (2017) e Chauí (2008), que trazem concepções sobre significação e sentido e também sobre ideologia. Em relação aos gêneros discursivos/textuais, traremos, principalmente, as concepções de Bakhtin (2011) e Machado (2020); em relação às concepções que se referem à atividade jornalística, Melo e Assis (2016) e Melo (2003) fundamentam nossos estudos, já que o texto analisado foi extraído de um site jornalístico.

No capítulo 2, será feita a descrição dos procedimentos metodológicos adotados em nossa pesquisa, sendo abordado como foi feita a seleção do texto analisado, os objetivos da pesquisa e os procedimentos de análise do texto selecionado; sendo descrito, também, como foi feita a análise do contexto de produção, do plano geral do texto e também a identificação e a análise/interpretação das vozes que compõem o texto selecionado.

No capítulo 3, traremos as análises dos dados do texto selecionado com base nos pressupostos teóricos elencados anteriormente. Discorreremos, primeiramente, sobre o contexto sócio-histórico que é essencial para a compreensão da pesquisa, o que inclui a pandemia da Covid-19 e os aspectos políticos e sociais norteadores desse contexto. Serão apresentados os resultados das análises realizadas relacionados ao contexto de produção, ao plano geral do texto e aos mecanismos enunciativos, evidenciando a identificação, análise e interpretação das vozes, ponto central da nossa pesquisa. No final desse capítulo, apresentaremos um quadro demonstrativo com exemplos de algumas vozes predominantes identificadas no texto analisado e uma sugestão de sequência de atividades didáticas que poderão ser utilizadas ou adaptadas por professores de língua portuguesa, em suas aulas.

Nas considerações finais, faremos uma retomada dos caminhos percorridos durante nossa pesquisa e traremos algumas reflexões acerca dos resultados que alcançamos com nossos estudos.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O objetivo deste capítulo é, primeiramente, abordar o interacionismo sociodiscursivo, que fornece compreensão para a questão da atividade humana. Além disso, apresentar os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa, assim como compreender os aspectos que caracterizam o texto humorístico, principalmente quanto a sua função social. A partir dos aportes teóricos aqui relacionados, buscamos suporte para as análises que serão apresentadas no capítulo 3 deste trabalho.

Com foco principal na identificação e na análise de vozes, relacionando com as práticas sociais e com o contexto em que o texto analisado foi produzido, buscamos compreender o que essas vozes representam por meio das ideologias manifestadas nos discursos que compõem o texto selecionado e as possíveis significações/reflexões que estas possam suscitar nos leitores. Outrossim, compreendemos o texto como portador do discurso irônico que parte de um contexto para expor situações conflitantes presentes nas relações sociais que surgem em virtude do momento sócio-histórico em que foi produzido.

1.1. O Interacionismo Sociodiscursivo

O interacionismo sociodiscursivo é uma teoria que surgiu nos anos de 1980 em Genebra, Suíça, com a formação de um grupo de pesquisa coordenado por Jean Paul Bronckart com o intuito de, a partir da interação de diversas disciplinas, como ciências da educação, filosofia, linguística, filologia e psicologia, estudar, dentre muitas questões relativas à educação, a organização estrutural e o funcionamento dos textos, tendo em vista que todas as atividades humanas são regidas pela linguagem (BAKHTIN, 2011).

A atividade humana é essencialmente social e está intimamente ligada ao uso da linguagem, ou seja, o homem vive em sociedade e a sua manifestação/agir social dá-se por meio da linguagem como modo de comunicação e interação. É a partir da interação social que o homem molda sua história e isso acontece desde a escola, a partir de experiências concretas que são proporcionadas pelos professores aos alunos, que apreendem a partir das teorias para colocar em prática o que podemos chamar de ensino efetivo da língua. Atividades desenvolvidas a partir de

diversos gêneros textuais, inclusive os midiáticos, podem proporcionar ao aluno subsídios para que ele consiga perceber sua realidade mais próxima aos objetivos da escola.

Schneuwly e Dolz (2011), autores do interacionismo sociodiscursivo, argumentam que a ideia de gênero proposta é a de que “o gênero deve ser visto como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p. 61). Assim, deve-se levar em conta as experiências que são adquiridas em sociedade, as relações e as interações individuais para que essa prática seja real. Nessa perspectiva, “é através dos gêneros que as práticas de linguagem se materializam nas atividades de linguagem” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p. 63) dos sujeitos aprendizes. Ou seja, é a partir do agir do sujeito por meio da linguagem que este se apropria dos gêneros que lhe são apresentados para possíveis transformações do meio.

Esta pesquisa tem como foco a análise de um gênero digital humorístico, que é facilmente encontrado nas mídias digitais, que fazem parte das práticas sociais atuais. Essas mídias são ferramentas a partir das quais as pessoas têm fácil acesso a textos, fazendo, muitas vezes, leituras rápidas. A leitura desses textos, portanto, pode ser realizada a partir de dispositivos móveis, como o celular, o que facilita, inclusive, o compartilhamento dos textos, que, muitas vezes, se dá simultaneamente ao seu recebimento. Levando em conta que textos como o objeto da nossa análise inserem-se em situações de comunicação que fazem parte das práticas sociais contemporâneas, é preciso que o leitor esteja atento ao contexto sócio-histórico de produção para que assim possa construir significados a partir da compreensão de elementos, como ideologias presentes, que fazem parte da construção textual.

A abordagem teórica do ISD propõe um quadro de análise de textos que diz respeito à questão organizacional do texto, enunciativa e semântica. Cabe ressaltar que, a partir dos modelos de análise de textos, podem ser elaborados modelos didáticos para a construção e o desenvolvimento de sequências didáticas de gêneros textuais que podem subsidiar o professor de línguas na atividade docente.

A proposição desse método de análise de textos, feita por Bronckart (1999) e o grupo de pesquisadores de Genebra, é atingir um nível de entendimento do texto a partir de seu contexto de produção e de como ele é estruturado em sua

organização; pois, segundo o autor, é a partir dos atos de comunicação que são verbalizados em diferentes configurações os “gêneros de texto”.

A proposta de análise segue os seguintes passos que compõem desde o contexto de produção à organização interna do texto, o chamado “folhado textual”: a *infraestrutura geral do texto*, que corresponde ao plano geral do texto e aos tipos de discurso; os *mecanismos de textualização*, compostos pelos recursos de conexão (articuladores e organizadores textuais), recursos de coesão nominal e coesão verbal; os *mecanismos enunciativos*, compostos pelas vozes e marcação de modalizadores presentes em um texto.

Quanto ao contexto de produção, deve ser observado, primeiramente, o contexto sócio-histórico no qual o texto foi produzido, considerando as condições de interação, de comunicação, em que o emissor/produtor se encontra. Segundo Bronckart (1999), “os fatores que exercem uma influência necessária, mas não mecânica, sobre a organização dos textos são: o mundo objetivo, o mundo social e o mundo subjetivo” (BRONCKART, 1999, p. 93). Sobre esses mundos, Muniz-Oliveira (2016) esclarece que:

[...] toda atividade se desenvolve primeiramente em um meio físico, sobre o qual se tenha um conhecimento adequado, e são os conhecimentos relativos a este universo material, tais como foram elaborados na história social humana, que constitui o mundo objetivo; em relação ao mundo social, toda atividade se desenvolve também com base nas regras sociais, convenções de sistemas elaborados por um grupo particular, regras essas que se aplicam à organização das tarefas e às modalidades de cooperação entre os membros ali implicados; em relação ao mundo subjetivo, toda atividade mobiliza pessoas, dotadas de certos traços psíquicos e de determinadas características e que, ao mesmo tempo em que são singulares, estão inseridas em grupos sociais diversos. São os conhecimentos coletivos acumulados pelo grupo social e somados às características singulares de cada um que constituem o mundo subjetivo (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 59).

Assim, segundo a autora, os três mundos agem de maneira sincronizada, sendo o agir do mundo objetivo pretense às verdades que condicionam as intervenções no mundo. O agir que é produzido no contexto do mundo social, por obedecer a regras e valores estabelecidos pelo mundo, é regulado por normas; e o mundo subjetivo caracteriza-se pela autenticidade e particularidade de cada sujeito.

Segundo a teoria do ISD, para a análise de textos, os autores propõem “um quadro geral da arquitetura textual”, relativo à organização textual que trata da

infraestrutura textual e dos mecanismos de textualização (MUNIZ-OLIVEIRA, 2013, p. 78).

A infraestrutura geral do texto é considerada o nível mais profundo pelos autores, pois refere-se à “organização de conjunto do conteúdo temático” e aos tipos de discursos que podem tomar diversas formas. Conforme Muniz-Oliveira (2013), o nível da infraestrutura é constituído, primeiramente, pelo plano geral que, no caso do texto analisado neste trabalho (texto humorístico), corresponde aos elementos verbais e não verbais que o compõem: o título, a fotografia, a legenda e os parágrafos. A autora declara que “em segundo lugar aparecem os tipos de discursos, que parecem exprimir simbolicamente os mundos discursivos”. A forma de apresentação dos conteúdos em relação ao tempo-espço de produção é organizada por meio de unidades linguísticas (tempos verbais, pronomes, advérbios, modalizadores etc.), que “correspondem a operações linguístico-discursivas obrigatórias para a produção de qualquer enunciado” e “no interior dos tipos de discurso aparecem os tipos de sequências (narrativas, explicativas, descritivas, argumentativas e descritivas de ação)” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2013, p. 78).

Em relação aos mecanismos de textualização, segundo Muniz-Oliveira (2013), correspondem aos elementos responsáveis pelos recursos linguísticos de coerência e coesão. Esses elementos “contribuem para dar ao texto sua coerência linear ou temática, tornando explícitas as grandes articulações hierárquicas, lógicas, temporais e espaciais” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2013, p. 79). Segundo a pesquisadora, esses mecanismos são divididos em três grupos: a) os mecanismos de conexão, que, por meio de organizadores textuais, têm a função de articular as progressões temáticas; b) os mecanismos de coesão nominal, que possuem a função de introduzir novos temas ou personagens a partir de elementos que os retomam ou substituem no decorrer do texto; c) os mecanismos de coesão verbal, que são os responsáveis pelas relações expressas pelo verbo por meio dos tempos verbais (relações de tempo, estado, ações etc.) (MUNIZ-OLIVEIRA, 2013, p. 79).

O nível enunciativo, por sua vez, contribui para a coerência pragmática do texto. Esclarece posicionamentos do enunciador e possíveis avaliações (opiniões, julgamentos, sentimentos etc.). Nesse nível, também podem ser identificadas as vozes. Em um primeiro momento, pode-se perceber a voz do enunciador, mas, conforme os “mundos discursivos” forem criados, outras vozes acabam sendo reveladas.

Segundo Bronckart (1999, p.326), “as vozes podem ser definidas como as entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é o enunciado”, sendo, na maioria dos casos, *neutra* no sentido de que é a instância geral da enunciação que assume diretamente a responsabilidade do dizer, podendo ser do narrador ou do expositor, a depender o tipo de discurso. Em outros casos, as vozes presentes nos discursos podem ser categorizadas da seguinte maneira: vozes de personagens, que são aquelas atribuídas a pessoas ou a instituições humanizadas e que estão diretamente ligadas ao conteúdo temático do texto; vozes sociais, que podem estar representadas pela voz de outras pessoas ou instituições exteriores ao conteúdo temático do texto; e, por fim, a voz do autor, que está diretamente ligada à produção textual (BRONCKART, 1999, p. 326-327).

Considerando que a compreensão das vozes é ponto central deste trabalho, é de fundamental importância trazer os conceitos de heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, conceitos desenvolvidos primeiramente pela autora francesa Authier-Revuz e que são indispensáveis para o estudo das vozes no texto (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 45). Outro autor que versa sobre esses conceitos é Maingueneau (1997), que afirma que a heterogeneidade do discurso revela uma “relação radical entre o seu interior e o seu exterior”. Segundo o autor, a heterogeneidade mostrada, que se refere às vozes explícitas do texto, é evidenciada no discurso por meio de marcas linguísticas explícitas recuperadas mediante diversos atos de enunciação, como é o caso do discurso relatado (direto e indireto) e suas diversas formas de marcação. Para o pesquisador, o discurso direto e o discurso indireto configuram formas diferentes de relatar-se uma enunciação (MAINGUENEAU, 1997, p. 85).

Segundo Muniz-Oliveira (2016), o discurso direto “simula restituir as falas citadas e se caracteriza por dissociar claramente as duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 46). A autora ainda afirma que o discurso direto pode, ocasionalmente, manifestar-se como representação exata das palavras do enunciador citado. Maingueneau (1997), por sua vez, afirma que a reprodução literal dos enunciados citados não passa de uma “teatralização de uma enunciação anterior, sendo impossível sua similitude absoluta”, posto que sempre será uma recriação ao ponto que a situação de recriação é reconstruída pelo sujeito que a relata (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 46).

Em relação ao discurso indireto, os autores afirmam que “há apenas uma situação de enunciação e as pessoas e os dêiticos espaciais e temporais do discurso citado são identificados em relação à situação do discurso citante” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 46). Além do que, ainda segundo a autora, com o discurso indireto, o enunciador possui múltiplas formas de traduzir o discurso citado, pois, segundo esse tipo de discurso, o que é relatado é o conteúdo e não as palavras transcritas literalmente.

As vozes em discurso direto possuem ainda, segundo os pesquisadores, duas funções essenciais para sua compreensão: a primeira trata da indicação de um ato de fala e, a segunda, marca a fronteira entre o discurso citado e o discurso citante (MAINGUENEAU, 2004, p. 143).

As aspas constituem uma forma de discurso direto que, segundo Maingueneau (1997), marca a alteridade dos enunciados, estabelecendo uma demarcação de territórios entre o discurso e o seu exterior (MAINGUENEAU, 1997, p. 90). Nesse entendimento, o autor afirma que a utilização das aspas propõe, a princípio, um convite ao interlocutor que o levará à construção de sentidos e à compreensão do distanciamento entre o discurso citado e o discurso citante. A decodificação do enunciado perante a não utilização das aspas como recurso que distancia o discurso citado do discurso citante pode, segundo o autor, frustrar as expectativas, provocando um choque semântico.

A compreensão do texto vai além das palavras e, segundo Maingueneau (1997), inscreve-se em uma cena enunciativa em determinado contexto, composto por discursos outros, antecipações, reconstruções, revelando o caráter heterogêneo e dialógico da linguagem estabelecidos pelos limites da formação discursiva (MAINGUENEAU, 1997, p. 91).

Em relação à heterogeneidade constitutiva, Muniz-Oliveira (2016) afirma que ela

não produz marcas que evidenciam a presença do outro na produção do discurso, porém, deixa entrever os diversos discursos que lhe deram origem e que representam os diversos grupos sociais em que circulam (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 45).

Nesse entendimento, os discursos entrecruzam-se a partir de uma concepção heterogênea da linguagem que, segundo Maingueneau (1997), formam uma rede de formulações na qual podemos encontrar outra forma de vozes implícitas: os pré-

construídos. Os pré-construídos, segundo o autor, são elementos externos, que são construídos em discursos anteriores aos que estão postos no momento da fala. Elementos independentes associados a uma memória discursiva que são transformados e reformulados a partir dos contextos sócio-históricos em que estão inseridos.

Assim, a heterogeneidade mostrada, em síntese, é marcada linguística e explicitamente, sendo possível detectar outras vozes a partir dessas marcas. Já a heterogeneidade constitutiva depende da percepção de um interdiscurso para identificar-se a presença do outro nos diversos discursos que a compõe.

No texto analisado, há também grande número de estrangeirismos, revelando vozes que, no contexto em que este foi produzido, manifestam identidades e ideologias acerca da temática abordada. Muitos podem ser os fatores de utilização de estrangeirismos em um texto. Para Gois (2008),

O estrangeirismo é uma constante nos processos culturais; em todo o mundo a análise do papel da aquisição de empréstimos linguísticos permeia os processos de colonização e as migrações numa miscigenação cultural que se processa geralmente sem a voluntariedade de mudanças na vida social, por parte dos moradores de um local (GOIS, 2008, p. 1).

O autor acrescenta que, em tempos modernos e de globalização, a utilização de estrangeirismos pode, em certa medida, impor uma identidade cultural de representação ideológica-social em vista de a língua estrangeira utilizada ser vista como “mais prestigiosa” e com um alcance comunicacional mais amplo. Nesse sentido, o autor ainda afirma que “a adoção de neologismos estrangeiros associa-se a uma valorização do empréstimo como elemento indicativo de elevada posição social ou de refinamento num processo de estereotipagem e de dominação” (GOIS, 2008, p. 5).

Assim, o fenômeno do estrangeirismo representa uma linguagem elitizada que se dirige, principalmente, àqueles que dominam o idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, revela uma voz de uma elite falante desse idioma. Gois (2008) salienta, dessa maneira, que o estrangeirismo é mais do que estruturas frasais: surge vinculado aos processos culturais de um povo e da convergência de interesses delimitada pela imposição midiática (GOIS, 2008, p. 18).

Na próxima seção, veremos, especialmente, como Maingueneau (1997) traz a ironia na perspectiva de vozes.

1.1.1. Ironia como vozes

A ironia na perspectiva polifônica da linguagem surge como estratégia enunciativa para abordar temáticas de maneira crítica e, por vezes, absurda.

Para Maingueneau (1997), o enunciado irônico deve apresentar-se distanciado das palavras do locutor, para que seja compreendido como um fenômeno tal que não seja atribuído ao próprio locutor, mas sim a uma outra voz que surge a partir desse fenômeno. Assim, deixando claro que o ponto de vista se refere a essa voz outra e não a quem a está pronunciando, Maingueneau (1997) afirma que identificar o fenômeno da ironia em textos escritos depende de alguns artifícios linguísticos, em razão de não ser possível a sua identificação por meio da entonação ou da mímica. Nesse sentido,

Torna-se obrigatória, então, a diversificação dos meios utilizados: caráter hiperbólico do enunciado, explicitação de uma enunciação (“diz ele ironicamente”), aspas, ponto de exclamação, reticências. Na ausência desses índices, resta apenas confiar no contexto para nele recuperar elementos contraditórios. (MAINGUENEAU, 1997, p. 99)

Este trabalho busca, também, identificar as vozes irônicas que, segundo o que preconiza o autor francês, são identificadas, sobretudo, a partir das análises do contexto, além de outros elementos gráficos importantes na análise da ironia em textos escritos e reais das personagens que compõem o texto humorístico.

Para o autor supracitado, a ironia é um fenômeno sutil, que suscita ambiguidade de maneira que, por vezes, o receptor/leitor tem dificuldades de compreensão e pode causar divergências ao tentar compreendê-la. Porém, o autor esclarece, ainda, que a ironia nunca é lançada sem algum intuito, pois ela possui direção e propósito. Em vista disso, percebe-se a importância de se (re)conhecer o contexto em que os enunciados irônicos são produzidos/inseridos, pois somente assim, conforme Alvarce (2009), o sentido pretendido pelo enunciador será concretizado.

Maingueneau (2004) destaca o caráter subversivo da ironia ao conferir ao interlocutor a responsabilidade de desvendar as vozes irônicas presentes nos enunciados que ele mesmo, como enunciador, desvalida ao pôr em questão (MAINGUENEAU, 2004, p. 178). Assim, as interpretações, que podem ser diversas

por parte do receptor, dependem do acionamento de conhecimentos que este pode ou precisa ter para que consiga deslindar possíveis propósitos.

Para Brait (2008), é no processo de enunciação que o discurso irônico se singulariza. A autora evidencia que a relação de compreensão entre os sujeitos e a ironia se dá quando estes compreendem a “dupla leitura mobilizada por um enunciado irônico que envolve formas de interação entre os sujeitos bem como a relação com o objeto da ironia e com as estratégias linguístico-discursivas que movimentam o processo” (BRAIT, 2008, p. 138). Brait (2008) salienta que, apesar de os discursos irônicos representarem, mediante vozes reais ou fictícias encenadas ao longo de um texto, os valores e as ideologias de seus enunciadores, é fundamental que os propósitos sejam apreendidos pelos eventuais leitores, caso contrário, os objetivos da ironia não serão alcançados.

Nessa perspectiva, e a partir das sutilezas oferecidas pelo enunciador, Brait afirma que:

Essa participação [do leitor e enunciador] é que instaura a intersubjetividade, pressupondo não apenas conhecimentos partilhados, mas também pontos de vista, valores pessoais ou cultural e socialmente comungados ou, ainda, constitutivos de um imaginário coletivo. É a organização discursivo-textual que vai permitir esse chamar a atenção sobre o enunciado e, especialmente sobre o sujeito da enunciação (BRAIT, 2008, p. 139).

As diversas vozes compreendidas por intermédio do fenômeno da ironia revelam-se, segundo Machado (2000), num processo de construção de sentidos a partir dos contextos e da heterogeneidade do discurso. Assim, a ironia constitui-se, segundo a autora, em um espaço fronteiro entre o que está explícito e o que, implicitamente, depende da interpretação do interlocutor.

1.1.2. O humor e a ironia

Pretendemos, nesta seção, tratar do humor e da ironia com base em alguns autores, como Possenti (2003), analista do discurso; Brait (2008), estudiosa da perspectiva dialógica da linguagem, entre outros, já que o objetivo de nosso trabalho é fazer uma análise em um texto humorístico, composto desses elementos, como mencionado anteriormente.

Possenti (2018) afirma que o humor trata de qualquer assunto e cada vez mais ganha espaço em diferentes seguimentos de relevante importância no mundo atual (POSSENTI, 2018, p. 27). À vista disso, questiona-se se o humor teria limites, pois se ele (o humor) é capaz de tratar de qualquer assunto, pode-se entender que temas sérios, diretamente relacionados à vida do ser humano, ou à sua saúde, também podem ser retratados a partir do humor. Para Possenti (2003) “o tema dos limites do humor é claramente ambíguo”. Segundo o autor, trata-se de questionar até onde o humor pode ir levando em consideração “a questão do politicamente correto” (POSSENTI, 2003, p.103), sendo uma questão de, talvez, saber onde situar a temática humorística. Segundo o autor, tudo já fora dito, e isso exige que o produtor do texto humorístico reestruture seus enunciados a partir desses outros ditos já existentes e deixe-os prontos para novas reestruturações, assim obedecendo ao aspecto dinâmico e dialógico da linguagem no qual as diversas vozes se manifestam. Nesse sentido, Possenti (2018) alega que as questões que envolvem o humor constituem um debate quase infinito.

Para Minois (2003) (*apud* ROCHA, 2017, p. 16), “o humor surge quando o homem se deu conta de que é estranho perante si mesmo”. Já Propp (1992, p. 32) alude que o humor e suas diversas formas de expressão desenvolvem-se no âmbito de cada cultura e revela seus vários sentidos a depender das diferentes camadas sociais em que se manifesta.

O autor salienta que pessoas que fazem o humor ou que são propensas ao riso existem em todas as classes sociais, e que é “imprescindível considerar as diferenciações de cada indivíduo” que pertencem a “épocas diferentes com sentidos específicos do humor e do cômico que às vezes é incompreensível a outras épocas” (PROPP, 1992, p. 32). O humor, portanto, faz parte da vida das pessoas e da sociedade e, de alguma forma, interfere em sua evolução.

Assim, podemos dizer que o humor, conforme Rocha (2017), é característica própria do ser humano, que o molda conforme sua vivência, percepção de mundo, contexto em que está inserido e a própria história que este constrói a partir das relações em sociedade. O autor salienta, ainda, que a construção do senso de humor ocorre socialmente, direcionada por uma série de códigos que são, à vista disso, admitidos em um determinado grupo, povo, sociedade, nação. Essa construção dá-se conforme as ideologias presentes nos discursos que compõem as diversas vozes sociais, que são socio-historicamente constituídas.

Nesse sentido, entendemos que a construção do humor no texto humorístico a ser analisado constitui-se a partir de uma posição crítica em relação ao mundo e ao contexto relacionado, assim como a partir da posição crítica de personagens em relação a outros, podendo evidenciar-se, assim, vozes que revelam valores e ideologias.

O humor, portanto, pode abranger diversas faces e fazer-se presente conforme situações peculiares, inclusive ao tratar de assuntos sérios e até mesmo trágicos. Conforme afirma Possenti (2010), o humor decorre da surpresa, seja ela qual for, pois, ao nos depararmos com os diversos episódios humoristicamente configurados, podemos surpreender-nos em alguma medida. Para o autor, “além de os gêneros humorísticos serem muito numerosos, pode haver manifestações humorísticas no interior de todos os tipos de texto” (POSSENTI, 2010, p.175).

Outra questão interessante sobre o humor é o que nos traz Bergson (1993) ao afirmar que o riso, o cômico, afasta-se da emoção, dando lugar à “inteligência pura”. A compreensão do humor, nessa perspectiva, seria a própria tradução da inteligência, uma vez que ser inteligente é próprio do ser humano.

Seguindo o pensamento do autor, essa inteligência deriva da sociabilidade do ser humano, não apenas por sua existência como ser social, como também por suas relações com o meio e suas implicações. A própria relação com os referentes faz com que se haja a compreensão e a apreensão do humor contido nos textos humorísticos, sendo sinal de inteligência.

Por sua vez, Rocha (2017) relata que o humor faz parte dos textos que circulam na esfera jornalística há tempos. Ele é retratado nos diversos gêneros que circulam nessa esfera, tanto impressos quanto digitais e eletrônicos, de diversas formas e em vários gêneros textuais, como a charge, o cartum etc. Uma das conotações exploradas pelo humor, atualmente, é o caráter crítico e reflexivo que esse recurso pode suscitar ao ser empregado em textos que abordam questões polêmicas e/ou contraditórias.

Para que essa percepção crítico-reflexiva se efetive é preciso que se tenha um conhecimento prévio do contexto. De acordo com Possenti (2010), “quando os textos humorísticos surgem em torno de acontecimentos visíveis que os fazem proliferar, sua interpretação depende, em boa medida, de um saber relativo a tais acontecimentos” (POSSENTI, 2010, p. 28).

Assim como o humor, a ironia configura-se como recurso predominante e necessário em textos humorísticos. Conforme Rocha (2017), “a ironia traz consigo a sátira, a zombaria e a depreciação de fatos, objetos ou sujeitos” a fim de produzir “efeito de sentido” com uma conotação contrária (ROCHA, 2017, p. 82). No texto analisado, identificamos a presença da sátira que, conforme o autor, pode “não necessariamente provocar riso”, mas suscita, a depender do entendimento do receptor, uma representação crítica em relação às realidades apresentadas (ROCHA, 2017, p. 83).

Brait (2008), por sua vez, ao estudar a ironia, diz que o efeito de sentido “é pertinente na articulação produção-recepção”, tendo em vista a função social da linguagem enquanto meio de interação entre os sujeitos envolvidos. O recurso irônico aparece, nesse sentido, como estratégia discursiva por parte do produtor, tendo o leitor-receptor como destinatário, revelando aspectos sociais e culturais da sociedade na qual estão inseridos.

Para estudiosos do assunto e corroborado por Brait (2008), o estudo desse fenômeno exige o reconhecimento de que o processo se dá no nível da enunciação, alargando a gama de considerações a respeito de sua clássica definição de sentido contrário, a depender, dialogicamente, por parte do enunciador e também da recepção do enunciatário.

A autora aponta para “uma tensão entre dois polos: o do sentido literal e o do sentido figurado” (BRAIT, 2008, p. 96). Nessa visão, Brait concebe a ironia “como discurso que pretende significar o contrário do que é dito literal ou explicitamente”. Já Alvarce (2009) afirma que “o estudo da ironia exige o reconhecimento de um sentido literal e de outro figurado, uma vez que esse recurso se constitui de um significante para dois significados” (ALAVARCE, 2009, p. 29).

Guimarães (1997) afirma que, a partir da obra de Brait, é possível que o leitor capte uma diversidade de definições passíveis de serem atribuídas ao fenômeno da ironia. Dentre as possíveis definições, conforme a autora, os textos jornalísticos possuem elementos que o situam como eloquentes amostras de ironia, resultando em uma compreensão que pode provocar distintos significados (GUIMARÃES, 1997, p. 227).

Os textos informativos, segundo Valle (2011), mais precisamente aqueles que circulam na esfera jornalística, trazem consigo uma concepção de objetividade, ao referirem-se à linguagem. Porém, essa concepção vem sendo deixada de lado há

algum tempo por muitos pesquisadores, como Genro (2014), quando diz que “a objetividade e a imparcialidade total são inatingíveis”; o que se procura é ser o mais objetivo e imparcial possível na produção dos textos (GENRO, 2014, p.26).

No caso dos textos de humor, a imparcialidade não existe, pois a ideia, segundo Genro (2014), é justamente emitir determinada opinião, revelando um caráter crítico e reflexivo, que pode ser ocasionado por conta da ironia, que deve ser apreendida pelo leitor (BRAIT, 2008). Nesse sentido, para Brait (2008), “o texto de natureza humorística denota a estratégia irônica como seu elemento estruturador” (BRAIT, 2008, p. 94). A pesquisadora reforça, ainda, que “sua construção denuncia um ponto de vista, uma argumentação indireta que conta com a perspicácia do destinatário para concretizar-se como significação” (BRAIT, 2008, p. 17).

Alvarce (2009) destaca que a ironia, assim como a paródia e o riso, propõe uma releitura de mundo “marcada por uma visão muito mais crítica”; porém, a autora ressalta, também, que o criticismo dependerá do sujeito-leitor e de sua apreensão de sentidos (ALAVARCE, 2009, p. 18).

A pesquisadora salienta, ainda, que “os principais participantes do jogo da ironia são o interpretador e o ironista”. Desse modo, ela afirma que “está nas mãos do receptor”, que é o “interpretador”, “a decodificação ou não da significação da ironia” (ALAVARCE, 2009, p. 18).

Outro conceito pertinente é o de Hutcheon (2000), em que a autora afirma que a ironia “sempre tem uma aresta” e traz consigo uma carga emocional decorrente dessa troca de comunicação entre o locutor e o interlocutor, que resulta do sentido da linguagem e dos contextos em que estão inseridos (HUTCHEON, 2000, p. 33). Nesse sentido, Alvarce (2009) reforça a ideia de que “as ocorrências irônicas estão sempre permeadas por um traço emocional” (ALAVARCE, 2009, p. 46).

Para Bergson (1983), “O humor é o inverso da ironia. A ironia é de natureza retórica ao passo que o humor tem algo de mais científico”. O autor complementa sua ideia dizendo que “acentua-se a ironia” de modo a “aquecê-la interiormente” para “transformá-la em eloquência sob pressão”. O humor, no entanto, “acentua-se, pelo contrário, descendo cada vez mais baixo no interior do mal que é para lhe notar as particularidades com mais fria indiferença” (BERGSON, 1983, p. 57).

Já para Brait, “tanto o humor quanto a ironia dizem respeito a uma série de artifícios expressivos, produzidos em diferentes níveis linguísticos selecionados e organizados por um enunciador” (BRAIT, 2008, p. 15).

Considerando as diversas faces do humor e da ironia aqui abordados, por diversos estudiosos, compreendemos a importância desses recursos para o desenvolvimento de uma leitura crítica e reflexiva em textos que circulam nas mídias digitais, em especial, em textos humorísticos como o analisado nesta pesquisa. O humor configura-se como uma estratégia discursiva que desafia os interlocutores a expressarem seu entendimento crítico não apenas sobre o que está posto explicitamente como também sobre o contexto em que o texto foi criado. A ironia, por sua vez, pode acarretar diversos sentidos, tanto por parte do enunciador quanto do enunciatário. Nem sempre pode significar o contrário, mas pode sutilmente ser representada pela ambiguidade tanto da produção quanto da compreensão.

Tendo em vista os conceitos de humor e ironia abordados até agora, percebemos que, para a análise de textos humorísticos, precisamos também entender alguns aspectos que envolvem a significação e o sentido. Assim, abordaremos, a seguir, a conceptualização destes termos enquanto elementos fundamentais para o entendimento do texto humorístico.

1.1.3. Significação e sentido

Segundo Volochínov (2017), a enunciação é o meio pelo qual o enunciado concretiza-se, constituindo-se num dado momento histórico socioideológico e configurando-se como produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados. Seu tema deve ser compreendido como “único, individual e não reiterável” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 135).

O tema, conforme Volochínov (2017), deve, então, revelar-se como manifestação concreta de uma dada situação histórica, ou seja, além dos elementos linguísticos que o compõem, deve ser levado em conta o contexto sócio-histórico em que ocorre. Sua reprodução, porém, não pode ser feita, não sendo, portanto, reiterável. Há sempre algo de novo a acrescentar ao propor-se um determinado tema, podendo assemelhar-se, mas não repetir.

Muniz-Oliveira (2014), partindo de Bakhtin/Volochínov (1997), afirma que a significação compreende os elementos que são idênticos, podendo, portanto, ser

reiteráveis nas diversas circunstâncias em que determinado enunciado for pronunciado, sendo um aparato técnico enquanto significação das palavras que o compõe.

Cereja (2013) apresenta a significação como sendo a capacidade de construir sentido, própria dos signos linguísticos e das formas gramaticais da língua, sendo um estágio mais estável dos signos e dos enunciados.

O tema, então, é entendido como o sentido de qualquer enunciado, transcendendo a significação. Ele é, portanto, segundo Muniz-Oliveira (2014, p. 3), “ideológico, histórico, sociológico e dialógico”.

É difícil traçar uma fronteira clara entre o tema e a significação, pois existe a possibilidade de entendimento do texto; porém, é preciso levar em conta o contexto, a ideologia que permeia o discurso, o momento histórico etc. Para uma melhor distinção entre tema e significação, conforme Volochínov (2017), é importante atentar para o problema da compreensão quanto ao compreendermos, à luz da teoria bakhtiniana, que entender a enunciação do outro é colocar-se no contexto de uma situação ativa e responsiva; portanto, dialógica.

Segundo Volochínov (2017), a maneira mais correta de formular a inter-relação entre tema e significação é a seguinte: “o tema constitui o estágio superior real da capacidade linguística de significar, já a significação é o estágio inferior dessa capacidade, sendo apenas uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 137).

A compreensão dos sentidos, expressos nos textos que serão analisados, dependem de um entendimento subjetivo e particular de cada indivíduo. Essa compreensão também precisa ser desenvolvida num sentido ativo, pois deve-se levar em conta, além das significações da enunciação e dos temas abordados, as ideologias presentes. Essas ideologias estão presentes na produção, no discurso (que é sempre ideológico) de quem produz os textos e na própria percepção (também ideológica) do receptor desse texto, pois, segundo Volochínov (2017, p. 36), “a palavra é o símbolo ideológico por excelência”.

Chauí (2008, p. 9) apresenta-nos uma concepção do termo ideologia tentando desmistificar a definição comumente concebida por parte da sociedade, que é, a seu ver, equivocada, de que “ideologia seria um ideário qualquer ou qualquer conjunto de ideias”. A pesquisadora traça um caminho de conceptualização com o intuito de mostrar que se trata de um “ideário histórico, social e político que oculta a realidade”;

e que, a partir desse ocultamento, a ideologia traz consequências de cunho econômico, social e político para a sociedade, com o objetivo de dominação.

De acordo com Chauí (2008, p.22-23), “é das relações sociais que precisamos partir para compreender os conteúdos e as causas dos pensamentos e das ações dos homens e por que eles agem e pensam de maneiras determinadas”. A pesquisadora enfatiza que não se trata de conceber a história “como sucessão de acontecimentos factuais”, mas sim compreender a história como sendo o “real” em que os homens “instauram seu modo de sociabilidade” (CHAUÍ, 2008, p. 23).

Conforme Chauí (2008, p. 25), o termo ideologia surgiu na França, em 1789, após a Revolução Francesa. A autora afirma que a ideologia não é um processo subjetivo consciente, mas um fenômeno objetivo e subjetivo, involuntário, produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos (CHAUÍ, 2008, p.71). As ideologias concretizam-se na vida em sociedade e o homem, como ser social que é, também é ideológico em suas atitudes e argumentos.

Chauí (2008) afirma que “a ideologia é o próprio ocultamento da realidade social”, ou seja, é por intermédio da ideologia que os “dominantes legitimam as condições sociais de exploração e dominação”, fazendo parecer que essas ações são “justas e verdadeiras” (CHAUÍ, 2008, p. 24). Nesse sentido, a filósofa aponta que a ideologia se desenvolve na prática social.

Marx e Engels, segundo Chauí (2008), “determinam o surgimento das ideologias no instante em que a divisão social do trabalho separa trabalho material ou manual de trabalho intelectual” (CHAUÍ, 2008, p. 58). A filósofa revela que essa “divisão social não é uma simples divisão de tarefas, mas a manifestação de algo fundamental na existência histórica” (CHAUÍ, 2008, p. 59-60). Surgem, então, as diversas formas de propriedade, a divisão entre condições, instrumentos, meios de trabalho e o próprio trabalho. Instala-se a desigualdade social por meio da forma de “propriedade”, que se inicia pela “propriedade tribal, depois passa para a comunal ou estatal, feudal ou estamental que dá origem à propriedade privada capitalista” (CHAUÍ, 2008, p. 59-60).

A partir da divisão do trabalho material e do espiritual é que, segundo a autora, a divisão social do trabalho se concretiza. Ela afirma que:

Nasce agora a ideologia propriamente dita, isto é, o sistema ordenado de ideias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, os ideólogos, os intelectuais – não estão diretamente vinculados à

produção material das condições de existência. E, sem perceber, exprimem essa desvinculação ou separação através de suas ideias. (Chauí, 2008, p. 63)

Chauí (2008) reitera que “a ideologia é o processo pelo qual as ideias da classe dominante tornam-se ideias de todas as classes sociais, tornam-se ideias dominantes” (CHAUÍ, 2008, p. 85). Essa dominação, para a autora, dá-se em determinado contexto sócio-histórico e os indivíduos que fazem parte da “época” vigente dominam o pensamento e a materialidade. Segundo a autora, “a ideologia consiste precisamente na transformação das ideias da classe dominante em ideias dominantes para a sociedade como um todo” (CHAUÍ, 2008, p. 85).

Assim, conforme a filósofa, mesmo que a sociedade esteja dividida em classes, todas as classes obedecem apenas às ideias ditadas pela classe dominante, quando o mais lógico deveria ser que cada classe social obedecesse às suas ideias. As ideias da ideologia, afirma Chauí (2008, p. 86), são “universais abstratos”, pois a “transformação das ideias particulares da classe dominante em ideias universais de todos e para todos os membros da sociedade” é algo abstrato e não concreto (CHAUÍ, 2008, p. 86). A filósofa ressalta que pode haver conflitos de ideias, internamente, entre a classe dominante e sua aliada, a classe média; porém, os conflitos logo desaparecem caso haja alguma ameaça à hegemonia da classe dominante.

Chauí (2008) relata que, a partir de meados do século XX, o filósofo francês Claude Lefort aponta para uma mudança de pensamento em relação ao que vinha sendo definido como operacionalização da ideologia. Surgiu, então, o “fordismo” e com ele uma “nova prática das relações sociais, conhecida como a Organização” (CHAUÍ, 2008, p. 102-103).

A ideologia passa a ser vista como “ideologia de competência”, havendo uma nova divisão entre as divisões. “A divisão entre os que possuem poder porque possuem saber e os que não possuem poder porque não possuem saber” (CHAUÍ, 2008, p.105).

Essa nova ordem de ideologia, segundo a autora, faz com que a divisão social das classes, mais uma vez, fique oculta, fragmentando a sociedade entre os competentes (quem possui conhecimento científico e tecnológico) e os incompetentes (os executores do trabalho que não possuem as especialidades) (CHAUÍ, 2008, p.105).

Na visão de Volochínov (2017), “tudo o que é ideológico é um signo, sem signos não existe ideologias”. O autor enfatiza que é “precisamente na palavra que melhor se revelam as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 30). O filósofo não considera a palavra como elemento que substitui os demais símbolos ideológicos existentes, sejam eles quais forem; contudo, o autor afirma que todo símbolo ideológico “além de se apoiar, é acompanhado pela palavra” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 37). Dessa maneira, o autor salienta que “todas as propriedades da palavra fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 38).

Para Macedo e Medeiros (2011), “a ideologia é uma forma de revelar os elementos sociais, históricos, materiais, culturais que são apresentados no discurso de forma silenciada ou não” (MACEDO; MEDEIROS, 2011, p. 3). Para as pesquisadoras, o discurso possui significado diverso, com suas contradições sociais, materializando-se nas palavras e, conforme os procedimentos de análise do discurso, revela o posicionamento de quem fala em relação ao lugar social que ocupa. Nesse sentido, as autoras esclarecem que as ideologias se movimentam conforme o contexto sócio-histórico: o sujeito “sofre as determinações histórico-sociais”, no entanto, “realiza suas escolhas” de acordo com a realidade que lhe for apresentada.

Assim, Macedo e Medeiros (2011) reiteram que “a ideologia revela as contradições entre as classes dominantes. As contradições são históricas e dialeticamente construídas em determinadas condições de produção” (MACEDO; MEDEIROS, 2011, p. 4). Mesmo que os “aparelhos ideológicos do Estado” constituam um poder de controle e perpetuação da ideologia, não são os únicos responsáveis pela prevalência da ideologia da classe dominante.

Outra questão referente à ideologia é abordada por Guareschi (1997, p. 166) e diz respeito à “educação crítica e às teorias culturais”, suscitando “discussões sobre as lutas educacionais e políticas”. A autora esclarece que compreender o conceito de ideologia e compreender como ela funciona, juntamente com a compreensão dos elementos culturais, “deu espaço para as lutas sociais e políticas” que resultaram em “transformações no interior das práticas escolares” (GUARESCHI, 1997, p. 166).

Guareschi destaca a concepção de Larrain (1983), o qual faz uma distinção entre as concepções negativa e positiva de ideologia:

A concepção negativa refere-se a algum tipo de pensamento distorcido ou, conforme o ponto de vista marxista, a uma "falsa consciência". A concepção positiva refere-se à construção da consciência social, isto é, a uma concepção múltipla de ideologia, que provém das diferentes posições sociais ocupadas pelos sujeitos sociais, em virtude dos vários grupos de que participam na sociedade. (GUARESCHI, 1997, p. 166)

A pesquisadora aponta para estudos que “concebem a ideologia como a própria condição de nossa experiência de mundo, para referir-se aos modos como trabalhamos e vivemos e para referir-se aos modos simbólicos como representamos nossa existência” (GUARESCHI, 1997, p. 167).

Benevides (2013) sugere que não há um consenso em relação ao “significado e ao uso do termo ideologia”. Assim como Valeirão (2014), que nos apresenta a ideologia como sendo uma questão ainda inconclusa; mas, mesmo que esteja longe de ser resolvida, “é impossível viver sem ideologia” (VALEIRÃO 2014, p. 68). Ou seja, ainda que não haja um consenso sobre o termo ideologia, a autora afirma que a ideologia está presente na vida de todos, de uma maneira ou de outra, às vezes consciente e às vezes inconscientemente. Isso significa que, muitas vezes, “a ideologia é assumida, outras vezes age imperceptivelmente” (VALEIRÃO, 2014, p. 68).

1.2. Esferas da atividade humana e gêneros discursivos

Para Bakhtin (2011), todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, sendo a língua empregada em forma de enunciados que, segundo o autor, são “tipos relativamente estáveis” denominados por ele como gêneros do discurso. Essa “relatividade de estabilidade” dos enunciados dá-se justamente por poderem ser recriados conforme o desenvolvimento sócio-histórico do homem enquanto sociedade, que se atualiza, reformula-se, isso acontecendo espontaneamente.

Reconhecer os gêneros do discurso como mediadores da interação comunicativa permite-nos ter a real compreensão dos gêneros como parte constitutiva da atividade humana. O dialogismo estabelecido a partir dessas interações permite que o indivíduo faça uso dos gêneros muitas vezes até inconscientemente. Ou seja, mesmo em uma simples réplica, faz-se uso de

determinado gênero, como nos confirmam Rojo e Barbosa (2015), ao afirmarem que falamos e escrevemos por meio de gêneros:

Todas as nossas falas, sejam cotidianas ou formais, estão articuladas em um gênero do discurso. Levantamo-nos pela manhã, damos um bom dia aos nossos filhos; fixamos na geladeira um papel à diarista que limpe o refrigerador; vemos e respondemos nossos e-mails. [...] Se formos professores, ao entrarmos na sala de aula, fazemos a chamada, lemos com ou para os alunos, uma crônica ou enunciado de um problema matemático [...] (ROJO e BARBOSA, 2015, p. 16).

Conforme a teoria de Bakhtin (2011), o emprego dessa linguagem dá-se por meio do enunciado, que é a unidade real da língua (BAKHTIN, 2011, p. 261). Para o autor, os gêneros do discurso (orais e escritos) são intermináveis na medida em que a atividade humana também é *multiforme*, configurando-se formas relativamente estáveis de enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 262). O enunciado, por sua vez, nessa perspectiva de constituição viva da língua, é dialógico, pois se alterna responsivamente entre os sujeitos envolvidos nas diversas situações de comunicação. É constituído de conteúdo temático, estilo e construção composicional; tem natureza geral; é, também, particular e individual. Dessa particularidade, resultam os *tipos relativamente estáveis de enunciados* que o autor denomina *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Bakhtin classifica os gêneros textuais orais e escritos em primários e secundários. “Trata-se de uma distinção que dimensiona as esferas de uso da linguagem em processo dialógico-interativo” (MACHADO, 2020, p. 155).

Os gêneros primários compreendem as formas mais simples advindas de situações cotidianas a partir da comunicação dita imediata, ligada diretamente ao tempo e ao espaço, podendo ser escritos ou orais. Os gêneros secundários, por sua vez, resultam de formações mais complexas e organizadas, como romances, pesquisas etc. Nesse caso, segundo Bakhtin (2011), os gêneros secundários seriam predominantemente escritos, devido à sua complexidade; entretanto, não apenas escritos, podendo ser orais, como atualmente, por exemplo, com a existência de muitos gêneros orais extremamente complexos, como conteúdos feitos para canais (videoaulas, palestras etc.).

Os gêneros secundários não estão ligados ao tempo e ao espaço no sentido de que são pensados, organizados, planejados. São, segundo Machado (2020), “formações complexas porque são elaborações da comunicação cultural organizada

em sistemas específicos como a ciência, a arte, a política”. Machado ainda argumenta que essa divisão em gêneros primários e secundários “não impede que uma forma do mundo cotidiano possa entrar para o mundo da ciência, da arte, da filosofia, por exemplo” (MACHADO, 2020, p. 155). O que ocorre é que as esferas podem se mesclar, modificando-se e complementando-se conforme as necessidades de uso da linguagem.

Os gêneros discursivos, nessa compreensão, estão histórica e socialmente ligados às esferas da atividade humana. O estilo, por exemplo, corresponde ao modo como cada sujeito recria um enunciado, dando vida a outro de maneira particular e individual: deixando sua marca.

Considerando que a atividade humana é essencialmente social, é por intermédio da linguagem que nos relacionamos para, a partir do individual, produzir o coletivo e transformarmos o mundo a partir da nossa própria transformação, numa situação de recriação única e ideológica. Assim, todo enunciado é resposta a enunciados anteriores e antecipação a enunciados posteriores. Ele é dialógico e, mediante esse dialogismo, suscita vozes que se materializam por meio da interação social.

Conforme mencionado anteriormente, o enunciado configura-se, de acordo com Bakhtin (2011), como sendo de natureza geral e permite que nós compreendamos o gênero do discurso a partir de características próprias e de elementos concretos que resultam da interação entre os indivíduos socialmente organizados.

Segundo Bakhtin (2011), “os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 275); nesse sentido, o enunciado é sempre responsivo. A compreensão do *outro* é um ato responsivo, não importando se acontece no ato da comunicação, depois ou a partir de uma leitura ou outro tipo de interação qualquer, podendo acontecer antes ou depois da realização do enunciado, reforçando seu caráter dialógico.

Pode-se compreender isso quando o autor nos revela a diferença que há entre a oração e o enunciado. A oração, enquanto unidade puramente linguística, gramatical não possui responsividade. Quando há alternância de sujeito, uma responsividade em relação a um determinado enunciado, seja oral ou escrito, estamos falando de enunciado. “A oração enquanto unidade da língua é desprovida

da capacidade de determinar imediata e ativamente a posição responsiva do falante” (BAKHTIN, 2011, p. 287).

Porém, Bakhtin (2011) esclarece que qualquer oração pode “figurar como enunciado acabado” (p. 287). Ou seja, a partir do momento em que determinada oração se reveste de outros elementos que não são os puramente gramaticais, sua natureza, conforme o autor, acaba modificando-se e tornando-se enunciado ao tempo em que atinge um certo “grau de conclusibilidade”, o qual lhe permite “suscitar resposta” (BAKHTIN, 2011, p. 287).

Nesse sentido, o enunciado configura uma posição discursiva real entre os sujeitos; a oração, no entanto, não suscita resposta. Para Bakhtin “todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo” (BAKHTIN, 2011, p. 296). O enunciado deixa de ser apenas oração a partir do contato (responsivo) com o outro. O dialogismo existente entre os enunciados concretos, que acarretam uma ação responsiva entre os sujeitos e os sentidos expressos nesses enunciados, suscitam vozes que vêm antes e depois de sua concretização. Essas vozes, bem como, as ideologias presentes nos discursos, são compreendidas a depender do momento sócio-histórico em que os sujeitos estão inseridos.

Assim, os gêneros do discurso são próprios da atividade humana (de caráter inesgotável) e, segundo Bakhtin (2011), desenvolvem-se dialogicamente a partir da interação entre os sujeitos do discurso. Machado (2020) reitera essa teoria dizendo que “o ambiente é a condição sem a qual o diálogo simplesmente não acontece” (MACHADO, 2020, p. 164).

Gêneros do discurso são, portanto, formas típicas de enunciados e não apenas conjuntos estruturados de enunciados (orações). “Isso porque os gêneros discursivos são formas comunicativas que não são adquiridas em manuais, mas sim nos processos interativos” (MACHADO, 2020, p.157).

No texto *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, Bakhtin (2011) expõe a problemática do entendimento do texto e concebe-o como sendo unidade real da língua e não apenas um conjunto de palavras linguisticamente estruturadas.

O texto, seja ele oral ou escrito, é entendido como ponto de partida para qualquer que seja a disciplina, estudo ou pesquisa, pois “onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2011, p. 307).

Para Bakhtin, o texto é uma estrutura viva que depende muito mais das condições e relações sócio-históricas para ser concebido como tal do que das próprias estruturas abstratas da língua (elementos gramaticais, lexicais etc.). Assim, o texto torna-se concreto partindo desses elementos linguísticos em contato com a realidade histórica de determinado contexto.

Segundo o autor, “do ponto de vista dos objetivos extralinguísticos do enunciado todo, o linguístico é apenas um meio” (BAKHTIN, 2011, p. 313). Ou seja, o texto é algo vivo que parte das formas linguísticas para solidificar-se a partir das interações humanas, do contato com o outro e do contexto em que estão inseridos.

Bakhtin evidencia, em sua teoria, no problema das fronteiras do texto, dois polos: o linguístico e o dialógico. No polo dos elementos linguísticos, pode-se compreender tudo que pode ser reproduzido e repetido quantas vezes seja necessário.

No que se refere ao segundo polo, o dialógico, este está representado no enunciado, que é vivo, real, discursivo e diretamente ligado ao contexto histórico e social; é único e irrepetível.

A compreensão do segundo polo, portanto, revela-se inerente ao texto no momento em que acessa as *fronteiras* ao sair de uma análise puramente estrutural para adentrar na compreensão dos sentidos advindos da interação comunicacional do texto.

A partir do entendimento de que, ao abordarmos os gêneros discursivos, estamos falando de algo que vai além de aspectos linguísticos, verificamos que os gêneros se solidificam e se concretizam principalmente a partir das relações humanas, do dialogismo, do contato com o outro. Nessa perspectiva, na próxima seção, serão abordadas algumas concepções que se referem à atividade jornalística, tendo em vista que o texto analisado neste trabalho deriva dessa esfera de circulação.

1.2.1. A atividade humana jornalística

Nesta seção, abordaremos alguns aspectos que se relacionam à atividade humana jornalística em uma concepção de que essa atividade não se relaciona apenas com o texto e seus aspectos estruturais linguísticos, mas sim com sua prática social. Segundo Melo e Assis (2013, 2016), o que move a atividade

jornalística é a comunicação que, para concretizar-se, depende do contexto e das relações sociais estabelecidas entre os sujeitos e o meio. Considerando que o texto humorístico, objeto de nossas análises, circula em suporte da esfera jornalística do meio digital, é de suma importância que se compreenda a prática jornalística enquanto atividade humana que não apenas informa, mas também interpreta o mundo, diverte, opina e presta serviço.

Assim, a atividade jornalística, segundo Melo e Assis (2013, 2016), desenvolve-se em um território comunicacional que vai além das particularidades linguísticas do texto. Ou seja, “o teor do jornalismo não deve ser nivelado apenas pelo que se manifesta nos textos” (MELO; ASSIS, 2013, p. 21). Não que essas manifestações não sejam importantes, pelo contrário, é por meio delas que podemos entender as particularidades de cada gênero. O que ocorre é que, segundo os autores, não se pode levar em conta apenas os aspectos centrados no texto, pois apenas esses aspectos tornam-se insuficientes para a compreensão da atividade jornalística enquanto atividade humana.

Nessa perspectiva, o sentido e a compreensão dos gêneros jornalísticos dão-se perante a interação destes com seu público, sejam eles “leitores, radiouvintes, telespectadores, internautas etc.” (MELO; ASSIS, 2013, p. 21), compreendidos a partir dos suportes aos quais estes pertencem e por onde circulam, sejam eles tecnológicos ou físicos.

Segundo os autores, o significado de gênero em relação às ciências da comunicação segue a perspectiva de Bakhtin (2011, p. 262): “tipos relativamente estáveis de enunciados”, integrando, na classificação de Bakhtin, os gêneros secundários, que pertencem “a uma constelação mais vasta, a dos gêneros midiáticos, cuja configuração é determinada por suportes tecnológicos (meios de comunicação) que condicionam o uso dos códigos de expressão linguística” (MELO; ASSIS, 2013, p. 23-24).

Para os autores, há duas teorias que se configuram com maior evidência em relação aos gêneros midiáticos: a teoria do funcionalismo e a teoria crítica. Em relação ao funcionalismo, Melo e Assis (2013) destacam que as funções são (ou devem ser) constantemente atualizadas de acordo com as transformações sociais. Assim,

seus conteúdos são moldados por categorias funcionais (entre elas o jornalismo) que se reproduzem em classes (ou gêneros), por sua vez

organizadas em formas de expressão com certas características comuns (formatos) e subdivididas em espécies (tipos). (MELO; ASSIS, 2013, p. 26)

As funções as quais os autores se referem são as seguintes: informação, correlação, continuidade, entretenimento e mobilização. Essas funções, no campo jornalístico, podem ser direcionadas conforme a necessidade da sociedade. Para a teoria crítica, “os gêneros são um mal necessário”.

Melo e Assis (2013) afirmam que os formatos midiáticos são variantes dos gêneros que servem como instrumentos de manifestação elaborados pelos emissores (MELO; ASSIS, 2013, p. 28). O *formato* representa as características peculiares desenvolvidas no interior de cada gênero, e isso dá-se, principalmente, segundo os autores, no âmbito televisivo.

Melo e Assis (2013) enfatizam que o jornalismo pertence à modalidade de comunicação periódica que está inserida no conjunto de comunicação massiva, dentro do campo da comunicação. A atividade jornalística, desse modo, deve ser definida estruturalmente não apenas como uma atividade humana ou linguística, mas principalmente de comunicação (MELO; ASSIS, 2013, p. 30).

Destarte, os autores definem o gênero jornalístico como sendo:

[...] a classe de unidades da comunicação massiva periódica que agrupa diferentes formas e respectivas espécies de transmissão e recuperação oportuna de informações da atualidade, por meio de suportes mecânicos ou eletrônicos (aqui referidos como mídia), potencialmente habilitados para atingir audiências anônimas, vastas e dispersas. (MELO; ASSIS, 2013, p. 30)

Nessa compreensão, os gêneros adaptam-se e são utilizados conforme as necessidades advindas das atualidades vigentes em cada época, cumprindo seu papel de comunicar conforme as necessidades/expectativas do público consumidor. O gênero em sua função social, tendo em vista sua perspectiva funcionalista, “opera para atender demandas originadas no contexto da sociedade” (MELO; ASSIS, 2013, p. 31).

Conforme suas funções, os gêneros jornalísticos (informativo, opinativo, interpretativo, diversional, utilitário) desempenham papéis a fim de suprir as necessidades sociais da população em geral. A divisão dos gêneros e dos seus respectivos papéis acompanham o desenvolvimento da própria sociedade; pois, segundo os autores, “jornalismo e sociedade, passam por processos evolutivos

concomitantes” (MELO e ASSIS, 2013, p. 32). Compreendemos, portanto, que a função social da atividade jornalística está ligada historicamente à sociedade vigente e às suas necessidades.

Pautado na historicidade da prática, os autores apontam a “classificação Marques de Melo” (MELO; ASSIS, 2016, p. 41), na qual os gêneros da esfera jornalística são agrupados conforme suas características e formatos, deixando claro que uma leitura compreensiva deve ser feita para além de análises textuais, salientando e compreendendo a prática a partir do seu “processo, bastidores, dos antecedentes” (MELO e ASSIS, 2013, p. 33). Esse processo de compreensão do todo, que pode nos possibilitar a real compreensão do que seja determinado gênero jornalístico (que os autores subdividem em formatos), permite-nos a leitura compreensiva e crítica acerca de sua histórica e sua constante evolução.

1.2.1.1. Gênero opinativo no universo jornalístico

Considerando o exposto referente à classificação e formatos jornalísticos (MELO e ASSIS, 2013, p. 50), e tendo em vista que seu surgimento e/ou consolidação se estabelecem a partir das demandas sociais que historicamente se apresentam, pode-se perceber que o texto humorístico, analisado neste trabalho, segue essa perspectiva.

Atentamos para o que afirma Melo (2003):

A manifestação de opinião no jornalismo contemporâneo não é um fenômeno monolítico. Por mais que a instituição jornalística tenha uma orientação definida (posição ideológica ou linha política), em torno da qual pretende que as suas mensagens sejam estruturadas, subsiste sempre uma diferenciação opinativa (no sentido de atribuição de valor aos acontecimentos) (MELO, 2003, p. 101).

Nesse sentido, entre os gêneros opinativos “chamados convencionais como o editorial, artigo de opinião, crônica etc.” (MELO, 2003, p. 163), há aqueles que trazem a opinião em forma de humor, como a caricatura. Essa opinião, segundo o autor, “se manifesta explícita e permanentemente através da caricatura, cuja finalidade satírica ou humorística pressupõe a emissão de juízos de valor” (MELO, 2003, p. 163).

Para o autor, “o recurso da caricatura, originada na França na década de 1830, representou uma necessidade social de um jornalismo que ampliava seu raio

de ação, ganhando novos contingentes de leitores” (MELO, 2003, p. 164). Assim como a caricatura, o texto humorístico, objeto deste trabalho, surge como “uma necessidade social” (MELO, 2003, p. 164), como uma opção para a demarcação de determinados posicionamentos visando criticar atitudes, posicionamentos, fatos, imposições que surgem a partir de outros gêneros expostos na esfera jornalística. Dessa maneira, coloca-se na posição de texto opinativo a partir do humor, da sátira.

Melo (2003) observa que a expressão da caricatura se inicia com o texto verbal e só depois se concretiza na imagem como atualmente conhecemos. Para o autor, “é, porém, com o desenho, que a caricatura adquire expressão permanente como relato humorístico, dando origem a um segmento do jornalismo – o jornalismo caricato – destinado à sátira política e social” (MELO, 2003, p. 165). O autor declara que a caricatura é “uma forma de expressão artística” que traz em sua essência “a representação da fisionomia humana com características grotescas, cômicas ou humorísticas” (MELO, 2003, p. 167).

Segundo o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, a palavra caricatura possui as seguintes acepções:

1. Desenho ou pintura de pessoa ou fato que, por apresentar traços distorcidos, acentua ou revela seus aspectos grotescos;
2. Reprodução grosseira e deformada de alguma coisa;
3. Pessoa de aparência ou modos ridículos;
4. Representação em que se acentuam e satirizam os aspectos cômicos e grotescos de pessoas e fatos.

Embora a caricatura tenha sido concretizada, consagrada, no desenho, imagem (de pessoas), este trabalho parte da acepção 4 de caricatura, pois, em uma análise inicial, o texto humorístico traz em seu conteúdo representações grotescas de acontecimentos que se relacionam ao contexto de sua produção. Logo, o texto analisado apresenta-se como um expoente de cunho democrático, pois propõe-se a opinar de maneira satírica e irônica acerca de um assunto sério, fazendo crítica em forma de humor.

Em vista disso, Melo (2003) ainda enfatiza que o gênero caricatura “são formas de representação que dramatizam o cotidiano, retirando-lhes, portanto, o caráter de veracidade que constitui atributo basilar do jornalismo” (p. 172). Por isso, compreendemos o texto analisado e o conceituamos como sendo humorístico. Isso representa situações e fatos com humor e, por meio de (re)textualizações, visa

suscitar opiniões e reflexões acerca de questões atuais e polêmicas através de crítica social que, por vezes, pode aparecer explícita, podendo ser identificada por meio de marcas linguísticas; outras vezes, essa crítica aparece sutilmente marcada por elementos implícitos permeados de ironia que dependem de conhecimentos prévios ou do conhecimento do contexto para que sejam reconhecidas. Outra questão que consideramos fazer parte da caracterização do texto analisado como sendo humorístico refere-se ao fato de que trata de assuntos sérios com humor e tenciona trazer à tona uma crítica social severa, muitas vezes, com humor absurdo, satirizando eventos ou comportamentos ilógicos, objetivando despertar no leitor a reflexão necessária para entender sua finalidade.

Apresentados os pressupostos teóricos que embasam nossa pesquisa, passaremos para o capítulo seguinte, no qual relataremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados na análise do texto, os objetivos da pesquisa e os procedimentos de análise dos dados.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo discorrerá sobre os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa. Primeiramente, serão apresentadas informações sobre o texto analisado, seguido dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos de análise dos dados.

2.1. O texto analisado

No início do processo de seleção dos textos a serem analisados, delimitamos o período entre março de 2020 a junho de 2021 para a leitura e a seleção do texto a ser analisado neste trabalho. Logo após essa definição, fizemos uma busca em sites humorísticos, em *blogs*, *Facebook*, *Instagram* para encontrarmos textos humorísticos.

Assim, inicialmente, acabamos por selecionar dois sites para podermos fazer a seleção final do texto a ser analisado. Trata-se do *Sensacionalista* e do *The Piauí Herald*, que são sites especializados em textos de humor. Como seleção final, foi escolhido o site *The Piauí Herald*¹ por termos encontrado um texto com o tema “pandemia da Covid-19” intitulado “*Rebranding: para atrair público, shoppings criam conceito de Praça de Contaminação*”, produzido por Roberto Kaz e Afonso Cappellaro que foi publicado em junho de 2020 e que nos chamou a atenção a partir de uma leitura prévia e uma análise inicial. Então, ele foi o escolhido dado o contexto inusitado e sério de pandemia vivido pela população desde o início do ano de 2020.

2.2. Objetivos da pesquisa

Este trabalho tem como objetivo analisar o contexto de produção do texto humorístico, o plano global e as vozes presentes nele. A identificação e a compreensão das vozes levam-nos a entender questões que se relacionam diretamente com a atividade humana por meio das relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos nas situações de comunicação que se constituem a partir das situações sócio-históricas ligadas ao agir humano. Fundamentando nosso

¹ O texto impresso estará disponível no Anexo deste trabalho.

estudo no interacionismo sociodiscursivo, buscamos analisar os discursos presentes no texto selecionado como forma de entender questões ideológicas, bem como compreender os sentidos que possam ser suscitados a partir das vozes identificadas. A partir de uma análise discursiva, tendo como base, principalmente, o contexto em que o texto foi produzido e suas implicaturas no processo de relação entre os sujeitos-leitores, delimitamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Caracterizar o contexto de produção do texto selecionado;
- 2) Descrever o plano geral do texto, ou seja, discorrer como o conteúdo é organizado;
- 3) Identificar e interpretar as vozes encontradas no texto humorístico selecionado.
- 4) Elaborar atividades didáticas, após análises realizadas.

A análise do contexto em que o nosso objeto de estudo foi produzido mostra-se fundamental uma vez que, muitas vozes, inclusive as vozes irônicas, somente podem ser compreendidas a partir do reconhecimento desse contexto.

Em relação ao plano geral do texto, foi feita a captura da imagem da página em que foi publicado; foi observado o seu *layout*, o título, o corpo do texto e também a utilização da linguagem multissemiótica. A partir da análise e descrição dos parágrafos, têm-se o conteúdo temático e os tópicos discursivos de cada parágrafo.

A identificação e a análise das vozes configuram-se como ponto central deste trabalho. Estas são identificadas por meio de leituras atentas e descrição dos elementos linguísticos e, principalmente, pela compreensão do contexto que se relaciona diretamente com as ideologias, tanto das vozes atribuídas aos produtores do texto como das várias vozes sociais e de personagens que são apresentadas em sua composição.

Após esses resultados, as análises foram retomadas para a elaboração de atividades didáticas, tendo como base objetos de conhecimento e habilidades, conforme a BNCC (2018).

2.3. Procedimento de análise dos dados

Primeiramente, foi feito um levantamento do contexto sócio-histórico de maneira mais ampla. Para isso, foi desenvolvido um estudo visando compreender o que estava acontecendo no período em que foi escrito o texto humorístico analisado:

junho de 2020, contexto da pandemia da Covid-19. Dessa forma, foi possível tomar conhecimento do contexto sócio-histórico em que o país se encontrava naquele momento.

Em segundo lugar, foi feita também a análise do contexto de produção do texto selecionado, que, segundo Machado (1998):

[...] é definido como o conjunto dos elementos do mundo físico e social – tais como os agentes o representam – que exercem uma influência necessária sobre a forma como o texto se apresenta. Esses elementos se distribuem em dois conjuntos: “a situação material de produção”, que se relaciona ao mundo físico, e a “situação de interação social”, que se relaciona ao mundo social. (MACHADO, 1998, p.60)

Em relação à situação que se relaciona ao mundo físico, segundo Bronckart (1999), “no primeiro plano todo texto resulta de um comportamento verbal concreto [...] que pode ser definido por quatro parâmetros precisos”. Refere-se ao lugar/espço de produção, ao momento/tempo de produção e à relação emissor/receptor do texto em questão.

Em terceiro lugar, foi realizada a análise do plano geral do texto, sendo “o que compõe o nível da infraestrutura textual e se refere à organização do conjunto de conteúdo temático” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2013, p. 78), que, no caso deste trabalho, é constituído de título, fotografia, legenda da fotografia e o corpo do texto composto por três parágrafos.

Para examinar o plano geral, foi feita a captura da imagem do texto publicado no site. Então, foi observada a inscrição do *layout* da página do *blog*; o tamanho do texto – relativamente pequeno, composto de apenas três parágrafos –, trazendo em cada um desses parágrafos temáticas que foram descritas e analisadas separadamente. Os elementos não verbais, compostos por imagens/fotografias, foram analisados de maneira a compor as temáticas do texto humorístico, configurando-se como fundamentais na composição dos possíveis sentidos que podem ser apreendidos pelo leitor. Toda a análise do plano geral do texto deu-se observando o contexto de produção, fundamental para a compreensão do gênero em questão.

Finalmente, foi feita a identificação e a análise de vozes, pois os discursos estão permeados de outras vozes. Segundo Muniz-Oliveira (2016) “a presença do outro pode estar marcada linguisticamente por meio de formas gramaticais ou pode ser identificável a partir do próprio enunciado” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 44). Em

relação às vozes, a autora cita o discurso direto e o discurso indireto. No caso do discurso direto, ele constitui “um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal” (Muniz-Oliveira, 2016, p. 46). A autora afirma, ainda, que este pode ser identificado a partir da reprodução exata das palavras do enunciador citado.

Todos os trechos sob análise, retirados do texto humorístico, estarão destacados em azul, neste capítulo e no capítulo de análise, para melhor visualização do leitor desses trechos analisados.

Por exemplo, a identificação do discurso direto dá-se por meio de marcas linguísticas como as aspas, que são observadas no exemplo do trecho: “**É um mindset totalmente novo [...]**”; e ainda mediante verbos de dizer, como no trecho: “**disse um general que é CEO [...]**”. O verbo **disse** faz parte da gama de verbos introdutores de discurso direto, que faz parte das operações linguístico-discursivas e que, segundo a pesquisadora, “tem um valor de posicionamento mais neutro em relação à verdade do enunciado” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 103), diferente de quando utiliza-se outros verbos de dizer como *sustenta*, *ênfatiza*, *defende*.

Por sua vez, o discurso indireto é retratado por meio da situação de enunciação e, conforme Muniz-Oliveira (2016, p. 46), “o enunciador tem uma infinidade de maneiras de traduzir as falas citadas”. Para sua identificação, é preciso compreender o conteúdo enunciado para perceber-se a voz do outro, marcada, muitas vezes, por um verbo introdutor da fala, como no trecho seguinte: **A gente tem como target esse público dinâmico, que acredita que o Brasil não pode parar**. Neste, observa-se o emprego do discurso indireto que se manifesta por meio do verbo **acreditar**. Segundo a autora, no discurso indireto há apenas uma situação de enunciação, sendo que é o sentido do verbo introdutor que insere o discurso do outro (MUNIZ-OLIVEIRA, 2009, p. 34).

Além disso, será analisado o uso de estrangeirismos, que se trata do emprego de palavras ou expressões oriundas de outras línguas, sendo consideradas vozes do discurso de determinada comunidade linguística, de determinado povo (GOIS, 2008). Para caracterizar o estrangeirismo, foram analisados vocábulos procedentes de línguas estrangeiras, em especial, da língua inglesa, que, segundo Gois (2008), possui conhecido prestígio universal. Percebemos, a partir do contexto de produção do texto humorístico, que a inserção desses vocábulos revela vozes sociais com objetivos ideológicos comprovados pelas análises. Na legenda da foto,

por exemplo, a fala do menino “I see dead communists” é escrita na língua estrangeira, o inglês, que identificamos pela utilização das aspas. Outra maneira de identificar o fenômeno do estrangeirismo é por intermédio do próprio contexto socioideológico estabelecido pela situação em que o texto foi criado, tendo em vista que estrangeirismos são facilmente incorporados à língua portuguesa; pois, segundo Gois (2008),

o estrangeirismo não constitui uma realidade isolada. Ele surge inserido nas estruturas frasais da língua portuguesa, muitas vezes hibridamente flexionados. O estrangeirismo participa, pois, dos próprios processos culturais e da convergência de interesses cerceadas pela imposição da mídia. (GOIS, 2008, p. 18)

Ademais, será analisado também o uso de aspas quando o enunciador se utiliza de uma palavra ou expressão, apontando para ela entre aspas, mas indicando que, de algum modo, não a assume, afastando-se dela; podendo, assim, revelar uma outra voz, muitas vezes sendo difícil interpretá-la (MAINGUENEAU, 2004).

Finalmente, será analisada a ironia na qual o enunciador deixa perceber, no próprio discurso, a voz de um outro ao qual se atribui a responsabilidade do enunciado (MAINGUENEAU, 2004). Para este autor, “a enunciação irônica apresenta a particularidade de desqualificar a si mesma, de se subverter no instante mesmo em que é proferida” (MAINGUENEAU, 2004, p. 175). Segundo o autor, é como se o enunciador expressasse com suas palavras a voz de uma personagem ridícula que falasse de modo sério e do qual ele se distancia.

A ironia, por assim dizer, pode suscitar sentido duplo: pode ser vista ora como uma voz explícita, ora como uma voz implícita (ALAVARCE, 2009). Isso dependerá do gênero textual em que estiver inserida. No caso de gêneros orais, por exemplo, a ironia pode ser mais facilmente identificada mediante elementos não verbais, como gestos, expressões faciais e também pela entonação de voz. Em uma análise mais profunda, Alvarce (2009) afirma que o leitor/receptor do texto “não é apenas convidado a participar da construção do sentido, mas sim convocado” (ALAVARCE, 2009, p.119), caso contrário, o sentido que se espera que seja construído, por meio da apreciação de determinado texto, talvez não seja efetivado, caindo por terra os objetivos que se pretendiam alcançar pelo enunciador do discurso irônico.

Para analisar a ironia, no texto humorístico selecionado, foi necessário entender o momento sócio-histórico em que o texto foi produzido, compreender as

vozes irônicas da sua composição e também as ideologias presentes nos discursos identificados. Nesse sentido, Alvarce (2009) afirma que os textos que possuem ironia possuem uma voz explícita que é superficial e outra implícita que é o pano de fundo do discurso, revelada apenas pela compreensão do contexto.

Além dessas vozes, buscamos identificar e compreender a voz do enunciador, que Bronckart (1999) chama de voz neutra, que se refere à instância geral da enunciação que assume diretamente a responsabilidade do dizer, no caso do texto analisado, a voz do expositor, já que se trata de um texto do eixo do expor.

Nossa pesquisa é de base qualitativa interpretativa, uma vez que analisa um texto humorístico que circula na esfera digital e investiga fenômenos linguísticos próprios desse texto inserido no contexto pandêmico mencionado anteriormente na seção 2.1. A pesquisa qualitativa, segundo Creswell (2007), baseia-se em uma série de características:

Essas características são: que a pesquisa ocorra em um cenário natural; empregue métodos múltiplos de coleta de dados; seja emergente, e não pré-configurada; seja baseada nas interpretações do pesquisador; seja vista de forma holística; seja reflexiva, use processos de raciocínio indutivo e dedutivo; empregue uma estratégia de investigação (CRESWELL, 2007, p. 208).

Para Moita Lopes (1994), “o homem interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo, assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades” (p.331), nesse sentido, os significados que são construídos a partir das interações sociais são fundados no momento sócio-histórico ao qual eles estão inseridos e as perspectivas dos sujeitos ocasionadas por meio deles. Assim, o autor reitera que, “na posição interpretativista, não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina: o mundo social é tomado como existindo na dependência do homem” (MOITA LOPES, 1994, p.331).

No próximo capítulo, serão apresentadas as análises do texto selecionado.

3. ANÁLISES DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentadas as análises referentes ao texto humorístico selecionado, com base em seu contexto sócio-histórico, contexto de produção, plano geral do texto e vozes identificadas.

3.1. Contexto sócio-histórico

Para compreender o que estava acontecendo no período em que foi escrito o texto humorístico analisado, junho de 2020, contexto de pandemia, é necessário tomar conhecimento do contexto sócio-histórico em que o país se encontrava naquele momento.

Considerando que uma crise instaurada pelo avanço da pandemia em nosso país não deva ser vista separadamente de uma crise econômica iminente, é significativo mencionar neste trabalho como encontrava-se o cenário econômico até então. Segundo um estudo organizado pelo professor Demian Castro, do Departamento de Economia (DEPECON) da UFPR, “A chegada do coronavírus ao Brasil apenas aprofunda as dificuldades que o país já enfrentava” (2020, p. 65). Nesse entendimento, os pesquisadores concluem que, por meio dos dados pesquisados, já havia uma crise econômica anterior a essa pandemia que só veio agravar uma situação que já existia.

Desde 2008 o mundo mergulhara em uma crise financeira que, inevitavelmente, acabou “respingando” no Brasil, um pouco mais tarde, a partir dos anos de 2014 e 2015, quando, segundo Dweck e Teixeira (2017, p. 02), “o comportamento da economia brasileira passou de desaceleração ao longo do primeiro mandato de Dilma, para recessão a partir do primeiro ano do segundo mandato”. Até então, durante o governo Lula, a crise mundial havia sido contida com políticas econômicas eficazes de combate à crise, conforme relatos dos mesmos autores.

A partir do momento em que a presidente Dilma sofre o que chamaram de *impeachment*, mas que para muitos não passou de um golpe, quem assume o comando do Brasil é o vice-presidente Michel Temer. Assim, desde maio de 2016 até janeiro de 2019 houve, segundo Oreiro e Paula (2019, p. 91), “uma mudança

profunda na condução da política econômica, adotando-se, explicitamente, uma agenda ortodoxa-liberal”. Na visão dos pesquisadores, houve uma continuidade da política econômica adotada por Temer/Meirelles e Bolsonaro/Guedes – ou seja, política econômica iniciada no governo Temer e aprofundada no governo Bolsonaro. Ainda segundo essa visão, trata-se de uma série de ajustes (reforma trabalhista, previdenciária, privatizações etc.) implementados a partir de 2016 e continuados no governo Bolsonaro. Ajustes esses que, na percepção dos autores, “são incapazes de dar sustentação a um novo ciclo de crescimento para a economia brasileira, sendo mais provável a manutenção de uma economia estagnada” (2019, p. 96). Enfim, o cenário político-econômico em que se encontrava o país em junho de 2020 não era nada estável. Para Couto (2020, p. 98), “O ano de 2019 manteve a trajetória medíocre do governo Temer: baixo crescimento e elevado desemprego. A reduzida taxa de inflação e de juros foram os únicos pontos positivos”, cenário este que continuou pelo ano seguinte.

Nesse contexto, chega a pandemia do coronavírus e, com ela, a interrupção de sinais de uma possível recuperação a longo prazo. Segundo Silva e Silva (2020), “de abril a julho de 2020, as restrições de circulação de pessoas e de isolamento social impostas pelos municípios e estados, com o intuito de conter o avanço do vírus, provocam impactos diretos no emprego e renda da população” (p. 03). Muitos setores sofreram mais as consequências do que outros, como o turismo, o entretenimento, setores de alimentação, de transporte. Silva e Silva (2020) ainda ressaltam que “as micro e pequenas empresas foram as mais afetadas” (p.04), pois muitos tiveram seus pedidos de créditos negados pelos bancos, inviabilizando, em muitos casos, a continuidade de seus negócios e a consequente oferta de empregos, ainda que o Governo, por intermédio do Ministério da Economia, tenha ofertado algumas linhas de crédito para auxiliar os diversos setores empresariais a manterem suas empresas. Algumas medidas foram adotadas para tentar minimizar o impacto da pandemia na vida das pessoas, mas, a principal, talvez tenha sido o auxílio emergencial de seiscentos reais que, conforme Gurgel (2020), seguia algumas regras para a remuneração e tinha também um período para este recebimento, que era de três meses, inicialmente. Vale lembrar que essa medida foi tomada pelo Governo por meio do Ministério da Economia “após grande pressão social e por iniciativa do Congresso Nacional” (ORO; ALVES, 2020, p. 129).

3.1.2. O que é Covid? Onde surgiu?

A Covid-19, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Em alguns casos, os pacientes podem apresentar diarreia, dor de garganta, perda de paladar e olfato, conjuntivite ou até mesmo descoloração das mãos e/ou dos pés. A maioria da população recupera-se sem precisar de tratamento hospitalar, segundo dados da própria OMS, mas muitas pessoas desenvolvem a forma grave da doença, precisando, inclusive, de tratamento intensivo e, dependendo da gravidade, necessitam desse tratamento por um longo período.

Esse vírus surgiu na China em dezembro de 2019, mais precisamente na Província de Hubei, na cidade de Wuhan, segundo dados da OMS, e logo espalhou-se mundo afora. No Brasil, o primeiro caso foi notificado em 26 de fevereiro de 2020 em São Paulo, conforme informações do Ministério da Saúde.

Segundo as orientações da OMS, as melhores maneiras de tentar evitar a disseminação da doença e o contágio (uma vez que não há um tratamento efetivo para a doença) pelo novo coronavírus são manter o distanciamento social de pelo menos um metro, usar máscara, higienizar as mãos com água e sabão e usar o álcool em gel. Com relação às medidas de distanciamento físico em grande escala e restrições de movimento, chamadas de *lockdowns*, podem reduzir a velocidade de transmissão da Covid-19 ao limitarem o contato entre as pessoas, mas, ao mesmo tempo, segundo a OMS, podem acarretar outros problemas diversos, principalmente em relação a grupos menos favorecidos, como os mais pobres, os migrantes, os refugiados, os trabalhadores informais etc. Esses grupos sentiriam mais as consequências no que diz respeito ao isolamento por terem menos condições de, por exemplo, manter o distanciamento social por residirem em grande número em casas muito pequenas; por terem que utilizar transportes públicos lotados. As condições de higienização adequada também seriam um problema social preocupante.

Considerando que as epidemias fazem parte da história da humanidade, o que podemos perceber em relação a essa epidemia do coronavírus é que está longe de ser erradicada do nosso meio, por mais que as vacinas estejam avançando e que

já haja certa imunização por meio delas. O tratamento e quiçá a cura dessa doença letal ainda não possui uma definição.

No Brasil, essa doença chegou com o “status” de “gripezinha”, conforme a autoridade maior do país, o presidente Jair Bolsonaro, leigo em medicina e desconhecedor de sua gravidade. Após a confirmação do primeiro caso da Covid-19, no país, o então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, que é médico, declarou ao portal G1, em 26 de fevereiro de 2020, segundo Marques, Silveira e Pimenta (2020, p. 231), que “É uma gripe, vamos passar por ela e colocar todas as fichas na ciência”. Todavia, o quadro mundial agravava-se dia após dia e, em março de 2020, a Covid-19 foi declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde.

3.1.3. Governo federal, estados e municípios

A pandemia do novo coronavírus surgiu no início do segundo ano do mandato do Presidente Jair Bolsonaro. Durante o surgimento da doença, no Brasil, o primeiro caso foi confirmado na quarta-feira de cinzas, dia 25 de fevereiro de 2020, e comprovado no dia 26 de fevereiro do mesmo ano (Marques, Silveira e Pimenta, 2020, p. 231). Até a data da publicação da notícia humorística analisada (12/06/2020), passaram pela pasta do Ministério da Saúde três ministros. Quem estava no comando do ministério, inicialmente, era Luiz Henrique Mandetta, o qual estava no cargo desde o início da gestão de Bolsonaro. Quando Mandetta percebeu a gravidade da situação, resolveu seguir as recomendações da OMS na condução da pandemia da Covid-19, principalmente em relação a não indicação da cloroquina e ao distanciamento social. O presidente, que abertamente divergia dessas recomendações, passou a discordar também do ministro e de seus direcionamentos, culminando na exoneração deste em plena ascensão da pandemia, em 16 de abril de 2020. Logo após, quem assumiu a pasta foi o também médico Nelson Teich, que ficou no cargo por exatos 28 dias, saindo em 15 de maio, embora sem maiores explicações. Naquele momento, especulava-se que sua saída poderia ter ocorrido pelas mesmas razões da saída de Mandetta, ou seja, por não concordar com a indicação da cloroquina como “tratamento da doença” e por concordar com o distanciamento social e o uso de máscara.

Nesse cenário, o que restava ao governo seria procurar um novo ministro, que não fosse da área da saúde. Então, quem assumiu o ministério na ocasião, interinamente, foi o general do exército Eduardo Pazuello, mais “alinhado” com as ideias negacionistas do presidente e sem ligação com a área da saúde; segundo Gonçalves (2020), “com experiência em logística e ações de emergência no exército”.

Para Oro e Alves (2020), “A postura do presidente e suas declarações evidenciam a falta de tratamento sanitário adequado do governo federal para lidar com a pandemia”. Conforme os autores, o presidente “naturaliza a morte” com seus comentários e com o “silêncio” diante da tragédia, que literalmente estava sendo anunciada, principalmente mediante os números crescentes de contaminados e mortos. Um exemplo da postura do presidente da república foi uma declaração que este deu à imprensa, no dia 11 de junho de 2020, quando “insuflou a população a invadir hospitais e sistemas de saúde para fotografar e filmar profissionais de saúde”, conforme nota pública do Conselho Nacional de Saúde, emitida no dia 12 de junho de 2020. A nota salienta ainda que, “em meio ao caos, o governo tenta retirar de sua responsabilização as mortes de milhares de pessoas que muito decorrem da falta de uma política coordenada pelo Governo Federal”, tentando culpabilizar os profissionais da saúde que, naquele momento, faziam o que estava ao seu alcance.

Em meio a essa turbulência política, segundo Abrucio *et al* (2020, p. 671), houve uma “descoordenação intergovernamental no enfrentamento da COVID-19”, que “aumentou com o conflito entre presidente e governadores, o que ficou explícito na decisão sobre o estabelecimento do isolamento social”. O governo federal, nesse sentido, era contra o isolamento social. Já os governadores, em sua grande maioria, desesperados por terem que dar conta da situação caótica que envolvia a saúde do povo, não viam outra alternativa a não ser aplicar medidas severas de isolamento social, mesmo que isso compromettesse boa parte da economia gerada pelo comércio de suas cidades. Os prefeitos, por sua vez, acabaram acompanhando os decretos estaduais, em uma tentativa de desafogar os hospitais e postos de saúde, que já começavam a dar sinais preocupantes. Com isso, conforme Abrucio *et al* (2020, p. 671), “Bolsonaro se desobrigou da ação de combate à Covid-19 e demorou a se pronunciar sobre o vírus”; ainda conforme os pesquisadores, “desde o início preocupado com a economia e minimizando a gravidade da situação” (Abrucio *et al*, 2020, p. 671), tentou “obrigar” os estados e municípios a flexibilizar as medidas de

isolamento adotadas pelos governadores, mas foi impedido pelo STF, que garantiu aos governadores a adoção de medidas que julgassem necessárias. Nesse contexto em que os governadores e prefeitos tomaram as rédeas do que deveriam fazer, conforme suas realidades, coube a cada estado organizar seus próprios decretos, na contramão do que pretendia o governo federal.

No que concerne à situação dos *shoppings* no período do texto analisado, após cerca de oitenta dias fechados, estavam reabrindo com restrições de circulação e de horário e com as medidas de segurança, conforme orientação das secretarias de saúde de cada localidade, que seguiam as orientações da OMS, como distanciamento entre as pessoas, uso de máscara e álcool em gel, além de aferição da temperatura nas entradas. Em São Paulo, por exemplo, os *shoppings centers* deveriam abrir a partir do dia 11 de junho de 2020, observando todas essas restrições, com exceção das praças de alimentação, cinemas, salões de beleza, parques infantis, os quais ainda não poderiam reabrir, conforme o Portal G1 São Paulo. Os restaurantes, no entanto, poderiam funcionar no sistema de *delivery*.

Na ocasião em que o texto analisado foi produzido, o presidente contava com o apoio político incondicional da bancada evangélica, de grande parte dos políticos do centrão e de deputados católicos conservadores que o apoiavam em tudo que ele falava ou defendia, conforme Oro e Alves (2020). Para Senhoras (2020, p. 108), “no Brasil, a ampla polarização das elites políticas e da Sociedade Civil durante a evolução da pandemia da Covid-19 geraram um padrão de interação relacional na esfera pública amplamente conflitiva”. Esses conflitos geraram um caos não somente político como, mormente, sanitário.

3.2. Contexto de produção

O texto humorístico foi selecionado do *blog The Piauí Herald*, que se trata de um caderno de humor que faz parte da Revista Piauí. Essa Revista possui uma periodicidade mensal e, conforme a própria Revista descreve na seção *Sobre Nós*,

A Piauí é uma revista mensal de jornalismo, ideias e humor. Publicamos para quem gosta de ler. Vale praticamente qualquer tema. Política, literatura, economia, televisão, arquitetura, cinema, futebol, odontologia – contanto que o dentista seja interessante, ou o tratamento de canal, revolucionário (Grifo do autor da Revista).²

² Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 04/07/2021.

As matérias publicadas na Revista, que possui o formato impresso e digital, são escritas por diversos profissionais: jornalistas, escritores, artistas gráficos, ensaístas, críticos e humoristas. Dentre os cadernos que compõem a Revista, está o *blog The Piauí Herald*, que é um caderno de humor que aborda assuntos polêmicos.

Ainda segundo informações da seção mencionada, a Revista e o seu conteúdo ficam hospedados no site da *Folha de S. Paulo*. Em relação à posição política da *Folha de S. Paulo*, é relevante destacar, segundo Azevedo (2018), que o jornal “hoje está localizado mais ao centro do que à direita do espectro político”, estando sua linha editorial mais alinhada com os “ideários liberais na política e na economia” (AZEVEDO, 2018, p. 278). Porém, a Revista Piauí deixa claro que possui uma produção independente e não pertence à Folha, havendo apenas uma parceria editorial. A Editora Abril, por sua vez, gerencia o sistema de assinaturas da Revista, segundo informações da seção *Sobre Nós*.

Ainda com informações coletadas nesta seção, a Revista possui edições mensais da versão impressa e seus conteúdos são abertos e exclusivos. Os textos da Revista impressa que são publicados na plataforma digital são restritos a assinantes, mas os conteúdos publicados diretamente no site são públicos, portanto, abertos a todos os leitores.

No que tange ao contexto físico e aos elementos *tempo/espaco*, momento de produção e local em que as ações ocorrem, são marcados pela data de publicação, 12 de junho de 2020, na página eletrônica do *The Piauí Herald*. Essa publicação está disponível para qualquer pessoa que tenha acesso à rede mundial de computadores.

No que se refere ao *enunciador* do texto, podemos notar algumas evidências. Percebemos, como primeiro emissor, a Revista Piauí, suporte em que se encontra o *The Piauí Herald*, identificado pelo nome da seção em destaque; logo abaixo, os nomes dos responsáveis pelo *blog* e pelas publicações, os redatores Roberto Kaz e Afonso Capellaro e, também, o nome do jornalista supervisor Olegário Ribamar.

Sobre os responsáveis pelos textos humorísticos postados no caderno, Roberto Kaz nasceu em 1982, no Rio de Janeiro. É jornalista e escritor. Estudou na Universidade de Columbia com bolsa da Fundação Lemann. Afonso Cappellaro³ é

³ Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/afonso-cappellaro-08677144>>. Acesso em: 04/07/2021.

formado em Rádio e Televisão pela Cásper Líbero. Tem mestrado em Música e Cultura pela Roehampton University de Londres. Foi um dos criadores do projeto MemeNews, além de escrever para o *The Piauí Herald*, da Revista Piauí. Com relação ao jornalista Olegário Ribamar, trata-se de um *ghost-writer*⁴ (escritor fantasma).

A própria descrição do conteúdo do texto humorístico age como enunciador implícito ao selecionar os elementos linguísticos que compõem o texto, deixando claro certo posicionamento crítico que percebemos, principalmente, por meio da utilização da ironia e do humor.

Os *destinatários* potenciais do texto são o público leitor em geral, que têm acesso à internet, principalmente os leitores do site em específico que possuem um posicionamento crítico-ideológico que vai ao encontro das supostas pretensões dos enunciadores.

No contexto de 12 de junho de 2020, havia mais de quarenta e uma mil mortes registradas no país por conta do coronavírus. Um número que já era assustador. Hoje, abril⁵ de 2022, porém, são mais de seiscentas e sessenta mil mortes. Conforme o decreto do estado de São Paulo daquela semana, os *shopping centers* voltariam a funcionar com horário reduzido e seguindo todos os protocolos de segurança adotados durante a pandemia, mas as praças de alimentação continuariam impedidas de funcionar, justamente para evitar aglomerações, piorando a situação.

3.3. O plano geral do texto

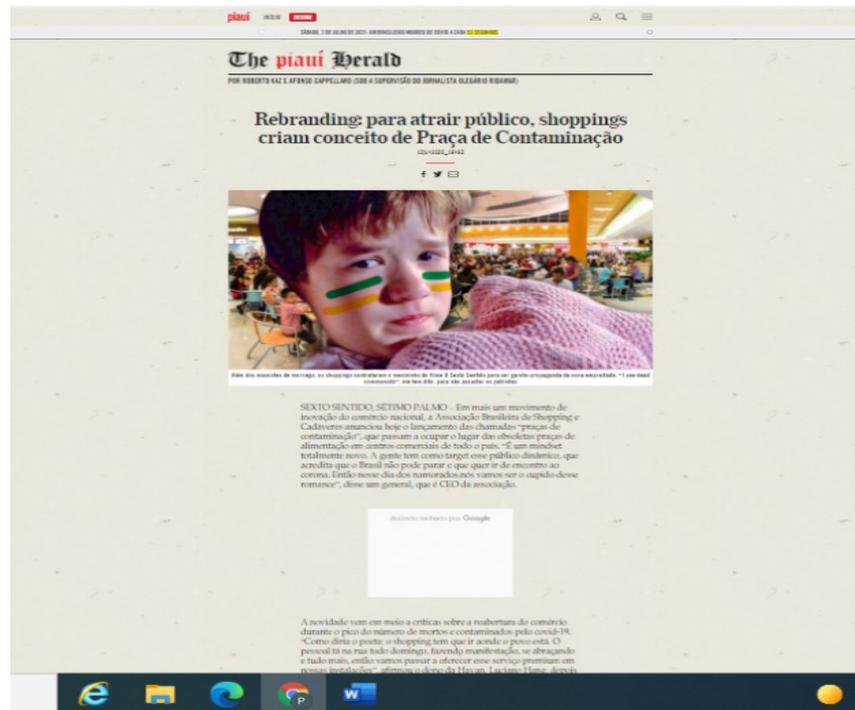
Em relação ao plano geral do texto, ele é relativamente curto, possuindo uma extensão de menos de uma página, observando os elementos verbais e não verbais que o compõem. No entanto, mesmo com esta extensão, seu conteúdo para análise mostrou-se muito profícuo, sendo essa a razão de termos selecionado um único texto para análise. Observamos nele, elementos linguísticos, contextuais, enunciativos, discursivos, semânticos, pragmáticos, e uma diversidade de vozes que revelam posicionamentos sociais e também dos autores que suscitam sentidos e

⁴ Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/colaborador/olegario-ribamar/>>. Acesso em: 04/07/2021.

⁵ Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>> Acesso em: 23/04/2022.

reflexões acerca dos assuntos nele abordados. Para uma visualização do texto publicado, segue a captura de sua imagem:

Figura 1: Texto humorístico analisado



Fonte: <<https://piaui.folha.uol.com.br/herald/2020/06/12/rebranding-para-atrair-publico-shoppings-criam-conceito-de-praca-de-contaminacao/>>. Acesso em: 04/07/2021.

Observamos, em destaque no *layout* da página, a inscrição do nome do *blog* *The Piauí Herald*, que traz estrangeirismos, compondo o texto com a língua portuguesa. Um leitor mais atento pode ter a percepção de que se trata de um *blog* estritamente de humor se captar os detalhes que compõem a escolha linguística da manchete. Alguns elementos estruturais, em um primeiro momento, podem lembrar uma notícia tradicional; mas, analisando atentamente, essa concepção logo se desfaz. Os textos de humor possuem elementos próprios, como desestruturar a própria estrutura da notícia, como a linguagem séria, clara e objetiva.

A palavra *Herald* é um termo em inglês que, traduzido para o português, significa arauto⁶ e, conforme uma das acepções do dicionário on-line Michaelis, seria “a pessoa que transmite mensagens ou notícias”. Esse contexto de mensageiro é

⁶ Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/arauto/> >. Acesso em 14/04/2022.

próprio da idade média, pois o arauto era o encarregado de levar as notícias, declarações ou mensagens para os povos. A utilização da letra heráldica na composição do título do blog também remete à idade média. Outra questão importante de se observar é a similitude com outros jornais ingleses que utilizam a palavra *Herald* em seus títulos como o *The Herald News*, *The News Herald*, conforme observa Lobato (2018). Verifica-se uma relação dialógica expressa pelo efeito de sentido quando da utilização da palavra arauto, pois, mais do que simplesmente anunciar algo, os enunciadores do texto criticam uma situação que, para eles deveria ser conduzida de maneira diferente. Esse entendimento é possível por meio da compreensão do contexto aliado à percepção da ironia e do humor.

Em primeiro plano, observa-se a imagem de um menino com uma fisionomia assustada e com o rosto pintado de verde e amarelo. Ao fundo, percebemos uma provável praça de alimentação repleta de pessoas. O menino que aparece na fotografia trata-se de Haley Joel Osment, ator do filme *O Sexto Sentido*, de 1999, dirigido por M. Night Shyamalan.

Quanto ao conteúdo temático, os enunciadores abordam o assunto polêmico da preocupação com a economia em um momento em que a saúde dos brasileiros inspirava maior atenção que qualquer outro aspecto.

No primeiro parágrafo, o tópico discursivo discorre a respeito de um movimento organizado por uma suposta [Associação Brasileira de Shopping e Cadáveres](#) para o lançamento das praças de contaminação, que passariam a ocupar o lugar das atuais praças de alimentação, em todos os *shopping centers* do país. Os proponentes da mudança afirmam que o conceito, [totalmente novo](#), visa a satisfazer um público que é dinâmico e que não quer ver o Brasil parado. Assim, o objetivo dessa mudança em relação ao conceito de [praça de contaminação](#) é promover um encontro, no dia dos namorados, entre o coronavírus e esse público corajoso.

No segundo parágrafo, o assunto abordado é o contexto em que a novidade se apresenta, em meio a críticas em relação à reabertura do comércio, em um momento em que havia um aumento no número de mortes por Covid-19 no país. Quem sugere que a mudança ocorra argumenta que o povo tem ido a manifestações sem se preocupar com as aglomerações; portanto, não teria problema em ir à nomeada “praça de contaminação” dos *shopping centers*.

E, finalmente, no último parágrafo, o texto discorre sobre as atrações, um tanto inusitadas, as quais seriam ofertadas neste novo conceito de praça de

contaminação. As principais ideias são um *self service* de diferentes safras de gripe, corrimãos *gourmet* e fliperamas contaminados, além de proporcionarem uma seção especial para as pessoas dos grupos de risco (*The Piauí Herald*, 12/06/2020), que seria a oferta de mimos os quais não foram especificados, mas seriam patrocinados por funerárias. Seguindo uma proposta coerente com a nova concepção, as crianças também teriam uma atração especial: uma animação de dublês do homem-morcego que viria por meio de uma parceria firmada pelos *shopping centers* com a Associação Brasileira de Dublês do *Batman*; esta, por sua vez, deveria escalar todo o seu contingente de dubladores para suprir a demanda da nova proposta.

Finalizada a análise do plano geral, passamos à análise das vozes.

3.4. Identificação e análise das vozes

O texto inicia-se pelo título: “*Rebranding: para atrair público, shoppings criam conceito de Praça de Contaminação*”.

Observa-se, nesse título, a utilização da palavra *rebranding*, escrita em inglês, colocando em cena, portanto, uma voz que é a de uma comunidade linguística inglesa assim como refere-se ao mercado capitalista, revelando uma jogada de *marketing*, uma vez que essa palavra está diretamente ligada aos vocábulos – *brand* (marca), *branding* (gestão da marca) que são muito utilizados no meio empresarial. Traduzida, *rebranding* significa reformulação, o que pode criar uma expectativa em relação ao que podemos encontrar no corpo do texto. Reformular algo, ou a praça de alimentação, para atrair o público, seria uma proposta esperada; o que foge à normalidade é a utilização da expressão “*praça de contaminação*”, que pode causar um efeito de sentido cômico. O *The Piauí Herald* retrata uma reformulação de praça do *shopping center*, porém, substitui o termo alimentação pelo vocábulo *contaminação*, ficando entendido, assim: “*Reformulação: para atrair público, shoppings criam conceito de Praça de Contaminação*”, podendo-se perceber, ainda, uma voz irônica, portanto, mais do que a utilização de estrangeirismos, revela a utilização de uma voz social, do léxico da linguagem empresarial, do consumo, demonstrando um posicionamento crítico dos enunciadores em relação às ações de reabertura do comércio. Essa crítica, permeada de ironia e humor, evidencia a preocupação daqueles que colocam os cuidados com a saúde em primeiro lugar (os enunciadores), antes de avaliar o que pode acontecer com a economia.

Abaixo do título, como mencionado, há a imagem de um menino em primeiro plano, com uma fisionomia assustada e com o rosto pintado de verde e amarelo. Percebe-se, claramente, a manipulação da fotografia com a superposição da imagem do menino com a imagem de uma praça de alimentação, provavelmente, de algum *shopping*, que foi tirada, certamente, em outra época, visto que na data da publicação do texto as praças de alimentação dos *shopping centers* estavam fechadas.

As cores no rosto da criança, provavelmente, fazem alusão ao Brasil, podendo-se entender também que fazem referência às pessoas que se autoproclamam patriotas, uma vez que as cores do país podem remeter ao patriotismo. As pessoas que se autoproclamavam patriotas, com exibição da Bandeira do Brasil, inclusive, no período de publicação do texto, eram a favor da abertura do comércio e são pessoas que possuem a mesma ideologia bolsonarista, ou seja, do governo Bolsonaro.

Abaixo dessa imagem, há um subtítulo com o seguinte enunciado:

[Além dos mascotes de morcego, os shoppings contrataram o menininho do filme O Sexto Sentido para ser garoto-propaganda da nova empreitada. “I see dead communists”, ele tem dito, para não assustar os patriotas”.](#)

Nota-se, uma voz em discurso direto atribuída ao menino:

[‘I see dead communists’, ele tem dito \[...\].](#)

Como tradução desse enunciado, temos [I see dead communists](#) (*Eu vejo comunistas mortos*), que faz menção à célebre fala do personagem no filme *O Sexto Sentido*, quando ele diz: “Eu vejo gente morta”. Nessa voz, observa-se uma outra voz revelada pelo uso do fenômeno do estrangeirismo, já que a suposta fala do menino está em inglês. Observa-se uma referência que podemos entender como se no *shopping center* fossem circular apenas as pessoas ditas patriotas, que não seriam comunistas. O menino, no caso, estaria vendo pessoas comunistas, mas estas estariam mortas, e isso parece que o assusta. Percebemos aí uma relação dialógica entre a cena do filme e a imagem não verbal do texto quando, ao recriar a célebre frase, os autores do texto analisado chamam a atenção, através das imagens, para as pessoas que estão na praça de alimentação, que seriam todas

comunistas e, conseqüentemente, estariam mortas. Outra relação de dialogismo é a estabelecida entre a voz do menino e a voz atribuída ao empresário Luciano Hang - empresário catarinense, dono da rede de lojas Havan - em uma matéria jornalística com a manchete “São Paulo é o estado mais comunista do Brasil”, afirma dono da Havan, publicada em 21 de maio de 2020 no site do grupo editorial *veja.com.abril.br*⁷. No corpo dessa matéria, essa voz também é retomada: *Bolsonarista ferrenho, Hang não poupa críticas ao governador de São Paulo, João Doria (PSDB): “É o estado mais comunista do Brasil”, afirmou a VEJA.*

A seguir, será feita a análise das vozes dos três parágrafos, sendo iniciada pelo primeiro parágrafo.

SEXTO SENTIDO, SÉTIMO PALMO – Em mais um movimento de inovação do comércio nacional, a Associação Brasileira de Shopping e Cadáveres anunciou hoje o lançamento das chamadas “praças de contaminação”, que passam a ocupar o lugar das obsoletas praças de alimentação em centros comerciais de todo o país. “É um mindset totalmente novo. A gente tem como target esse público dinâmico, que acredita que o Brasil não pode parar e que quer ir de encontro ao corona. Então nesse dia dos namorados nós vamos ser o cupido desse romance”, disse um general, que é CEO da associação.

Neste parágrafo, a escolha dos elementos linguísticos “Sexto Sentido, Sétimo Palmo”, que estão em letras maiúsculas (ênfaticam a relação entre elementos que remetem à morte), satiriza a situação, faz uma associação entre o nome do filme *O Sexto Sentido* com o discurso “a sete palmos abaixo da terra⁸”, profundidade aproximada em que os mortos seriam enterrados (em torno de 1,80 m de profundidade), trazendo, assim, uma voz implícita.

O filme *O Sexto Sentido*⁹, escrito e dirigido por M. Night Shyamalan, foi lançado em 1999. O longa-metragem conta a história de um psicólogo infantil, interpretado por Bruce Willis, que é o chamado Malcolm Crowe, um homem que vive atormentado por seu passado por ter falhado ao tentar ajudar um jovem que acaba atirando em um médico e depois se suicida. Um ano após esse acontecimento, Malcolm conhece um garotinho, Cole Sear, interpretado por Haley Joel Osment, que tem problemas. Malcolm, então, tenta ajudá-lo, na esperança de redimir-se da falha

⁷ Disponível em <<https://veja.abril.com.br/politica/sao-paulo-e-o-estado-mais-comunista-do-brasil-afirma-dono-da-havan/>> Acesso em: 28/04/2022.

⁸ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/oraculo/por-que-os-mortos-sao-enterrados-a-sete-palmos-do-chao>>. Acesso em: 07/07/2021.

⁹ Disponível em: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/o-sexto-sentido/>>. Acesso em: 07/07/2021.

do passado. O suspense do filme gira em torno da situação que envolve o garoto: ele vê fantasmas, que o atormentam e o machucam. Observando a voz do menino “*I see dead communists*”, como mencionado anteriormente, pode trazer uma relação com a questão das pessoas que morreram em decorrência do vírus e, mesmo com esse novo conceito de praça de contaminação, continuam ali, mas apenas o menino pode vê-las.

Observa-se em “[praças de contaminação](#)” o uso das aspas que revelam uma voz que pode ser compreendida como uma crítica à situação e, também, pode-se perceber o humor mórbido em relação à situação de reabertura e circulação de pessoas no contexto em questão. Essa voz pode estar anunciando a tragédia se houver a reabertura dos *shopping centers*, pois, com esse conceito de praça de contaminação, muitas pessoas podem morrer; aí percebemos, ainda, uma voz irônica do menino, o personagem do filme anunciando a tragédia.

Observa-se, ainda, que o parágrafo todo é permeado de outras vozes irônicas, iniciando pela ideia expressa no seguinte trecho:

[Em mais um movimento de inovação do comércio nacional a Associação Brasileira de Shopping e Cadáveres anunciou hoje \[...\]](#)

A utilização do substantivo [inovação](#), pode ser compreendido, em um sentido literal, como sendo algo positivo, mas, ao ser analisado o verdadeiro propósito, percebemos que se trata do seu uso no sentido figurado. Segundo Brait (2008, p. 96), há uma “tensão entre o literal e o figurado” e é preciso que se compreenda esses dois “polos” para que se identifique o discurso irônico presente no texto. Brait afirma, nesse sentido, que a linguagem figurada se apresenta como representação do contrário daquilo que se diz literalmente.

Nesse caso, pode-se compreender o substantivo [inovação](#) em sua utilização habitual como sendo sinônimo de “algo novo, de mudança”. Entretanto, levando-se em conta o possível significado dessa palavra no sentido figurado, ela pode ser compreendida no sentido de que a suposta mudança ou novidade estaria relacionada a, por exemplo, acabar mais rapidamente com a vida de muitas pessoas a partir de uma solução, a qualquer custo, para um problema econômico. Entendemos que essa acepção se relaciona diretamente à compreensão do tema, que se refere, necessariamente, ao contexto sócio-histórico em que foi desenvolvido, sendo necessária a compreensão de que se trata de uma voz irônica.

Nesse trecho analisado, por sua vez, o vocábulo **nacional** pode remeter também a uma voz irônica no sentido de que está ligado à esfera federal; possuindo, assim, sentido negativo, que pode não fazer tanto bem para a sociedade, na visão de parte da população.

Podemos observar, também, no primeiro parágrafo em análise, a partir das aspas e do verbo de dizer em **disse um general**, uma voz em forma de discurso direto de um personagem criado pelos redatores do texto humorístico: um general, que seria o CEO (*Chef Executive Officer*, ou seja, o diretor executivo) da **Associação Brasileira de Shopping e Cadáveres**:

“É um mindset totalmente novo. A gente tem como target esse público dinâmico, que acredita que o Brasil não pode parar e que quer ir de encontro ao corona. Então nesse dia dos namorados nós vamos ser o cupido desse romance” disse um general, que é CEO da associação.

Nessa voz do CEO, temos, ainda, novamente, a inserção de estrangeirismos no discurso: **mindset** e **target** (mentalidade e alvo). Talvez, o enunciador utilize-as como vozes de uma comunidade estrangeira para afirmar-se como alguém que se destaca, que ostenta uma determinada superioridade, pois, conforme Gois (2008, p.8), “usar termos em inglês, soa como sofisticação e elegância por parte do falante”. A expressão, **totalmente novo** pode remeter a uma voz implícita irônica, que faz alusão à situação do contexto histórico daquele momento em que a população, por orientação dos órgãos de saúde, precisava ficar em casa para evitar a disseminação do vírus por meio da aglomeração e, dessa forma, não poderia ir até as praças de alimentação dos *shopping centers* para não correr o risco de ser contaminada. Nessa lógica, o **totalmente novo** compreende sair de casa e aventurar-se nessa nova proposta.

Em **A gente tem como target esse público dinâmico, que acredita que o Brasil não pode parar e que quer ir de encontro ao corona**, a expressão **A gente** representa as pessoas que fariam parte da **Associação Brasileira de Shopping e Cadáveres** que estariam interessadas em abrir as praças de contaminação, as quais, por sua vez, representam os interesses econômicos dos donos dos estabelecimentos comerciais que, supõe-se, estariam apoiando o novo conceito de praça.

O [público dinâmico](#), por sua vez, remete a uma voz implícita irônica e refere-se às pessoas que estão sempre em movimento, que não param, que não têm medo de contaminar-se, que andam nas ruas todo domingo, que se abraçam e que fazem manifestações, como veremos na análise do próximo parágrafo. Já o verbo [acredita](#), que também revela uma voz em discurso indireto, remete a crenças desse público de que [o Brasil não pode parar](#); portanto, que seria favorável à reabertura do comércio e ao novo conceito de praça de contaminação.

Já em relação ao trecho

[Então nesse dia dos namorados nós vamos ser o cupido desse romance](#)

é importante mencionar que a data de publicação do texto humorístico foi exatamente no dia 12 de junho, dia em que se comemora o dia dos namorados no Brasil. O decreto que previa a reabertura de parte do comércio, no Estado de São Paulo, havia saído no dia anterior, 11 de junho. O pronome [nós](#) representa aqueles que são a favor do novo conceito, chamado “praça de contaminação”, representado pela [Associação Brasileira de Shopping e Cadáveres](#) na pessoa do personagem general criado pelos redatores do texto humorístico, como já mencionado. A palavra [cupido](#) traz uma voz construída a partir de elementos externos, ou seja, um pré-construído que remete a algo já identificável, a um enunciado que precede o conhecimento do discurso posto no texto; isto é, traz uma voz implícita reconhecida por intermédio desse pré-construído que, segundo Maingueneau (1997), incorpora no texto elementos que remetem a uma memória discursiva que fora produzida anteriormente e exteriormente ao enunciado em questão.

[Cupido](#), na mitologia grega, representa o deus do amor; faria a aliança entre as pessoas que estariam dispostas, por estarem sempre na rua, a [ir de encontro ao corona](#).

Tendo finalizado a análise do primeiro parágrafo, trazemos o segundo parágrafo:

[A novidade vem em meio a críticas sobre a reabertura do comércio durante o pico do número de mortos e contaminados pelo covid-19. “Como diria o poeta: o shopping tem que ir aonde o povo está. O pessoal tá na rua todo domingo, fazendo manifestação, se abraçando e tudo mais, então vamos passar a oferecer esse serviço premium em nossas instalações”, afirmou o dono da Havan, Luciano Hang, depois de chamar São Paulo de “o estado mais comunista do país”.](#)

O primeiro enunciado desse parágrafo

A novidade vem em meio a críticas sobre a reabertura do comércio durante o pico do número de mortos e contaminados pelo covid-19.

traz vozes mescladas entre as da realidade e da ficção. A reabertura parcial do comércio foi algo que realmente aconteceu, mediante decreto emitido no dia 11 de junho de 2020, remetendo, assim, a uma voz da realidade. Essa ação de reabrir o comércio considerado não essencial (por exemplo, *shoppings centers* e academias), que passou mais de dois meses completamente fechado, revelou, naquele momento, posicionamentos a favor e contra a atitude do governo do estado de São Paulo. Já a expressão **A novidade**, que se refere à implantação de praças de contaminação no lugar das praças de alimentação, trata-se de uma voz ficcional. Observamos que essa **novidade** carrega uma carga de humor, impregnada, também, de uma voz irônica, pois esse conceito de praça de contaminação revela um absurdo diante da situação em que o país se encontrava naquele período.

Durante a pandemia, foi adotado um sistema de fases com cores representando o enfrentamento à Covid-19: a fase 1 era representada pela cor vermelha, que indicava alerta máximo, pois havia risco de contaminação; nesse caso, apenas os serviços considerados essenciais poderiam funcionar. A fase 2, representada pela cor laranja, fase de controle, exigia atenção; mas alguns setores, além dos considerados essenciais, poderiam funcionar. A fase 3, amarela, era considerada como um indicativo de flexibilização, com funcionamento ainda controlado das atividades. A fase 4, representada pela cor verde, simbolizava uma maior flexibilização das atividades, ou seja, com menos restrições. A fase 5, a última da escala, representada pela cor azul, correspondia à fase de controle da doença, na qual as atividades poderiam ser liberadas. Na ocasião da produção do texto analisado, a fase em que se encontrava parte do estado de São Paulo, incluindo a capital, era a laranja, que correspondia, segundo a SABESP (Companhia de Abastecimento de São Paulo), a uma fase de controle, que exigia atenção. O comércio considerado não essencial, incluindo os *shopping centers*, poderia operar com 20% de sua capacidade e com horário de funcionamento reduzido a no máximo quatro horas seguidas. Nesse contexto, havia muitas pessoas e entidades contra a flexibilização e reabertura do comércio como, por exemplo, cientistas e infectologistas, os quais argumentavam que a maneira mais eficaz de frear a contaminação seria por meio do distanciamento social.

Observamos, também, no segundo parágrafo em análise,

“Como diria o poeta: o shopping tem que ir aonde o povo está. O pessoal tá na rua todo domingo, fazendo manifestação, se abraçando e tudo mais, então vamos passar a oferecer esse serviço premium em nossas instalações”, afirmou o dono da Havan, Luciano Hang, depois de chamar São Paulo de “o estado mais comunista do país”.

uma voz em discurso direto, identificada a partir da utilização das aspas que, segundo Maingueneau (1997), podem ser utilizadas para distanciar os enunciados, demarcando um distanciamento entre o discurso citado e o discurso do citante. Outra marca linguística que revela a utilização do discurso direto é a presença do verbo *afirmar* na construção: *afirmou o dono da Havan*, que, segundo Muniz-Oliveira (2016), se trata de um verbo introdutor em discurso direto que traz um posicionamento em relação à verdade do enunciado (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 101).

Essas vozes são atribuídas a Luciano Hang, empresário catarinense já mencionado, conhecido nacionalmente por seu posicionamento pró-governo e postura negacionista, sendo bolsonarista ferrenho e defensor de todas as ideias relacionadas às políticas federais, principalmente as que representam a economia e o comércio. O empresário realmente teria chamado São Paulo de “o estado mais comunista do país” em uma entrevista concedida à Revista Veja¹⁰ em 21 de maio de 2020. Nessa entrevista, Hang demonstra sua indignação por estar com 16 das suas 145 lojas fechadas (na época, eram 145; hoje, são 162, segundo o site Havan.com), sendo que, destas, 11 estavam situadas no interior de São Paulo. Porém, o restante da fala desse parágrafo mostra uma voz fictícia atribuída a ele.

O verbo *diria* em *Como diria o poeta: o shopping tem que ir aonde o povo está*, do trecho do discurso direto anterior, traz uma voz que faz alusão a um poeta, mostrando uma intertextualidade (MUNIZ-OLIVEIRA 2016, p. 320), uma relação dialógica com outro texto, no caso, o verso da música “Nos bailes da vida¹¹”, de Milton Nascimento e Fernando Brant: “Todo artista tem que ir aonde o povo está”. Ao observarmos o contexto¹² da música, ela presta uma homenagem aos artistas que estão sempre dispostos a levar sua arte seja aonde for, da forma que for, aonde

¹⁰ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/sao-paulo-e-o-estado-mais-comunista-do-brasil-afirma-dono-da-havan/>>. Acesso em: 22/08/2021.

¹¹ Música composta por Milton Nascimento e Fernando Brant em 1981. Disponível em: <<https://analisedeletras.com.br/milton-nascimento/bailes-da-vida/>>. Acesso em: 22/08/2021.

¹² Disponível em: <<https://musicasbrasileiras.wordpress.com/2010/05/27/nos-bailes-da-vida-milton-nascimento/>>. Acesso em: 22/08/2021.

o povo estiver, não importando as condições. Nessa perspectiva, percebemos a alusão irônica que o personagem Luciano Hang faz ao comparar a proposta da praça de contaminação com o trecho da música.

No trecho **O pessoal tá na rua todo domingo fazendo manifestação** observamos, no discurso direto atribuído ao empresário, que revela uma voz social, que vem do povo; pois, nessa época, apesar da pandemia e de toda a restrição social, muitas pessoas saíram às ruas para manifestar¹³: alguns pró governo e outros contra o governo, contra o racismo e contra o fascismo. Portanto, entendemos que a referência pode ser uma crítica do empresário ao contexto das manifestações ocorridas naquele período. A expressão **se abraçando** podemos interpretar como sendo uma referência às pessoas que, mesmo em tempos de restrições sociais, ignoram os cuidados de distanciamento e levam a vida normalmente como se nada estivesse acontecendo. Assim, essa expressão revela uma voz implícita de quem, provavelmente, não tenha medo da pandemia e seja a favor do fim das restrições, ou seja, contra o isolamento social e a favor da reabertura do comércio.

Percebe-se uma voz irônica presente no trecho **vamos passar a oferecer esse serviço premium**, que significa oferecer um prêmio a quem estiver disposto a sair de casa e, conseqüentemente, correr o risco de ser contaminado pelo vírus. Em outras palavras, a pessoa estaria pagando pela própria morte, mas é claro que essa morte seria de primeira classe, ou seja, esse serviço seria *premium*. Vemos aqui, mais uma vez, a voz social do mercado e uma crítica dos enunciadores do texto ao mundo capitalista, que coloca o dinheiro e as relações com a economia como mais importantes que a saúde.

Finalmente, será exposto o terceiro parágrafo, seguido da análise das vozes:

Entre as atrações anunciadas estão um self-service de diferentes safras de gripe, corrimãos gourmet e fliperamas contaminados, além de uma seção especial para pessoas do grupo de risco com mimos patrocinados por funerárias. Os shoppings também firmaram uma parceria com a Associação Brasileira de Dublês de Batman, que deve escalar todo seu contingente de homens-morcego para animar a criançada. “A ideia é que a gurizada já saia de lá toda contaminada, para ajudar o governo do presidente Bolsonaro a impor a imunização de rebanho nas novas gerações”, disse Hang. As contaminações serão feitas em 48 parcelas iguais de 2 mil infectados.

¹³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/07/cidades-registram-protestos-em-apoio-a-democracia-e-contra-o-racismo.ghtml>>. Acesso em: 22/08/2021.

Identificamos, neste trecho do texto, diversas vozes que são retratadas por meio de estrangeirismos, ironia, pré-construído, discurso direto e indireto, aspas que contribuem para a compreensão e a construção de sentidos, por parte do leitor, em relação ao texto humorístico.

Observamos a palavra *self-service*, trazendo a voz de uma comunidade linguística falante de língua inglesa. Essa palavra traduz-se como “autosserviço”, do qual temos o entendimento de que as pessoas poderiam se servir à vontade, pois, no serviço ofertado, haveria *diferentes safras de gripe*. O substantivo feminino *safra* significa, segundo o dicionário Mini Aurélio (2010), “a produção agrícola de um ano”. Nesse sentido, compreendemos que a produção do ano de 2020, ou seja, a safra de gripe daquele ano, seria a Covid-19.

O substantivo *corrimão* significa “peça ao longo da escada; para resguardo ou apoio para a mão” (Míni Aurélio, 2010). Como os *shopping centers* são repletos de escadas rolantes que possuem corrimãos, percebemos uma voz irônica na escolha linguística no sentido de que as pessoas normalmente apoiam suas mãos nos corrimãos dessas escadas, que podem estar contaminados pelo vírus.

O substantivo *gourmet*, termo francês, é mais uma voz que usa do fenômeno do estrangeirismo que, observando seu significado de “aquele que conhece e sabe apreciar a boa comida e os bons vinhos”, segundo o dicionário Mini Aurélio (2010), remete a pessoas sofisticadas, elitizadas, como visto anteriormente em relação ao uso dos estrangeirismos nos discursos. No contexto da pandemia e da produção do texto, compreendemos a expressão *corrimãos gourmet* como sendo algo seletivo, próprio de uma parcela da sociedade que, nesse caso, se utiliza do discurso globalizado para impor sua dominação (GOIS, 2008); aqui observamos a utilização de um estrangeirismo de uma comunidade linguística de língua francesa.

À continuação da análise linguística, o substantivo *fliperamas*, que são máquinas de jogos e que normalmente estão presentes em *shopping centers*, sugere a presença de um público jovem consumidor desse tipo de entretenimento. Aqui evidencia-se a presença de elementos que conduzem a uma voz implícita relacionada a um pré-construído, pois entendemos que, se falamos de *shopping center*, logo deduzimos que há uma área de diversão, de jogos, que, provavelmente, contenha fliperama e que, não somente, mas conseqüentemente, poderá atrair o público jovem. Trata-se, conforme Maingueneau (1997), de analisar essa voz a partir de formulações de hipóteses que são construídas; ou seja, remete a um discurso

que antecede o discurso posto no texto, aludindo a uma memória discursiva, como já mencionado anteriormente.

Assim, podemos inferir que os [flipperamas](#) já poderiam estar [contaminados](#) ou, talvez, essa contaminação acontecesse em decorrência da possível aglomeração de pessoas circulando pela praça de contaminação em meio a diferentes [safras de gripes](#), apoiando-se nos [corrimãos gourmets](#).

Além da presença do público jovem que teria atrativos como os [flipperamas](#), haveria também a presença de [pessoas do grupo de risco](#). Evidencia-se aqui, mais uma vez, a presença de uma voz implícita que se entende a partir de um pré-construído.

“[Grupo de risco](#)” é assim denominado justamente por tratar-se de pessoas mais suscetíveis a serem contaminadas pela Covid-19. Essas pessoas, que teriam uma seção especial com mimos patrocinados por funerárias, são, segundo a OMS: idosos e pessoas com doenças não transmissíveis, como doenças cardiovasculares (por exemplo: hipertensão, doença cardíaca e derrame), doenças respiratórias crônicas, diabetes e câncer. Considerando que as pessoas de risco são as mais vulneráveis em relação ao perigo de contrair-se a doença e esta poder evoluir para casos graves, constatamos, também, a presença de uma voz irônica em relação à oferta de [mimos](#) a estas pessoas e não a crianças ou a bebês saudáveis (que não estariam nos grupos de risco).

Continuando a análise, temos o seguinte enunciado:

[Os shoppings também firmaram uma parceria com a Associação Brasileira de Dublês de Batman, que deve escalar todo seu contingente de homens-morcego para animar a criançada.](#)

Observamos, neste trecho, duas vozes em discurso indireto: a primeira voz verificada no trecho [Os shoppings também firmaram uma parceria com](#) e a segunda no trecho [a Associação Brasileira de Dublês de Batman que deve escalar todo seu contingente de homens-morcego para animar a criançada](#), evidenciadas pela presença dos verbos de dizer [firmaram \(uma parceria\)](#) e [animar \(a criançada\)](#), que complementam a apreensão de sentido dos discursos expressa pelas situações enunciativas, pois, “o verbo introdutor fornece um quadro no interior do qual será interpretado o discurso citado” (MUNIZ-OLIVEIRA, 2016, p. 45).

Para ter-se uma melhor compreensão da suposta associação citada no trecho acima, consideramos importante falar sobre o herói mencionado. Batman¹⁴ é um personagem da DC Comics criado, originalmente, nos quadrinhos nos anos de 1930 e adaptado para o cinema a partir dos anos de 1960. Chamado de “homem-morcego” porque veste-se como um, o herói luta para combater o crime em Gotham City. Dublês de Batman são os atores que fazem as cenas perigosas do personagem Batman. Percebemos a presença de uma voz irônica no sentido expreso pela utilização da palavra **dublê**, pois se a função do **dublê** é arriscar-se no lugar do ator principal, é porque há risco para a vida desse ator e a sua participação não seria possível. A parceria firmada entre os *shopping centers* e a **Associação de Dublês do Batman** demonstra que, provavelmente, muitos dublês atuariam em decorrência desse risco.

O trecho **48 parcelas iguais de 2 mil infectados** significa que as contaminações estariam facilitadas para quem estivesse disposto a encarar a situação. Aqui em **48 parcelas iguais** é colocada em cena uma voz implícita que revela um pré-construído, ou seja, transparece, por meio dessa voz, um discurso construído que já fora produzido exteriormente a ele: o discurso do comércio que traz facilidades para que o público em geral consiga satisfazer seus anseios consumistas.

Notamos também, no parágrafo 3, uma voz inserida em discurso direto:

“A ideia é que a gurizada já saia de lá toda contaminada para ajudar o governo do presidente Bolsonaro a impor a imunização de rebanho das novas gerações”, disse Hang.

Essa voz é atribuída ao empresário Luciano Hang, conhecido empresário catarinense, dono da rede de lojas Havan. Primeiramente, identificamos o discurso direto pela utilização de marcas linguísticas como as aspas e pelo verbo *dizer*, introdutor do discurso atribuído a Hang. Percebemos também, nesse trecho, que se trata de uma voz fictícia que se refere a um personagem real, pois há um traço de ironia que permeia o contexto do enunciado em questão.

O substantivo **gurizada**, segundo o dicionário Mini Aurélio (2010), denota “criança”, sendo, no Brasil, comumente utilizado pelos gaúchos do Rio Grande do

¹⁴ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/infograficos/cultura,o-que-sao-os-universos-marvel-e-dc-comics,1118399>>. Acesso em: 26/08/2021.

Sul e em algumas regiões do estado de Santa Catarina para referir-se aos jovens em geral; ou seja, trata-se de uma voz que remete ao povo gaúcho ou catarinense.

No interior da voz em discurso direto, observamos, também, uma voz em discurso indireto atribuída ao presidente Bolsonaro, que é introduzida no discurso a partir do verbo de dizer **impor (a imunização de rebanho)**. Assim, pode-se entender que a ideia de **contaminar a gurizada para ajudar o governo** vai ao encontro de uma concepção ideológica de que esse propósito, para os defensores da ideia, seria justo e verdadeiro. Há uma comparação entre as facilidades de contaminar-se (**48 parcelas iguais de 2 mil infectados**) com as facilidades de crédito oferecidos pelas lojas em épocas de promoção, como forma de atrair supostos clientes para o novo conceito de praça de contaminação.

Em relação à **imunização de rebanho**, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde):

A imunidade coletiva (ou de rebanho) é a proteção indireta de uma doença infecciosa que ocorre quando uma população é imune por vacinação ou imunidade desenvolvida por infecção anterior. Isso significa que mesmo as pessoas que não foram infectadas ou nas quais uma infecção não desencadeou uma resposta imune, elas estão protegidas porque as pessoas ao seu redor que são imunes podem atuar como amortecedores entre elas e uma pessoa infectada. O limiar para estabelecer imunidade de rebanho para a COVID-19 não está claro no momento (<https://www.paho.org/pt/covid19>, 2021).

Observamos, nesse trecho, levando em conta o contexto, a presença de uma voz social que remete a determinado grupo socioideológico que, à época da produção do texto analisado, tinha um posicionamento contrário ao que preconizava a própria OMS, a qual dizia que não havia clareza, naquele momento, que a imunização de rebanho pudesse ser eficaz em relação à Covid-19. Essa voz era percebida entre os grupos que apoiavam o presidente Bolsonaro e também que se posicionavam contra o isolamento social e contra a vacinação.

Após analisadas as vozes presentes no texto humorístico, passamos para a próxima seção na qual trataremos algumas reflexões referentes às análises feitas até o momento.

3.5. Síntese das análises

Nesta seção, traremos uma síntese acerca das análises do texto humorístico examinado, seguido de um quadro em que há uma apresentação resumida dos tipos de vozes identificados.

No parágrafo 1 do texto analisado, observamos, como característica principal, o caráter irônico da construção linguística, permeado de absurdos como a proposta de uma suposta inovação que se concretizaria por intermédio da [Associação Brasileira de Shopping e Cadáveres](#). Esta “Associação” estaria anunciando um novo conceito de praça de alimentação que seria substituída por uma inovadora [praça de contaminação](#). Neste parágrafo, também se evidencia o uso excessivo de estrangeirismos que, neste caso, contribui para a ironia, o humor do texto e também pode provocar no leitor uma certa apreensão na construção de possíveis sentidos.

A voz trazida de um personagem como o general CEO talvez tenha sido escolhida para compor o texto em uma referência ao grande número de militares que fazem parte do governo federal. Em junho de 2020, eram mais de seis mil militares¹⁵ em cargos civis, revelando, assim, uma crítica à atuação militar em funções que supostamente deveriam ser, pelo menos em grande parte, ocupadas por civis.

As vozes observadas na análise do primeiro parágrafo do texto humorístico nos trazem uma compreensão de que se trata de posicionamentos pró-governo federal, pois este, desde o início da pandemia, posicionava-se contra o fechamento do comércio e contra também às restrições impostas pelo Ministério da Saúde e órgãos internacionais, como a OMS.

A compreensão do momento histórico-político em que vivemos leva-nos a perceber as relações político-ideológicas que se desenvolvem nas práticas sociais (CHAUÍ, 2008) e que nos são apresentadas por meio dos posicionamentos das vozes identificadas nos trechos acima.

Em relação ao parágrafo 2, percebemos a mescla de vozes fictícias e reais atribuídas a personagens reais. A característica principal deste parágrafo está na ironia implícita presente, principalmente, na parte ficcional da suposta voz de um

¹⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghtml>> Acesso em: 22/08/2021.

reconhecido empresário brasileiro. O discurso irônico apresenta-se na intenção de promover essa “**inovação**” a qual seria a reabertura das praças alimentação com essa nova proposta que seria a “de contaminação”. A ironia presente neste parágrafo está diretamente ligada à compreensão do contexto sócio-histórico em que os fatos e vozes estão inseridos – a problemática do comércio fechado, do isolamento social, do adoecimento e das mortes provocados pelo avanço da pandemia.

Observa-se que o traço característico do parágrafo 3 é o humor permeado de uma voz irônica. Quem estaria interessado em um **self-service de diferentes safras de gripe**? Ou em um **mimo** que seria **oferecido por uma funerária**? Ou, então, quem estaria disposto a divertir-se em **flipperamas contaminados**? Em relação à fala atribuída ao personagem real, Luciano Hang, podemos observar marcas ideológicas voltadas às ideias de política de extrema direita conduzida pelo Presidente da República, as quais defendem a economia a qualquer custo.

Outra questão verificada desde o título e presente em todos os parágrafos é a presença de muitos estrangeirismos que podem, em alguma medida, relacionar-se ao efeito de humor que o texto pode provocar no leitor. Esse léxico, pertencente à língua inglesa faz parte de uma linguagem ligada, especialmente, ao mundo do *marketing*, ao mundo empresarial.

Observamos, mediante essa análise do texto humorístico, que seu conteúdo verbal e também o conteúdo não verbal são permeados por vozes irônicas e bem-humoradas. O texto possui um apelo crítico e reflexivo em relação ao contexto político em que o país se encontra, abordando assuntos sérios, necessários à reflexão da sociedade, de maneira bem-humorada.

A construção humorística do texto vai ao encontro do que preconiza Bergson (1983), ao falar que o cômico é sinal de inteligência. Podemos entender, nesse sentido, que tanto o produtor do texto quanto o leitor que apreende os sentidos do humor ali contidos precisam de perspicácia.

Possenti (2010), por sua vez, afirma que “o humor se trata de humor, jamais de cômico”; assim, podemos depreender que a utilização do humor, presente no texto, revela uma crítica bem-humorada em relação à situação da reabertura de *shopping centers*. Essa reabertura afetaria a população, causando danos até irreparáveis, como a própria morte; ou seja, não se trata de utilizar o humor para fazer rir, mas para tentar despertar uma consciência crítica em relação à

circunstância apresentada, que envolve não apenas a reabertura dos *shoppings* como também a questão do [novo conceito de praça de contaminação](#).

Tendo em vista o entendimento do humor, inferimos também a compreensão das vozes irônicas que se apresentam no texto humorístico. Esse recurso mostra-se, inclusive, por meio das vozes explícitas e implícitas daqueles que, na ocasião, se posicionaram contra a reabertura das praças de alimentação e também dos sujeitos que estariam a favor dessa reabertura.

Em relação à ironia, Brait (2008) também se posiciona a favor de que é necessária perspicácia para estabelecer sentido em textos irônicos. Na visão da autora, o discurso irônico pode servir como estratégia argumentativa. À vista disso, percebemos que a utilização excessiva de absurdos, constantes no texto, pode funcionar como argumentos à medida que o leitor apreenda o real significado do discurso irônico. No texto analisado, identificamos a presença da sátira que, conforme Rocha (2017, p. 83), pode “não necessariamente provocar riso”, mas suscita, a depender do entendimento do receptor, uma representação crítica em relação às realidades apresentadas.

A ideologia revela-se nas diversas vozes explicitadas no texto. Na legenda da foto, por exemplo: [“I see dead communist”](#) (Eu vejo comunista morto), em contraponto à ideologia do empresário e do general que idealizam a suposta [“inovação”](#). É possível observar a ideologia também na expressão [“o Brasil não pode parar”](#), ratificando o que afirma Chauí (2008), referindo-se à ideologia como “um instrumento de dominação de classe”, enfatizando a ideia da autora quando ao dizer que a existência desse fenômeno tem origem na divisão da sociedade em classes contraditórias e em luta. Assim, pode-se dizer que, talvez, a preocupação do general estivesse centrada apenas na economia.

O excesso de vozes oriundas do estrangeirismo que compõe o léxico do texto pode dificultar a compreensão dos leitores, uma vez que nem todos possuem conhecimento da língua estrangeira. Nesse sentido, para muitos leitores, o entendimento do texto pode ficar prejudicado.

Por outro lado, podemos dizer que o texto foi escrito para determinado público em potencial; possivelmente, aos leitores assíduos do *blog*, aqueles que já estejam acostumados com o formato e conteúdos veiculados, ou mesmo aqueles que possuem conhecimento da língua estrangeira, mas não apenas para quem estuda, e

sim para aqueles que possuem um melhor poder aquisitivo, como afirma Gois (2008), e, conseqüentemente, cultural.

O estrangeirismo utilizado no texto analisado remete a comunidades linguísticas falantes, principalmente, da língua inglesa. Para Gois (2008), a grande inserção de termos estrangeiros na língua portuguesa remete ao desejo que muitas pessoas possuem de absorver a cultura norte-americana de modo a incorporar determinados costumes em seu cotidiano. Isso representa, segundo a autora, um “elemento indicativo de elevada posição social ou refinamento”, que pode representar, em certa proporção, um indicativo de dominação em relação ao país de referência (GOIS, 2008, p. 5).

A partir da identificação e análise das vozes já descritas, chegamos ao reconhecimento de uma outra voz, imprescindível para o entendimento do texto analisado, a voz dos enunciadores. Essa voz revela, por meio da ironia e do humor, presentes em todo o texto humorístico, a discordância, a não aceitação em relação aos atos instituídos pelas lideranças governamentais das diversas esferas públicas. Os autores revelam seu posicionamento contrário às ações realizadas no contexto da pandemia, que mostravam valorizar mais as atividades econômicas do que a saúde da população, revelando, através do humor, a crítica a tantos absurdos.

Finalizada a síntese das análises, a seguir, será apresentado um quadro sintetizando o tipo de vozes identificadas e as marcas ou características linguísticas, além do sentido do trecho exemplificado.

Quadro 1: Demonstrativo de algumas vozes identificadas no texto

01	Trecho do texto	Tipo de voz	Marcas características linguísticas	ou	Sentido/Interpretação
02	“...Então nesse dia dos namorados nós vamos ser o cupido desse romance” disse um general	Voz em discurso direto atribuída ao personagem fictício (CEO)	<ul style="list-style-type: none"> • Aspas • Verbo de dizer: disse • Personagem fictícia 		As aspas expressam um sentido de fidelidade ao discurso da personagem citada; o verbo de dizer marca a fronteira entre os discursos citado e citante a partir das aspas.
03	Em mais um movimento de inovação	Voz irônica	Substantivo: inovação		A palavra inovação é utilizada aqui em sentido figurado e, juntamente com o

				contexto, expressa a ironia da situação.
04	“É um mindset totalmente novo. A gente tem como target esse público dinâmico [...]”.	Voz a partir do estrangeirismo	Empréstimo linguístico de outra língua	A presença contínua de palavras estrangeiras em um representa uma linguagem elitizada, irônica, podendo dirigir-se, principalmente, àqueles que dominam o idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, revela uma voz da cultura dos falantes do idioma.
05	[...] esse público dinâmico, que acredita que o Brasil não pode parar e que quer ir de encontro ao corona.	Voz em discurso indireto	Verbo: <i>acreditar</i>	A voz em discurso indireto é revelada no discurso citante a partir do verbo de dizer <i>acreditar</i> para introduzir o discurso citado.
06	Então nesse dia dos namorados nós vamos ser o cupido desse romance	Voz implícita que revela um pré-construído	Substantivo: <i>cupido</i>	Traz à tona um conhecimento prévio, discurso exterior ao texto, relacionado à memória discursiva.
07	“Como diria o poeta: o shopping tem que ir aonde o povo está [...]”, afirmou o dono da Havan, Luciano Hang	Voz em discurso direto atribuída ao empresário Luciano Hang.	<ul style="list-style-type: none"> • Aspas • Personagem real 	A utilização das aspas visa marcar um distanciamento entre o discurso citado e o discurso citante.
08	O pessoal tá todo domingo na rua fazendo manifestação	Voz social	A expressão <i>o pessoal tá na rua fazendo manifestação</i>	Essa expressão revela a voz da sociedade, referindo-se àqueles que não estavam preocupados com a pandemia; ou aqueles que eram contrários às restrições impostas pelo governo do estado de São Paulo referentes ao distanciamento social, por exemplo.
09	As contaminações serão feitas em	Voz dos enunciadores	A ironia presente nas condições de parcelamento.	Essa expressão revela o humor e crítica através da ironia

	48 parcelas iguais de 2 mil infectados.		As palavras e contaminações infectados	quando aborda algo absurdo como as contaminações podem ser parceladas como se fosse, por exemplo, uma negociação em uma loja que traz parcelamentos facilitados.
--	---	--	--	--

Fonte: Autoria própria (2022), com base em Testa (2020).

O quadro acima traz a representação de algumas vozes presentes no texto analisado. Por meio dessa descrição, percebemos que todas as vozes destacadas no quadro revelam humor e ironia em suas construções, caracterizando, assim, o texto como sendo de cunho humorístico. As vozes são identificadas por intermédio de marcas linguísticas ou mediante o contexto de produção.

As vozes irônicas são as predominantes no texto e figuram-se, implicitamente, por meio das personagens reais ou fictícias em seus discursos. A presença de estrangeirismos representa uma linguagem elitizada irônica, podendo dirigir-se, principalmente, àqueles que dominam o idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, revelando uma voz da cultura dos falantes do idioma inglês, predominante no texto, mas também do francês. Revela um léxico muito utilizado no meio empresarial, no mundo do capitalismo, que é permeado de estrangeirismos; o inglês é a língua do *marketing* e o emprego de tantos vocábulos nesse idioma indica a presença de uma voz de crítica a esse meio.

As vozes em discurso direto aparecem em maior número em relação às vozes em discurso indireto e são marcadas pelas aspas e por verbos de dizer. Outro exemplo de voz identificada no texto é a voz implícita em pré-construído, que revela a construção linguística a partir de discursos externos ao discurso marcado no texto; ou seja, o sentido faz-se mediante uma memória discursiva anterior ao que está posto no texto humorístico. No quadro, temos ainda a descrição de outro tipo de voz que aparece no texto: a voz social, que compreendemos por meio de marcas linguísticas e também pelo contexto de produção.

As vozes dos enunciadores estão presentes em todos os elementos do texto, sejam eles verbais ou não verbais, explícitos e implícitos. Observa-se a construção de uma crítica em relação à reabertura do comércio naquele momento pandêmico

em que vivíamos e às ações deliberadas pelos governantes, apoiadas por parte da população.

Esse quadro mostra-nos que, para compreendermos o texto analisado, é imprescindível que conheçamos o contexto em que este foi produzido. Trata-se de um texto humorístico da esfera digital que foi criado em meio a uma pandemia e as questões abordadas no texto revelam ideologias e posicionamentos em relação às polêmicas desse período. As marcas ou características linguísticas auxiliam na identificação das vozes, o que contribui para a interpretação do sentido do texto. Seguem sugestões de atividades didáticas elaboradas, após os resultados das análises.

4. SUGESTÃO DE ATIVIDADES DIDÁTICAS

Após resultados das análises, foram elaboradas algumas atividades didáticas que podem contribuir com o trabalho do professor de língua portuguesa, conforme segue.

Texto humorístico

Duração: 6 aulas.

Público alvo: 9º ano.

Esta sequência de atividades tem como objetivo levar o aluno a entender o que é um texto de blog humorístico, como reconhecê-lo, perceber qual é a relevância de seu estudo e a sua função social, identificar qual é o suporte em que é veiculado, assim como entender o contexto e as vozes presentes na composição do texto. Em consonância com a BNCC (2018), estas atividades são apenas uma sugestão de como é possível trabalhar-se com esse tipo de texto humorístico em sala de aula, podendo o professor utilizar outras maneiras de explorar o texto, abordando, inclusive, outros conteúdos que englobam a leitura, a oralidade, a produção textual e a análise linguística.

Objetivos de aprendizagem:

- Reconhecer o texto humorístico sob análise;
- Identificar e interpretar algumas vozes presentes no texto;
- Entender o contexto de produção do texto analisado;
- Desenvolver habilidades de leitura e reflexão.

Quadro 2: Objetos de conhecimento e habilidades, conforme a BNCC (2018)

Práticas de linguagem	Objetos de conhecimento	Habilidades
Campo jornalístico midiático		
Leitura	Reconstrução do contexto de produção, circulação e recepção de textos.	(EF89LP01) Analisar os interesses que movem o campo jornalístico, os efeitos das novas tecnologias no campo e as condições que

	<p>Estratégias de leitura: apreender os sentidos globais do texto.</p> <p>Efeitos de sentido.</p>	<p>fazem da informação uma mercadoria, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos.</p> <p>(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões.</p> <p>(EF69LP05) Inferir e justificar, em textos multissemióticos – tirinhas, charges, memes, gifs etc. – o efeito de humor, ironia e/ou crítica pelo uso ambíguo de palavras, expressões ou imagens ambíguas, de clichês, de recursos, de recursos iconográficos, de pontuação etc.</p> <p>(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual (paráfrases, citações, discurso direto, indireto ou indireto livre).</p>
--	---	---

Fonte: BNCC (BRASIL, 2018, p.141; p. 177).

Desenvolvimento das atividades:

Aula 1

Atividade 1 – Refletindo juntos

1 - Apresentar o título do texto para os alunos e questioná-los sobre os sentidos que despertam ao lê-lo.

Rebranding: para atrair público, shoppings criam conceito de Praça de Contaminação

- a) Ao ler o título/manchete do texto, o que você entende? Qual é o assunto?
- b) O título parece pertencer a algum gênero textual? Qual?
- c) Quais são as expectativas ao ler este título?

2 - Depois de realizar os questionamentos prévios e ouvir as conclusões dos alunos, mostrar a imagem para que estes tentem relacioná-la com o título.

Figura 2: Imagem não verbal do texto



- a) O que se pode observar nesta imagem?
- b) O que há de conhecido/familiar nesta imagem?
- b) Há alguma relação do título com a fotografia? Se sim, qual?

Aula 2

Atividade 2 – (Re)conhecendo o texto

- a) Inicie a aula perguntando aos alunos o que eles sabem sobre textos humorísticos. É provável que eles falem sobre anedotas, piadas...

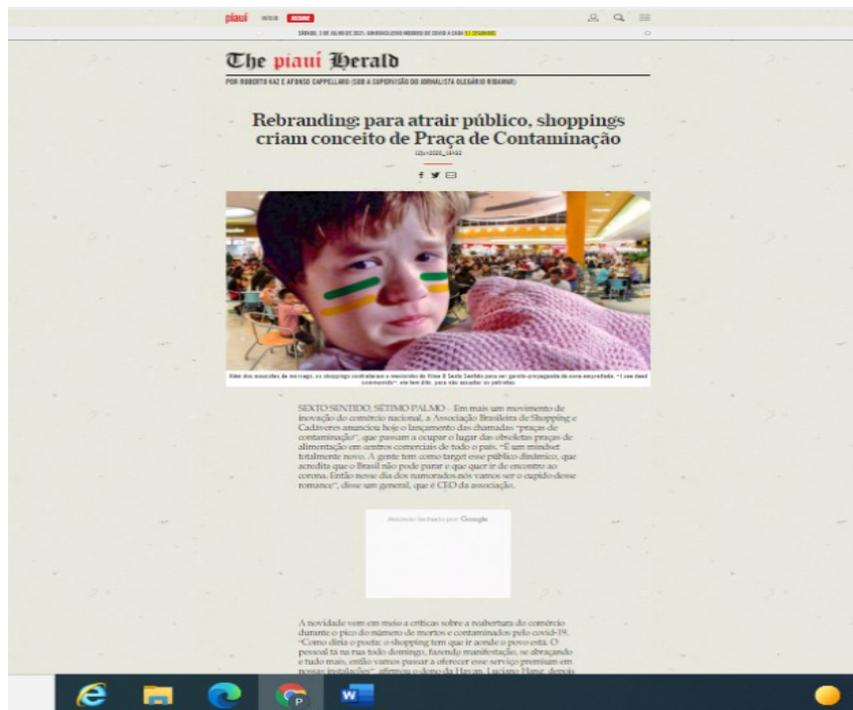
b) Pergunte se eles acham que apenas esses gêneros textuais possuem humor, ou se conhecem, mencionar outros gêneros textuais que também trazem o humor em sua composição.

c) Continue com os questionamentos, tais como:

“Afinal, o que seria humor para vocês?”

“Em quais suportes podemos encontrar textos de humor?”

d) Então, distribua cópias do texto selecionado para que eles façam a leitura e troquem ideias sobre o que irão ler. Essa atividade pode ser feita em duplas ou trios. Poderá ser cópias coloridas ou então você poderá projetar o texto com um multimídia para que os alunos tenham acesso às cores da imagem, que é importante para a análise.



“Observe os elementos não verbais que compõem o texto. Há intertextualidade? De que forma esses elementos contribuem para a construção de sentido no texto?”

e) Peça para que os alunos tentem descobrir qual é o suporte em que se pode encontrar textos como esse.

f) Após a leitura e breve análise feita pelas duplas, peça para que eles apontem o que mais lhes chamou a atenção (atividade oral).

g) Nesta etapa, o professor poderá explorar a questão das vozes presentes em um texto e a questão da intertextualidade.

Atividade 3 – interpretação: (no caderno)

1 - Qual é o assunto do texto?

2 - Qual é a esfera de circulação na qual, provavelmente, circula esse texto?

3 - Quais são as vozes que fazem parte do texto?

4 - Em que suporte podemos encontrar esse texto?

5 - A quem é dirigido o texto? Quem são os(as) possíveis leitores(as)?

6 - A partir da leitura e entendimento do texto, quais são as questões polêmicas que são abordadas implicitamente no texto humorístico?

Atividade 4 – Pesquisa e produção

Duração: 2 aulas de 50 minutos.

Local: sala de informática (uso das tecnologias e metodologias ativas).

Esta atividade deve ser realizada em grupos para depois ser apresentada para toda a turma.

Grupo 1 – contexto sócio-histórico:

- Primeiramente, pergunte aos alunos o que eles lembram do ano de 2020 (o intuito é que eles falem sobre a pandemia da Covid-19, sobre o isolamento etc.).
- Depois que eles expuserem o que sabem, fale um pouco sobre o ano de 2020 e o início da pandemia (não muito porque eles terão que pesquisar sobre isso).
- Em seguida, peça para que eles observem a data de publicação do texto e depois façam uma pesquisa e anotem as principais informações daquele contexto sócio-histórico.

Grupo 2 – Pesquisa sobre o blog:

- Direcione os alunos para a pesquisa. Explique a eles que existem sites especializados em textos humorísticos como o que trabalhamos na aula anterior. Peça para que eles acessem o site, localizem o texto e observem atentamente o suporte *The Piauí Herald*. Dê alguns minutos para que eles explorem o site.
- Cada grupo deverá pesquisar sobre um item e organizar uma apresentação, podendo ser por meio do *Google Slides*, *PowerPoint* etc., que deverá ser apresentada à turma toda.

Grupo 3 – Sobre o filme

- Oriente para que os estudantes pesquisem a sinopse do filme (O sexto sentido), que remete à imagem que há o menino, o trailer, críticas etc. Pesquisem os atores, o diretor do filme. Sugira que eles assistam ao filme (em casa), caso seja possível, para auxiliá-los na apresentação da sua parte.

Grupo 4 – Música

- Solicite aos alunos que pesquisem sobre a música “Nos bailes da vida”, seu contexto de produção, compositores, intérpretes. Na montagem do trabalho, sugira que eles projetem, ou distribuam, a letra da música, além de apresentarem um vídeo/clip para que a turma veja e ouça a música.

Grupo 5 – Reportagem da Revista Veja

- Outro texto que aparece implicitamente através de uma voz real é uma reportagem em que São Paulo é chamado de o estado mais comunista do Brasil. Oriente os alunos para que pesquisem a reportagem e organizem a apresentação do texto de maneira criativa, utilizando as ferramentas que acharem mais adequadas.

Para realizar a construção das atividades, os alunos poderão utilizar diversas ferramentas midiáticas (sempre orientados pelo professor), tais como: *PowerPoint*, *Google Slides*, *MindMeister*, dentre outros aplicativos que possam conhecer.

Após a realização dessas atividades, o professor deverá, além de fazer as intervenções necessárias, depois de cada apresentação, complementar a compreensão da questão da intertextualidade com explicações essenciais que levem os alunos a compreenderem o texto e a sua função.

Produção de texto: (Outra sugestão)

Mínimo: 2 aulas.

Em grupos.

- 1 - Quais são as questões polêmicas abordadas implícita e explicitamente no texto?
- 2- Após a verificação das questões polêmicas, elabore um cartaz de campanha a respeito do contexto da pandemia (uso da máscara, distanciamento social, vacinação, informação verdadeira, uso do álcool em gel etc.).

O cartaz deve ser feito virtualmente e postado no grupo de *WhatsApp* da turma. Caso não haja grupo, essa atividade pode ser feita em cartolinas a serem fixadas no mural da escola ou da própria sala de aula.

Aulas 5 e 6

Atividade 5 – Compreendendo as vozes do texto:

(Discurso direto e indireto; ironia; estrangeirismo).

Em grupos ou individual.

Professor, retome a questão do conteúdo das vozes para que os alunos se apropriem desse conhecimento.

O discurso direto revela a fidelidade do discurso citado, além de marcar as fronteiras entre o discurso citante e o discurso citado. Pode ser identificado por meio de marcas linguísticas, como as aspas e os verbos de dizer. A voz em discurso indireto é revelada no discurso citante a partir dos verbos de dizer utilizados para introduzir o discurso citado e também o enunciador utiliza suas próprias palavras para reproduzir as falas das personagens. A voz irônica é identificada por meio do contexto e do sentido figurado das palavras. Em relação ao fenômeno do estrangeirismo, no texto em análise, representa uma linguagem elitizada, irônica, podendo dirigir-se, principalmente, àqueles que dominam o idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, revela uma voz da cultura dos falantes do idioma.

O professor deverá aprofundar os conteúdos que se referem às vozes identificadas no texto, como ironia, estrangeirismo, linguagem verbal e não verbal etc.

1 - Ao ler o texto, você identificou outras vozes que o compõe, além da voz do(s) autor(es)? Quais são? Como você as identificou? Há marcas linguísticas que sinalizam a inserção de outras vozes? Tome nota, dando exemplos.

2 - Observe o trecho abaixo e diga que tipo de voz aparece. Como conseguiu identificá-lo?

“ [...] Então nesse dia dos namorados nós vamos ser o cupido desse romance”, disse um general, que é o CEO da associação.

3 - No seguinte trecho, observamos outra voz. Identifique-a.

“[...] esse público dinâmico, que acredita que o Brasil não pode parar e que quer ir de encontro ao corona”.

4 - As palavras em destaque, no trecho abaixo, revelam uma outra voz. Qual seria?

“É um **mindset** totalmente novo. A gente tem como **target** esse público dinâmico [...]”.

5 - Que tipo de voz é revelada pelo trecho seguinte? Como você conseguiu identificá-la?

“Em mais um movimento de inovação do comércio nacional [...]”.

Atividade final – Discussão

Para finalizar, proponha uma discussão com base nos seguintes questionamentos:

- 1 - Qual é a importância das redes sociais na vida de vocês?
- 2 - Vocês acham que textos como o que estudamos podem ser compartilhados como sendo informativos ou opinativos?
- 3 - Qual é a importância de estar atento a tudo que circula nas mídias sociais?
- 4 - Qual seria a função social do texto lido?
- 5 - O que significa, para você, leitura crítica e reflexiva?
- 6 - Chame a atenção dos estudantes para verificarem que as imagens, os elementos não verbais e a intertextualidade colaboram para a construção de sentido do texto.

Importante: O professor deverá conduzir as atividades da maneira como achar conveniente. Estas são apenas sugestões. Ninguém conhece melhor sua(s) turma(s) do que o próprio professor.

Talvez as atividades precisem de um número maior de aulas, dependendo da receptividade dos alunos e da abordagem e/ou retomada dos conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, traremos uma síntese do que constatamos com a nossa pesquisa, fazendo uma retomada dos caminhos que foram percorridos durante nosso trabalho e retomando os resultados obtidos até aqui.

O objetivo geral desta pesquisa foi realizar um estudo relacionado a alguns fenômenos linguístico-discursivos, que serão especificados mais adiante, em um texto humorístico retirado de um *blog* da esfera midiática digital.

Constatamos, a partir das análises feitas em um texto humorístico que circula nas mídias digitais, que temas polêmicos e importantes são abordados utilizando-se, principalmente, do humor e da ironia. Percebemos que um texto relativamente pequeno pode trazer, em seu conteúdo, uma série de elementos que trazem à tona o pensamento crítico e a reflexão frente a temas que fazem parte do momento sócio-histórico em que foi produzido.

Para compreender melhor os temas abordados no texto analisado, foi necessário entender todo o contexto que originou o interesse pela pesquisa desse texto. Sendo assim, na introdução de nossa pesquisa, abordamos alguns conceitos fundamentados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018) para uma melhor compreensão do porquê escolhermos o texto humorístico como *corpus* do trabalho.

Nesse sentido, verificamos que, em todos os níveis de ensino, a BNCC (2018) enfatiza, em seu documento, a importância de trabalhar-se a cultura digital, levando em conta que os estudantes vão aprimorando/complementando as habilidades que, segundo o documento, tornam-se mais complexas a cada ano cursado. Em relação aos anos finais do ensino fundamental, tendo em vista que as práticas de linguagem vão sendo ampliadas a cada ano, o estudante deverá construir um conhecimento autônomo e crítico. Para isso, ele deve “conhecer e explorar diversas práticas de linguagem em diversos campos da atividade humana” (BRASIL, 2018, p. 65) para, assim, continuar seu processo de conhecimento e aprendizagem, contribuindo para a evolução pessoal e das práticas em sociedade.

Nessa perspectiva, entende-se a importância de abordar-se, no meio escolar, não apenas textos escritos, como também os diversos gêneros multissemióticos (memes, gifs, vídeos, imagens diversas etc.) que surgem em decorrência da

evolução da internet. Assim, devemos explorar os meios digitais e os gêneros que circulam nessa esfera da atividade humana, pois fazem parte do cotidiano e das práticas sociais contemporâneas.

No capítulo 1, trouxemos os aportes teóricos de nossa pesquisa, fundamentada no interacionismo sociodiscursivo (ISD), que concebe a linguagem em uma perspectiva social e fornece compreensão para as questões da atividade humana. Nesse capítulo, trouxemos alguns conceitos fundamentais para a compreensão das análises realizadas, como o humor, a ironia, a ideologia, as vozes existentes em um texto, entre outros elementos. Discorreremos sobre a relação dos gêneros discursivos e as esferas de circulação, bem como sobre a atividade humana jornalística e os gêneros opinativos, pois o texto analisado faz parte dessa esfera, uma vez que se origina a partir de fatos que são noticiados, sendo escrito, inclusive, por jornalistas que buscam, por meio do humor, retratar situações polêmicas. Assim, torna-se fundamental entender que uma das funções da prática jornalística é interpretar o mundo para entender-se a função do texto humorístico que, ao abordar temas controversos, pode suscitar dúvidas, discussões, posicionamentos.

No capítulo 2 deste trabalho, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa e descrevemos como o texto foi selecionado para posterior análise e também expusemos o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa. Depois disso, discorreremos sobre os procedimentos utilizados para as análises referentes ao contexto de produção, ao plano geral e às vozes.

Durante nossa pesquisa, percebemos que os textos humorísticos coletados para leitura inicial, no período aproximado de um ano, têm como foco principal a política ou as pessoas envolvidas com a política. Os textos foram coletados de um site exclusivamente de humor e, no caso do texto selecionado para análise, do *blog The Piauí Herald*, traz uma proposta totalmente bem humorada em relação a assuntos sérios e polêmicos do dia a dia, deixando claro que o objetivo é humorístico.

No capítulo 3, apresentamos as análises dos elementos elencados acima. Constatamos que o propósito do texto analisado somente pode ser compreendido à luz do contexto em que foi produzido. À vista disso, foi descrito, nesse capítulo, o que se passava no contexto sócio-histórico quando da sua produção, ou seja, em junho de 2020. Como a temática do texto trata da pandemia da Covid-19 e das polêmicas em relação à questão de um novo conceito de *praça de contaminação*

(advindo do conceito de praça de alimentação), foi preciso partir da compreensão do momento sócio-histórico em que o país se encontrava naquela ocasião.

Em seguida, relatou-se sobre a pandemia a nível nacional e também mundial, sobre as posições políticas dos líderes do nosso país, as questões de saúde que envolviam o polêmico isolamento social e os cuidados preventivos em relação à doença, cuidados estes que deveriam (e devem) seguir as diretrizes da OMS (Organização Mundial da Saúde). Relatou-se também sobre as posições políticas e de enfrentamento à pandemia adotadas pelos líderes brasileiros a nível nacional, estadual e municipal, mostrando divergências entre os poderes, o que instaurou, em um primeiro momento, um cenário de caos e desespero em relação às tratativas dessa pandemia sem precedentes.

Importante salientar que a pandemia da Covid-19 teve seu início, oficialmente, no Brasil, em março de 2020. O texto analisado data no dia 12 de junho de 2020, contexto em que a pandemia vinha em uma assustadora crescente, com números que aumentavam dia após dia em relação aos infectados e mortos, e isso apavorava não apenas o Brasil, mas o mundo todo. Não tínhamos vacinas nem tratamento que fosse adequado. As disputas políticas pareciam transcender a importância de preservar-se a vida, revelando discordâncias entre os poderes da esfera federal e dos governos estaduais. Naquele momento, no Brasil, havia mais de quarenta e um mil mortos pela Covid-19. Hoje¹⁶ (com a troca de quatro Ministros da Saúde em menos de dois anos) já são mais de seiscentos e sessenta mil mortos e mais de trinta milhões de infectados.

Com relação ao primeiro objetivo de pesquisa – caracterizar o contexto de produção do texto selecionado –, observamos que o texto analisado, por ser produzido por um site especializado em humor, cumpriu com a sua função ao expor a realidade de maneira caricatural. O *The Piauí Herald* é um *blog* humorístico que faz parte da Revista Piauí que possui versão *on-line* e impressa. A Revista possui uma periodicidade mensal; o *blog*, no entanto, publica seus textos de humor semanalmente. O texto analisado foi publicado no dia 12 de junho de 2020 e foi escrito pelos redatores Roberto Kaz e Afonso Capellaro e supervisionado pelo jornalista Olegário Ribamar.

¹⁶ Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: abril de 2022.

Em relação ao segundo objetivo de pesquisa – descrever o plano geral do texto, ou seja, discorrer como o conteúdo temático é organizado –, constatamos, ao analisar o plano geral, que se trata de um texto curto, com um *layout* que lembra o de uma página de uma notícia de jornal. Porém, a análise atenta de todos os elementos, verbais e não verbais, que o compõe, leva-nos a perceber que não se trata de uma notícia, mas, sim, de um texto humorístico, que circula nas mídias digitais e é facilmente compartilhado. Por intermédio das análises dos tópicos discursivos de cada parágrafo, observamos o caráter humorístico do texto devido aos absurdos ali expostos. Assim, por ser um texto que trata de um assunto sério por meio do humor e da ironia, pode, às vezes, não ser compreendido como um texto de teor humorístico, pois traz em sua estrutura (e apenas em sua estrutura) elementos que podem assemelhar-se a um texto informativo. Foi por meio da análise de todo o plano geral, desde o título, as imagens e os parágrafos, que pudemos, mediante uma leitura minuciosa embasada nas teorias mencionadas anteriormente, que chegamos às análises descritas no capítulo 3 deste trabalho.

Após discorrermos sobre as primeiras categorias de análise, que tratam do contexto de produção e do plano geral, chegamos ao ponto central do nosso trabalho, que é a identificação, a análise e a interpretação das vozes presentes no texto. Assim, em relação ao terceiro objetivo de pesquisa – identificar e interpretar as vozes encontradas no texto humorístico selecionado –, constatamos que, em relação aos tipos de vozes, foram identificadas vozes implícitas e explícitas de personagens reais e fictícias, vozes sociais evidenciadas por meio do discurso direto e indireto, pré-construídos, estrangeirismos, ironia e também a voz dos enunciadores, essencial para a compreensão do texto e sua finalidade discursiva, pois é a partir dela que se compreende, de fato, a crítica social que se faz em torno das situações satirizadas. .

Como revelado no quadro síntese do capítulo de análises “Demonstrativo de algumas vozes identificadas no texto”, as principais marcas linguísticas que revelam vozes identificadas são as aspas, que podem marcar um distanciamento entre o discurso citado e o discurso citante ou, ainda, revelar a fidelidade do discurso citado; os verbos de dizer, que marcam as fronteiras entre o discurso citado e o citante no discurso indireto ou no discurso direto; empréstimos linguísticos a partir de línguas estrangeiras, que representam uma linguagem elitizada irônica que se dirige, principalmente, àqueles que dominam o idioma em questão; palavras e expressões

que revelam ironia, interpretada por meio do contexto; enunciações que parecem absurdas, mas que estão ali justamente para criticar através do humor e levar o leitor à reflexão.

No final do capítulo 3, elaboramos algumas atividades como sugestão para trabalhar-se com o texto humorístico em sala de aula, que têm como foco principal, assim como a nossa pesquisa, o contexto e as vozes; porém, o texto pode trazer outras inúmeras possibilidades de atividades didáticas.

Por meio das análises linguístico-discursivas, verificamos que as ideologias são evidenciadas tanto no campo dos discursos das personagens envolvidas, como também na linguagem do enunciador/produtor do texto. As ideologias são percebidas mediante as vozes explícitas e implícitas que compõem os enunciados do texto, evidenciadas por meio das marcas linguísticas mencionadas anteriormente. Percebemos, também, que as construções linguísticas se revelam fundamentais na composição do humor permeado de ironia, identificado por meio do contexto e das diversas vozes marcadas ideologicamente nos discursos que o compõe.

O texto humorístico analisado tem como objetivo principal divertir o público leitor, ao mesmo tempo em que o faz refletir, pois trata de assuntos sérios, decorrentes de um contexto de pandemia que se utiliza do humor e da ironia para retratar situações polêmicas, revelando posicionamentos que dizem respeito à vida em sociedade. Observa-se, também, através das vozes identificadas, que se trata de um texto opinativo, pois revela ideologias, tanto nas vozes reais, fictícias, sociais, como também por meio de seus enunciadores.

O estudo dos textos humorísticos possibilita que, ao mesmo tempo em que se aborde questões relacionadas ao ensino-aprendizagem de aspectos concernentes à língua, o faça de maneira atual e dinâmica, pois estes textos fazem parte do cotidiano das pessoas e são de fácil acesso por serem compartilhados facilmente por meio das diversas mídias sociais.

Pensando na leitura como instrumento eficaz para a compreensão de mundo, para que o sujeito atue na sociedade em que vive, de maneira crítica, os estudos sobre o texto humorístico mostram-se fundamentais nesse processo, pois, segundo Dolz e Schneuwly (2011), o indivíduo precisa desenvolver as capacidades de linguagem para que consiga aperfeiçoar a leitura crítica e, conseqüentemente, reconhecer os gêneros que lhe são apresentados, como também as funções que estes gêneros desempenham na sociedade. Para o desenvolvimento dessas

capacidades, é preciso que o sujeito/leitor reconheça o momento sócio-histórico em que está inserido e também reconheça o gênero, no caso desta pesquisa, como sendo humorístico, e os suportes/veículos em que é publicado. Esta pesquisa vem contribuir, de modo especial (mas não só), com a capacidade de linguagem linguístico-discursiva, especificamente referente aos mecanismos enunciativos no que diz respeito às vozes.

Além disso, o texto humorístico é criado a partir de fatos reais, situações vividas, personagens reais e fictícias que surgem em meio a contextos polêmicos e de relevância social e sua importância é percebida na medida em que traz à tona temas polêmicos. Por parte do leitor, pode haver ou não certo grau de criticidade, reflexo das representações ideológicas do sujeito.

O texto humorístico analisado tem como suporte, como já mencionado, um site especializado em veicular textos dessa natureza. Esse site deixa claro aos seus leitores sua intenção, que é divertir e não enganar. Entretanto, a falta de compreensão de fenômenos linguísticos presentes nesses textos e do contexto ao qual eles se referem ou estão inseridos pode fazer com que as pessoas, ao receberem esses textos compartilhados pelas mídias sociais, não os percebam como sendo de humor, podendo confundir aspectos de seus conteúdos com acontecimentos verídicos, o que mostra a importância de análises para a compreensão desse tipo de texto e também a importância de desenvolver trabalhos didáticos com os alunos como forma de desenvolver suas capacidades de linguagem e criticidade.

O trabalho desenvolvido nesta pesquisa procura salientar a importância de trabalhar-se textos que circulam nas mídias digitais. Com o objetivo principal de analisar o contexto de produção dos textos humorísticos, o plano geral e as vozes presentes nos discursos desses textos, buscamos evidenciar a importância desta pesquisa como forma de contribuir com o trabalho do professor de língua portuguesa, podendo auxiliá-lo a partir da sugestão das atividades didáticas trazidas ou na elaboração de outras atividades, utilizando-se de diversos gêneros textuais que circulam nas mídias digitais, como orienta a BNCC (2018), para o ensino da leitura de maneira contextualizada e reflexiva.

Para finalizar, este trabalho poderá contribuir com as pesquisas do ISD no que diz respeito os estudos dos mecanismos enunciativos, especificamente, no que se refere às vozes e, de modo mais amplo, aos estudos da linguística aplicada no

que concerne ao ensino-aprendizagem de textos a serem utilizados pelo professor na sala de aula, em diversos níveis de ensino.

REFERÊNCIAS

ABRUCIO *et al.* Combate à COVID-19 sob o bolsonarismo federalista: um caso de descoordenação intergovernamental. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro. vol. 54, nº 4, p. 663-677, jul./ago. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/bpdbc9zSGCKZK55L3ChjVqJ/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 set. 2021.

ALAVARCE, Camila da Silva. *A ironia e suas refrações: um estudo sobre a dissonância na paródia e no riso*. São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica, 2009.

ARAUTO. In Dicio, Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/arauto/>> Acesso em: 22 abr. 2022.

AZEVEDO, Fernando Antônio. PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014). *Opinião Pública*, Campinas, vol. 24, nº 2, p. 270-290, mai./ago. 2018. Disponível em: < [https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IMf3T6swNQ_MDA_4092d_/2-PT%20e%20os%20editoriais%20da%20grande%20imprensa%20\(1989-2014\).pdf](https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IMf3T6swNQ_MDA_4092d_/2-PT%20e%20os%20editoriais%20da%20grande%20imprensa%20(1989-2014).pdf)>. Acesso em: 04 set. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Os Gêneros do discurso. Trad. Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BENEVIDES, Pablo Severiano. Verdade e ideologia no pensamento de Michel Foucault. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Campos dos Goytacazes, RJ. vol. 3, nº 1, p. 88-101, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1084/821>>. Acesso em: 25 jul. 2021.

BERGSON, Henri. “*Ensaio sobre a significação do cômico*”. Tradução: Nathanael C. Caixeiro, Ph.D. em Filosofia, Universidade do Texas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2ª ed. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 2008.

BOSQUEROLLI, Arthur Martins *et al.* BRASIL e o mundo diante da COVID-19 e da crise econômica. PET Economia UFPR, s.d. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/porta.ufpr/wp-content/uploads/2020/07/Brasil-e-o-mundo-diante-da-Covid-19-e-da-crise-economica.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRONCKART, Jean Paul. *Atividades de Linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CEREJA, William. Significação e tema. Em: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. p. 201-220. 5ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

COUTO, Joaquim Miguel. Alguns resultados macroeconômicos do primeiro ano do governo Bolsonaro. *A Economia em Revista*. Maringá, PR. vol. 28, nº. 3, p. 93-99, set./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EconRev/article/view/57276/751375152217>>. Acesso em: 13 set. 2021.

CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DWECK, Esther; TEIXEIRA, Rodrigo Alves. *A política fiscal do governo Dilma e a crise econômica*. Texto para discussão. IE- Unicamp. Campinas, nº. 303, p.01-42 jun. 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325260667_A_politica_fiscal_do_governo_Dilma_e_a_crise_economica>. Acesso em: 21 jul. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8ª ed. Curitiba: Positivo, 2010. 960 p. ISBN: 978-85-385-4240-7.

GENRO, Deborah Cattani. *Afinal, o que é pseudonotícia?* Um estudo sobre o *The i-Piauí Herald*, o Sensacionalista e o Laranja News. 130 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - PUCRS, Porto Alegre, RS, p. 2014.

Folha informativa sobre COVID-19. Organização Mundial da Saúde, OPAS/OMS, 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

GOIS, Miguel Ventura Santos. A Influência dos estrangeirismos na língua portuguesa: um processo de globalização, ideologia e comunicação. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro, ano 14, nº. 40, p. 14-34, 2008. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO14/40/_RPH40.pdf>. Acesso em: 06 set. 2021.

GONÇALVES, Leandro A. Pires. Mais um ministério de farda: coronavírus e militarismo, a dupla carga epidêmica sobre a Saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, vol. 30, nº 4,, p.1-10, 2020.

GUARESCHI, Neuza. Ideologia e discurso. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 22, nº 2, p. 165-185, jul./dez. 1997. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71370>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

GUIMARÃES, Elaine. Brait, Beth Ironia em perspectiva polifônica. *Revista da Anpoll*. Campinas, vol. 1, nº 3, p. 227-230, 1997. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/267/280>>. Acesso em: 13 jun. 2021.

GURGEL, Carlos Sérgio. Breves anotações sobre a Lei federal nº 13.982/2020, que criou o auxílio emergencial em tempo de covid-19. *Revista Jus Navigandi*, Teresina, ano 25, nº. 6123, 06 abr. 2020. Disponível em: < <https://jus.com.br/artigos/80884>>. Acesso em 15 jul. 2021.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Trad. Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

LOBATO, Rafael Campos Amaral. *Blog The Piauí Herald: uma análise do jogo paródico-irônico em torno de Dilma Roussef*. 105 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B6AMD2>>. Acesso em 23 abr. 2022.

MACEDO, Joana Dar'c Ferreira de; MEDEIROS, Rosana Muniz de. *Formações ideológicas materializadas nas condições de produção do novo ENEM*. Site anpae.org.br, 2011. Disponível em: <<https://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0252.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

MACHADO, Anna Rachel. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACHADO, Irene. *Gêneros discursivos*. In: Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

MACHADO, Rosely Diniz da Silva. *O funcionamento discursivo de charges políticas*. 84 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS, 2000. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Charges_politicas-Rosely_Machado.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva; Décio Rocha. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

MARQUES, Rita de Cassia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. A pandemia de COVID-19: interseções e desafios para a história da saúde e do tempo presente. *Coleção História do Tempo presente*. Rio de Janeiro, vol. III, p. 225-249, 2020. Disponível em: < <https://portal.fiocruz.br/documento/pandemia-de-covid-19-intersecoes-e-desafios-para-historia-da-saude-e-do-tempo-presente>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. *A natureza dos gêneros e dos formatos jornalísticos*. In: SEIXAS, L.; PINHEIRO, N. F. (Orgs). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística*. Florianópolis: Insular, 2013.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório*. Intercom - RBCC: *Rev. Bras. Ciênc. Comun.* São Paulo, vol. 39, nº 1, p. 39-56, jan./abr. 2016. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 20 out. 2021.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: A linguagem como condição e solução. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>> Acesso em: 26 abr. 2022

MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene. *Integração e Interação entre as diferentes esferas sociais: universidade, escola e família*. Projeto de Pesquisa cadastrado na Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Circulação interna). UTFPR, Dois Vizinhos, 2014.

MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene. O interacionismo sociodiscursivo: elaboração de modelo didático para o ensino de gêneros textuais. *Revista Educação e Linguagens*. Campo Mourão, Vol. 2, nº. 3, p. 75-88, jul./dez. 2013.

MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene. *Resenha e verbos de dizer: escrita acadêmica*. Curitiba: Editora UTFPR, 2016.

MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene. *Significação e sentido a partir da abordagem dialógica discursiva*. Texto elaborado para a disciplina “Significação e sentido” do Curso de Especialização em Letras: Linguagem e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco (Circulação interna). 2014.

NOTA PÚBLICA: CNS repudia declarações do presidente que ofendem profissionais da saúde e incitam ódio. *Conselho Nacional de Saúde*, 2020. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1224-nota-publica-cns-repudia-declaracoes-do-presidente-que-ofendem-profissionais-de-saude-e-incitam-odio>> Acesso em: 15 jul. 2021.

OLIVEIRA, Anaís Andrea Neis. A identificação do humor marcado pelo contexto de produção e inserção de vozes em uma notícia fictícia. Em: MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene (Org.). *Linguagem e trabalho educacional: textos e trabalho docente*. Fictícia. p. 109-125. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

OREIRO, José Luís; PAULA, Luiz Fernando de. Macro Economia da Estagnação. *Insight Inteligência*, Rio de Janeiro, p.90-99, ed. 87, 2019. Disponível em: <<https://inteligencia.insightnet.com.br/pdfs/87.pdf>>. Acesso em 13 jul. 2021.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Jair Bolsonaro, líderes evangélicos, negacionistas e a politização da pandemia do novo coronavírus no Brasil. *Sociedad y Religión*. Argentina. Vol. 30, nº 54, p. 121-147, 2020. Disponível em: <<http://www.ceil-conicet.gov.ar/ojs/index.php/sociedadreligion/article/view/728>>. Acesso em: 18 jul. 2021.

POSSENTI, Sírio. *Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso*. 1ª ed. São Paulo, Parábola Editorial: 2018.

POSSENTI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

POSSENTI, Sírio. Limites do humor. *Língua e Literatura: Limites e Fronteiras* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras (Santa Maria). Santa Maria, RS, nº.26, p. 103-110, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/647>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

ROCHA, Arthur de Oliveira. *Paródia satírica e crítica midiática nas notícias fictícias do site Sensacionalista*. 141 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: < <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/23724>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

ROJO, Roxane Helena R.; BARBOSA, Jacqueline P. Barbosa. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. 3ª ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

SENHORAS, Elói Martins. COVID-19 e os padrões das relações nacionais e internacionais. *Boletim de Conjuntura* (BOCA). Boa vista, RR, Ano II, vol. 3, nº 7, p. 105-110, 2020. Disponível em: < <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/110>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SHOPPINGS das Zonas Sul e Oeste de SP reabrem com controle de clientes e aferição de temperatura. *G1 SP*, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/11/shoppings-das-zonas-sul-e-oeste-de-spreabrem-com-controle-de-clientes-e-afericao-de-temperatura.ghtml>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SILVA, Mygre Lopes da; SILVA, Rodrigo Abbade da. *Economia brasileira pré, durante e pós-pandemia do COVID-19: impactos e reflexões*. OSE Observatório Socioeconômico da COVID-19. UFSM, p. 1-11, 2020. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discuss%C3%A3o-07-Economia-Brasileira-Pr%C3%A9-Durante-e-P%C3%B3s-Pandemia.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

TESTA, Luana Fossati. *Vozes refletidas e refratadas em memes sobre o discurso do professor*. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, PR, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4919>>. Acesso em: 17 set. 2021.

VALLE, Karoline Faria do. Figuras de linguagem em editoriais da revista “Veja” e “Exame”: a presença da subjetividade em textos jornalísticos. *e-hum* - Portal de Revistas Eletrônicas do UnibBH. Belo Horizonte, vol. 4, nº 1, p. 61-77, 2011. Disponível em: <<https://revistas.unibh.br/dchla/article/view/433/233>>. Acesso em: 18 out. 2021.

VALEIRÃO, Kelin. *Ideologia como dispositivo biopolítico*. 146 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2014. 146 f.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ANEXO

Rebranding: para atrair público, shoppings criam conceito de Praça de Contaminação

12jun2020_16h32



Além dos mascotes de morcego, os shoppings contrataram o menino do filme *O Sexto Sentido* para ser garoto-propaganda da nova empreitada. “I see dead communists”, ele tem dito, para não assustar os patriotas

SEXTO SENTIDO, SÉTIMO PALMO – Em mais um movimento de inovação do comércio nacional, a Associação Brasileira de Shopping e Cadáveres anunciou hoje o lançamento das chamadas “praças de contaminação”, que passam a ocupar o lugar das obsoletas praças de alimentação em centros comerciais de todo o país. “É um mindset totalmente novo. A gente tem como target esse público dinâmico, que acredita que o Brasil não pode parar e que quer ir de encontro ao corona. Então nesse dia dos namorados nós vamos ser o cupido desse romance”, disse um general, que é CEO da associação.

A novidade vem em meio a críticas sobre a reabertura do comércio durante o pico do número de mortos e contaminados pelo covid-19. “Como diria o poeta: o shopping tem que ir aonde o povo está. O pessoal tá na rua todo domingo, fazendo manifestação, se abraçando e tudo mais, então vamos passar a oferecer esse serviço premium em nossas instalações”, afirmou o dono da Havan, Luciano Hang, depois de chamar São Paulo de “o estado mais comunista do país”.

Entre as atrações anunciadas estão um self-service de diferentes safras de gripe, corrimãos gourmet e fliperamas contaminados, além de uma seção especial para pessoas do grupo de risco com mimos patrocinados por funerárias. Os shoppings também firmaram uma parceria com a Associação Brasileira de Dublês de Batman, que deve escalar todo seu contingente de homens-morcego para animar a criançada. “A ideia é que a gurizada já saia de lá toda contaminada, para ajudar o governo do presidente Bolsonaro a impor a imunização de rebanho nas novas gerações”, disse Hang. As contaminações serão feitas em 48 parcelas iguais de 2 mil infectados.

<https://piaui.folha.uol.com.br/herald/2020/06/12/rebranding-para-atrair-publico-shoppings-criam-conceito-de-praca-de-contaminacao/>